

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA

FRANCISCO DE ASSIS JÚNIOR

**O DESENVOLVIMENTO DA CAPACIDADE DE TER FÉ:
UM ESTUDO DO PONTO DE VISTA DA PSICANÁLISE DE
D.W. WINNICOTT**

CAMPINAS

2009

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e
Informação - SBI - PUC-Campinas

t155.2 Assis Júnior, Francisco de.
A848d O desenvolvimento da capacidade de ter fé: um estudo do ponto de vista da psicanálise de D. W. Winnicott / Francisco de Assis Júnior. - Campinas: PUC-Campinas, 2009.
124p.

Orientador: Leopoldo Pereira Fulgencio Júnior.
Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui bibliografia.

1. Self (Psicologia). 2. Fé. 3. Criatividade. 4. Dependência (Psicologia). 5. Psicanálise. 6 Ontologia. 7. Winnicott, D. W. (Donald Woods), 1896 - 1971. I. Fulgencio Júnior, Leopoldo Pereira. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

22.ed.CDD - t155.2

FRANCISCO DE ASSIS JÚNIOR

**O DESENVOLVIMENTO DA CAPACIDADE DE TER FÉ:
UM ESTUDO DO PONTO DE VISTA DA PSICANÁLISE DE
D.W. WINNICOTT**

Dissertação apresentada como exigência para obtenção do Título de Mestre em Psicologia, ao programa de Pós-Graduação na área de Profissão e Ciência, do Centro de Ciências da Vida, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Orientador: Prof. Dr. Leopoldo Pereira Fulgencio Júnior

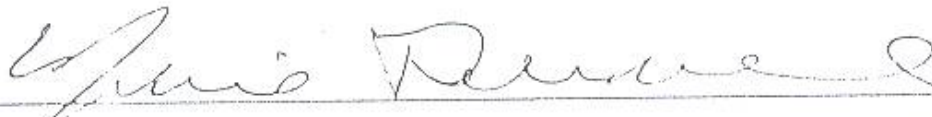
PUCC – CAMPINAS

2009

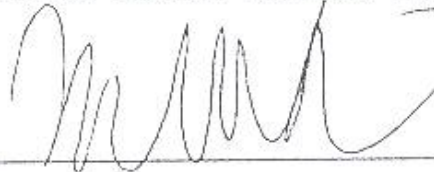
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Leopoldo Pereira Fulgencio Júnior



Prof. Dra. Maria Lucia Toledo Moraes Amiralian



Prof. Dr. Mauro Martins Amatzuzi

Campinas, 04 de FEVEREIRO de 2009

PUC - CAMPINAS

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Francisco de Assis Andrade e Maria do Socorro P. Andrade e
Aos meus irmãos e sobrinhos. Vocês são na minha vida a força que sempre me
fez acreditar que a vida vale a pena de ser vivida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha força e minha paz.

Aos meus familiares, de modo especial Socorro e Assis, meus pais que sempre me apoiaram e fortaleceram nas lutas de minha vida.

À PUC, seu reitor, professores e funcionários.

À CAPES, agência governamental que possibilitou esta pesquisa.

À Arquidiocese de Campinas, de modo particular D. Bruno, Pe. Carlos Nascimento e Pe. João Luiz Fávero, pelo fraterno apoio enquanto presbíteros que me possibilitou o exercício do meu ministério em terras campineiras. Deus lhes pague!

À Arquidiocese da Paraíba, na pessoa de D. Aldo Pagotto que me permitiu realizar este projeto.

Aos caros Irmãos Maristas. Obrigado pelo grandíssimo apoio sendo minha casa em Campinas.

Aos diletos amigos no sacerdócio Pe. Alex Bento e Pe. Alberto Carneiro. Obrigado pela força e pelo apoio amigo.

Ao meu orientador, Prof. Leopoldo Fulgencio. Obrigado pela capacidade de esperar por mim...

À Professora Norma Torres, revisora e grande amiga que muito me ajudou na finalização deste trabalho. Deus seja sua paz!

Ao querido Alex (Tico) e sua família Leda, Toninho e Déco. A amizade foi um inestimável amparo nas horas difíceis desta caminhada. Obrigadíssimo!

À querida amiga Pidinha Novais que nunca me faltou quando pesaram as dificuldades. Deus lhe ampare.

À Dra. Albanita Guerra que sempre me confortou com palavras amigas e sinceras. Deus seja sua força nesta vida.

À Clícia Martarello de Conti pelo apoio verdadeiramente sustentador. Deus lhe pague!

À colega de turma, Daniela Machado. Obrigado pela preocupação comigo, sobretudo quando os prazos apertavam. Tudo de bom na sua vida!

*“Mas tão certo quanto o erro de ser barco a motor
e insistir em usar os remos
é o mal que a água faz quando se afoga
e o salva-vidas não está lá porque não o vemos.”*

Renato Russo

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o desenvolvimento da capacidade de ter fé, fundamentando-a na doutrina de D. W. Winnicott. A teoria psicanalítica proposta por este autor considera que o amadurecimento é um processo que caminha da dependência inicial absoluta para a independência relativa na maturidade, considerando que a natureza humana é impulsionada por duas tendências básicas: *a necessidade de ser* e *a tendência inata à integração*. É no desenvolvimento deste processo que se desenvolve a capacidade para ter fé, o encontro com o si mesmo (*self*) e a constituição do Eu (como uma identidade unitária), todos frutos de um processo de integração trilhado nesta linha da continuidade de ser, que deve ser sustentada pelo ambiente. Winnicott identifica o surgimento da capacidade de ter fé no momento da passagem da fase da dependência absoluta para a dependência relativa, nas quais enfatiza, como fundamental, a relação mãe-bebê, como protótipo da relação com o ambiente em geral, seja do ponto de vista do observador seja do ponto de vista do bebê. Neste sentido, a linha de desenvolvimento desta pesquisa pretende explicitar o que Winnicott escreveu diretamente sobre a capacidade de ter fé, associando-a com a capacidade de ser espontâneo e de criar, relacionando-a com a questão da ilusão e desilusão nas fases iniciais do amadurecimento, bem como com a fase da transicionalidade, em especial, condicionando-a à relação de confiabilidade no ambiente. Ao final, na parte conclusiva deste estudo, pretende-se sugerir que tais entendimentos podem auxiliar na compreensão dos aspectos psicológicos envolvidos em fenômenos complexos relativos aos modos de viver e expressar a fé religiosa, sobretudo no que diz respeito ao fenômeno do pentecostalismo na religião católica.

Palavras-chave: desenvolvimento; capacidade para ter fé; dependência; criatividade; psicanálise.

ABSTRACT

The purpose of this research is to analyze the development of the capacity for having faith, substantiating it upon D.J. Winnicott's doctrine. The psychoanalyst theory proposed by this author regards that the maturity is a process that steps from the absolute initial dependency to the relative independence during matureness, considering that human nature is driven on by two basic tendencies: the necessity for being and the inborn tendency to the integration. It's during that process' development that it develops the capacity for having faith, the meeting with itself (self) and I's constitution (like an unity identity), all fruits of an integration process trodden in this line of being continuous, that musts being supported by the environment. Winnicott identifies the emergence capacity for having faith at the moment of the crossing from the absolute dependence to the relative dependence, in what he emphasizes, as essential, the relation mother-baby, as prototype of the relation with the general environment, is from the observer's viewpoint, is from the baby's viewpoint. In this sense, the development of this research's line intends to throw light on what Winnicott wrote directly about the capacity for having faith, associating it with the capacity for being spontaneous and for creating, relating it with the illusion and disillusionment question in maturity's initial stages, as like with the transicionality stage, in especial, conditioning it at the relation of reliability on the environment. At last, in the conclusive part of this study, one intends suggest that such understandings may aid in the psychological aspects comprehension let in for complex phenomenons relative to live and express way the religious faith, overcoat in respect of Pentecostal phenomenon in the Catholic Church.

Key-words: *development; capacity for having faith; dependence; creativity; psychoanalysis.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Aspectos gerais	1
1.2 Metodologia.....	7
1.3 Perspectiva teórica.....	9
1.4 Justificativa e objetivo.....	13
1.5 Desenvolvimento da pesquisa.....	15
II. CAPÍTULO 1: A TEORIA DO AMADURECIMENTO PESSOAL DE D. W. WINNICOTT.....	19
2.1 O paradigma winnicottiano: o exemplar, a teoria geral guia e os aspectos metafísicos ou ontológicos do paradigma.	20
2.2 A necessidade de ser, a tendência inata à integração e à constituição do si mesmo.....	21
2.3 A direção do amadurecimento: da dependência absoluta à independência relativa.....	34
2.4 As fases iniciais do processo de amadurecimento.....	66
III. CAPÍTULO 2: O DESENVOLVIMENTO DA CAPACIDADE DE TER FÉ NA OBRA DE WINNICOTT	76
3.1 Aspectos introdutórios.....	76
3.2 O surgimento da capacidade de ter fé na fase da “dependência absoluta”.....	80
3.3 O surgimento da capacidade de ter fé na fase da “dependência relativa”.....	102
3.4 O desenvolvimento da capacidade de ter fé no estágio “rumo à independência” e “independência relativa”.....	112
CONCLUSÃO	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	131

Introdução

1.1 Aspectos gerais

O tema desenvolvido neste estudo diz respeito a um dos aspectos fundamentais da vida humana. Trata-se do desenvolvimento da capacidade de ter fé, como algo que pode vir a se constituir numa das experiências vivenciadas pelo ser humano. Ainda que nem todos tenham alcançado esta capacidade, ela versa sobre algo profundamente ligado à realidade humana em sua complexidade de significados e sentidos.

O trabalho aqui apresentado, não obstante seja de cunho teórico, trata de uma questão relacionada à vida e ao cotidiano das pessoas. Com o objetivo de perceber como esse tema do desenvolvimento da capacidade de ter fé se faz presente na vida concreta das pessoas, são apresentados, a título de ilustração, dois quadros figurando em situações habituais da vida humana.

O primeiro é fragmento de uma música¹:

E o que disserem
Meu pai sempre esteve esperando por mim
E o que disserem
Minha mãe sempre esteve esperando por mim
E o que disserem
Meus verdadeiros amigos sempre esperaram por mim
E o que disserem
Agora meu filho espera por mim
Estamos vivendo
E o que disserem os nossos dias serão para sempre.

(Renato Russo)

O segundo quadro corresponde à citação de um psicanalista²:

Eis que um pai – mas pode ser a mãe – atira sorridente o bebê para o alto e o aguarda de volta, para que ambos, às gargalhadas, se encontrem no abraço seguro e confortável. A cena se repete muitas

¹ CD “A tempestade”, 13º faixa. EMI. Produção de Dado Villa-Lobos e Legião Urbana, 1996.

² Trata-se de um artigo publicado na Revista Brasileira de Psicanálise, cujo título é: *Confiança: a experiência de confiar na clínica psicanalítica e no plano da cultura*.

vezes, com a criança se divertindo cada vez mais e podendo cada vez mais fruir os momentos do susto, do vôo livre e da reconciliação final. A brincadeira se repete a *pedidos* do pequeno interessado. (Figueiredo, 2007, p.69)

É razoável pensar que uma pessoa não nasce acreditando nos outros, em si mesma e na própria vida. Diante destes dois exemplos que se referem a cenas do cotidiano da vida humana, podemos nos perguntar: Como nasce e como se dá o desenvolvimento da fé? Como surge a confiança e a relação de confiabilidade?

No primeiro quadro, tem-se esta questão posta na medida em que o autor afirma: “o meu pai sempre esteve esperando por mim”, tornando o sujeito extensivo em relação à mãe, aos amigos e ao filho. Além de expressar esta relação de confiança com as pessoas, o autor aponta ainda para um confiança que transcende a própria realidade histórica, humana, quando arremata: “Os nossos dias serão para sempre”.

O segundo quadro, igualmente ilustrativo, revela, numa cena tão simples e tão corriqueira, algo profundamente ligado à relação de confiabilidade: a criança ri quando é jogada para o ar porque se sente protegida e “sabe” que alguém a espera e a segura, impedindo uma possível queda. Esta confiança incondicional permite a aventura de brincar apesar dos riscos envolvidos.

Em vista de minha condição de ser, a um só tempo, presbítero católico e psicólogo, tenho percebido também vestígios dessa problemática quando lido com situações e pessoas nas quais vejo, através das suas inquietações e interrogações, algo que me conduz a pensar na questão da confiabilidade. Devido à minha relação de proximidade com problemas e situações relacionadas à fé de cunho religioso, noto, a partir desse lugar de observação, uma gama de circunstâncias que têm inevitavelmente como base uma certa demanda de ordem psicoafetiva, envolvida com sentimentos religiosos e que se manifesta em dificuldades de relacionamentos, sobretudo nos familiares. É notória também a facilidade com que se transporta para o plano religioso o drama vivenciado nestes envolvimentos, e que, em certos casos, revela pouca autoconfiança e esperança em si mesmo e muita desconfiança nos outros, quando não na própria vida.

Dentre as questões que despertaram minha atenção nesta associação entre a psicologia e a fé, destaco as experiências relacionadas à renovação carismática católica (RCC), expressão do pentecostalismo no âmbito do catolicismo, que possui, entre outras características, um forte apelo à expressão notadamente emocional da fé. Este fenômeno da experiência religiosa possui uma série de significados que apontam para a sua complexidade, uma vez que comportam aspectos sociológicos, antropológicos, políticos, teológicos e que têm estado no centro de muitos debates e, às vezes, controvérsias, em vista do impacto que propiciam. Considero, assim, que a análise dos aspectos psicológicos envolvidos nesta experiência poderia contribuir para a sua compreensão.

Evidentemente estes dados da minha experiência pessoal são extremamente complexos e demandariam uma exaustiva análise das múltiplas variáveis que compõem este universo das emoções e da vida religiosa. Quis elencar como, na minha prática de padre e psicólogo, aparece a questão que despertou o meu interesse intelectual e que, nesta pesquisa, procurei contemplar, procurando, num primeiro momento, entender os componentes humanos, psíquicos, que podem facilitar o entendimento da expressão religiosa da fé. Fiz, assim, um recorte delimitador da questão aqui aprofundada, que é a capacidade de ter fé, perguntando pela gênese dessa capacidade, isto é, como ela surge e como se desenvolve do ponto de vista psicológico.

Certamente esta pergunta – Como nasce a capacidade de ter fé? – pode ser dirigida ao teólogo, ao antropólogo, ao sociólogo, ao filósofo, etc., e cada uma destas áreas do conhecimento poderia reivindicar o direito de responder a ela, obtendo-se respostas que decerto consistiriam em precioso contributo à sua compreensão. Mas a pergunta também pode ser dirigida ao psicólogo e este, igualmente, pode colaborar na perspectiva de sua elucidação.

Muitas perspectivas psicológicas poderiam aprofundar esta temática, inclusive aquelas de base humanista-fenomenológica, no entanto este trabalho situa-se no campo da psicanálise, por esta fazer parte da formação e das convicções pessoais do autor deste estudo e de sua atuação prática, enquanto psicólogo. O que é substancial e deve ser considerado aqui, em vista de sua relevância para a compreensão do tema, é o fato de a psicanálise ressaltar o elemento inconsciente em suas análises do comportamento humano, pois baseia-se no princípio de que mecanismos inconscientes constituem-se e determinam de modo considerável os fenômenos do comportamento humano. Este parece ser, ao menos na perspectiva deste estudo, o caminho adequado para conduzir o desenvolvimento do tema.

Em se tratando da Psicanálise, faz-se necessário considerar que há, em Freud, uma insistência em reduzir as questões humanas à repressão da sexualidade, limitando-as ao âmbito dos fenômenos a ela associados, isto é, à sua metapsicologia, que tende a perder de vista outros aspectos importantes da

vida humana. Uma análise desse tema, tendo como base esta perspectiva teórica freudiana, estaria igualmente fadada a ser reduzida às questões relacionadas às pulsões, princípio do prazer, Édipo, enfim, aos temas prediletos de Freud, que têm seu lugar e sua importância, mas que circunscrevem e delimitam a existência humana e, invariavelmente, a reduzem e a condicionam ao âmbito de abrangência da sexualidade.

Verificando-se as referências secundárias à obra de Winnicott e os seus comentadores e tendo presente todo o desenvolvimento e história da Psicanálise, constata-se tratar-se de um autor importante, cuja teoria foi desenvolvida a partir de Freud, porém com avanços e alguns espaços abertos, em termos psicanalíticos, para a consideração de outras dimensões e outros temas não tocados por Freud e pela Psicanálise a ele ligada. Por exemplo, o sentido da vida, a noção de ser e da continuidade de ser, a idéia da provisão do ambiente e do cuidado humano, são todos temas relevantes na constituição teórica e na maneira como Winnicott constrói seu pensamento e prática clínica e parecem ter uma forma distinta da de Freud na compreensão da cultura e talvez da religião (Cf. 1987b; 1989xa³)⁴. Desse modo, Winnicott torna-se um autor ideal para ser estudado, sobretudo na perspectiva do que é pretendido neste estudo que contempla um tema referente às questões de ordem psicológica, porém com um olhar considerável para a dimensão existencial do psiquismo humano.

Considera-se, assim, pertinente o aprofundamento da teoria de Winnicott, em vista das suas abordagens sobre a vida humana não focada, exclusivamente, nas questões ligadas à sexualidade, e, mais ainda, pelo fato de ele haver tratado diretamente sobre “a capacidade de ter fé em...” (1963d; 1986k), aludindo a esta temática que é o objeto de interesse neste estudo. Deve-se considerar, igualmente, que aspectos específicos de sua obra poderiam contribuir para o aprofundamento e compreensão do tema.

Esta dissertação consiste, pois, em esclarecer o que D. W. Winnicott comentou a respeito, efetuando um grande recorte e foco específico num assunto extremamente complexo e passível de ser analisado sob perspectivas múltiplas.

Convém considerar que existem modos distintos de se compreender a obra e o pensamento de Winnicott⁵. Neste trabalho, leva-se em consideração a leitura e interpretação compartilhada pela Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana (SBPW) que, entre outros aspectos, advoga que o pensamento

³ A obra de Winnicott será citada a partir da *Lista completa das publicações de D. W. Winnicott*, estabelecida pelo professor Kund Hjulmand (1999). Nesta consta o ano da primeira publicação de cada artigo ou livro, bem como uma letra que designa a ordem em que este artigo foi publicado naquele ano. Pode-se verificar a lista completa que está on-line em [www.centrowinnicott.com.br/grupofpp/natureza humana](http://www.centrowinnicott.com.br/grupofpp/natureza%20humana).

⁴ A primeira referência trata-se de uma carta de Winnicott à sua irmã, na qual ele versa sobre quando a religião pode estar associada a certos distúrbios, mas que, uma vez tratados, podem devolver à religião o seu lugar positivo na vida e na cultura da sociedade. O segundo refere-se ao texto: “Sobre o uso de um objeto – O uso do objeto no contexto de Moisés e o monoteísmo”, uma referência a Freud, que tratou da religião no livro: “Moisés e a religião monoteísta”.

⁵ A leitura que se faz de Winnicott dentro do campo da Psicanálise é discordante. Há, por exemplo, os que o consideram kleiniano, diferindo desta doutrina apenas em grau (como é o caso de Joseph Aguayo, *International Journal of Psychoanalysis*, n. 5, v. 83, 2002, p. 1133 a – 1152). Mesmo os que assim não o consideram, fazem interpretações distintas de sua obra. Do ponto de vista da crítica mais relacionada à divergência em relação à sua obra, Dias (2003, p. 26ss) apresenta uma série de autores e suas críticas à obra winnicottiana e uma discussão sobre estas críticas.

de Winnicott constitui novo paradigma⁶ dentro da psicanálise. Este grupo compreende Winnicott dentro de uma leitura ampla de sua teoria do amadurecimento pessoal, que ressalta aspectos como: a tendência inata ao amadurecimento, à integração, à continuidade de ser e, de modo geral, a questões não necessariamente voltadas para as demandas da ordem da sexualidade.

Tendo brevemente situado a perspectiva geral sob a qual este trabalho é construído, buscando estabelecer alguns marcos-referência para este estudo, volta-se agora para refletir sobre a questão que serviu como mola propulsora, posta inicialmente. Winnicott interessou-se pela capacidade de acreditar enquanto potencialidade vista em si mesma. Refere-se à “capacidade de ter fé em...”⁷, apontando assim, não se tratar de fé transitiva em alguém ou em algo, mas na capacidade mesma de ter credibilidade e de dá-la ao mundo, à vida e a si mesmo. Winnicott responde à sua própria pergunta quando diz: “Fé em quê? Talvez em nada; apenas uma capacidade de ter fé”. (1986k, p.10). É nesta ordem de pensamento que se pode perguntar como se origina e como se dá o desenvolvimento da fé, entendida na perspectiva desta pesquisa e da teoria de Winnicott, em termos de confiança, crédito, crença, e não estritamente como vocábulo religioso de conotações teológicas, ainda que este não deixe de ser considerado.

Deve ser levado em consideração que Winnicott estabelece uma linha contínua de desenvolvimento que, partindo da dependência absoluta, chega à independência relativa. Assim, este trabalho consiste na descrição das etapas deste percurso, mostrando as tarefas, obstáculos e conquistas de cada uma. Neste processo do amadurecimento humano, Winnicott atribuiu papel determinante para o ambiente, entendido como o conjunto de cuidados e situações que cercam o bebê. Será na observação e na descrição desta relação nascente do bebê com o mundo, mediada pela sua relação com o ambiente (sobretudo, a mãe), que teremos algumas respostas importantes para o problema inicial (o desenvolvimento da capacidade de ter fé), pois é neste momento do amadurecimento humano que se pressupõe a conquista da relação de confiabilidade com a vida, com as pessoas e consigo próprio.

Esta questão posta por Winnicott – “capacidade para ter fé em...” – estabelece um horizonte teórico que deixa entrever que um estudo sobre a teoria deste autor, esclarecendo o que isto significa em sua obra e relacionando outros aspectos de sua teoria a esta temática, será um passo importante: primeiro, pelo estudo mesmo deste tema na obra de Winnicott, conhecendo-o e aprofundando-o; segundo, como forma de estabelecer as bases teóricas para compreensão de

⁶ No capítulo I, será aprofundada esta noção de paradigma na perspectiva de Thomas Kuhn (1922 – 1996) que, em sua obra “A estrutura das Revoluções Científicas” (1970), apresenta uma compreensão específica do termo ‘paradigma’, ampliando seu significado para além do uso habitual, isto é, não o limitando à terminologia literal que o insere no contexto de *modelo*, mas compreendendo-o sob conceitos próprios a partir dos quais a ciência se estabelece e se constitui como solução para os problemas que se apresentam.

⁷ Cf. “O ambiente e os processos de maturação” (1963d, p. 88 ss) e “A psicanálise e a ciência: amigas ou parentes?” (1986k), por exemplo. Em inglês, os termos *belief* (subst. = crença) e *to believe* (v. = crer) são sinônimos de *faith* e *creed* (= fé). Entre nós, o uso comum do termo “fé” parece estar mais habitualmente relacionado à questão da religião, embora, paralelamente ao inglês, fé seja sinônimo de acreditar, crença. Por isso manteremos esta opção do uso do termo fé, destacando ainda que os termos “confiança” e “confiar” advêm do latim *com fides* = com fé.

aspectos importantes do fenômeno religioso pentecostal e que, num futuro próximo, pode ser desenvolvido em termos de pesquisa.

1.2 Metodologia

Tem-se aqui o objetivo de explicitar o percurso metodológico desta pesquisa, apresentando as etapas e os caminhos seguidos para a sua realização.

Inicialmente cabe ressaltar que se trata de uma pesquisa teórica, isto é, um recorte temático da obra de D. W. Winnicott que versa especificamente sobre *o desenvolvimento da capacidade de ter fé*, lido na perspectiva do conjunto de sua teoria do amadurecimento humano, interpretado, por sua vez, de um determinado ponto de vista.

Diferentes perspectivas teóricas poderiam dar conta de compreender o tema deste estudo. Uma opção, no entanto, foi feita: escolheu-se a teoria psicanalítica de D. W. Winnicott que, por sua vez, apresenta um amplo e complexo conjunto de pensamentos que podem ser agrupados genericamente na sua “teoria do amadurecimento humano”. Visto que este autor é lido sob múltiplas abordagens (inclusive dentro da própria psicanálise), optou-se pela mesma compreensão que Loparic⁸ tem da teoria winnicottiana, a qual para leitura e entendimento este autor utilizou, de modo pioneiro, a noção de um instrumental que possibilitasse compreender como ele articula e constrói seu pensamento. Para tanto, Loparic lançou mão do termo paradigma, compreendido na perspectiva de Thomas Khun (1970), que o define, grosso modo, como um dado conjunto de teorias e conceitos, valores e modelos que, compartilhados por uma comunidade científica, auxilia na compreensão da estrutura interna de uma ciência, bem como na resolução de problemas a que esta ciência se coloca. O paradigma, segundo Khun, permite avaliar a maturidade de uma ciência na medida em que oferece os

⁸ Zeljko Loparic desenvolve, há mais de vinte anos, pesquisa no sentido de esclarecer a obra de D. W. Winnicott: “Esboço do paradigma winnicottiano” (2001a) e “De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática” (2006). A partir de seus estudos, constituíram-se grupos de estudos estabelecidos institucionalmente, surgindo o grupo Universitário de Pesquisa e Práticas Psicoterápicas, credenciado como linha de pesquisa junto ao CNPq, e a Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana, que atua mediante a ação específica dos Centros Winnicott no desenvolvimento de ações de pesquisa e formação. Este trabalho de Loparic tem fomentado o trabalho de pesquisadores com estudos já referenciados quando se trata de conhecer a obra de Winnicott. Entre estes, Dias com “A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott” (2003) e Fulgêncio com “Paradigmas na história da Psicanálise” (2006).

parâmetros para se verificar o “consenso” e o “comprometimento” entre os praticantes de uma ciência e a utilidade ou não desta ciência na resolução de problemas.

A conceituação de paradigma na perspectiva de Khun estabelece um conjunto de subconceitos que, conjugados, formam a totalidade da idéia de paradigma. Na composição do paradigma, figuram assim⁹: 1. *Um problema exemplar*, que é a referência e o modelo que serve de compreensão, formulação e solução dos problemas levantados por uma dada ciência; 2. *Uma teoria geral-guia* que se possa aplicar a todos os tipos de problemas; 3. *Um modelo ontológico*, que é a parte metafísica do paradigma e refere-se aos princípios e conceitos apriorísticos; 4. *Um modelo heurístico*, que é composto pelas analogias, comparações, metáforas e modelos aceitos com a finalidade de auxiliá-los na descoberta de problemas e suas resoluções. Sua finalidade é esclarecer e orientar na condução da pesquisa; e 5. *Um conjunto de valores teóricos (epistemológicos) e um conjunto de valores práticos* – o primeiro versa sobre a natureza e o tipo de conhecimento a ser produzido e o segundo diz respeito ao modo pelo qual este conhecimento deve ser construído e produzido.

De modo geral, o paradigma winnicottiano pode ser descrito, segundo Loparic (2006, p.8ss), pelo abandono do paradigma edípico, que se baseia “no papel estruturante da sexualidade (...)”, característica basilar da teoria metapsicológica de Freud, expresso ainda na singular frase de Loparic: “a criança na cama da mãe”. A perspectiva de Winnicott, segundo Loparic, é “o bebê no colo da mãe”, aludindo assim a alguém “que precisa crescer, isto é, constituir uma base para continuar existindo e integrar-se numa unidade”.

Neste estudo, o uso do conceito paradigma permitirá ver plasmada a teoria winnicottiana, compreendendo-a melhor e situando-a de modo orgânico no campo geral da ciência e particularmente na sua relação com a Psicanálise. O conceito de paradigma terá, assim, uma utilidade instrumental na leitura da obra de Winnicott, buscando compreendê-la na sua constituição geral, suas articulações internas e seus temas fundamentais, ou melhor, explicitando seu exemplar, sua teoria geral e seus aspectos metafísicos.

Sob a luz da teoria do amadurecimento pessoal e tendo presentes seus conceitos básicos e idéias centrais, procura-se focar o objeto deste estudo

⁹ Seguimos a sequência e a definição presente no trabalho de Fulgêncio (2003, p.3) que trata dos aspectos gerais dos paradigmas na psicanálise.

mediante a análise dos textos que se referem diretamente ao desenvolvimento da capacidade de ter fé. Esta análise considerou as citações em si mesmas e na sua relação com o todo da teoria winnicottiana para o amadurecimento humano, de modo específico seguindo a sequência dos estágios da dependência. Por fim, apresentou-se, a partir deste tipo de análise, uma conclusão que visa a comentar e pôr em relevo as relações destas partes com o todo, implicando, assim, no entendimento do que este autor versou sobre o desenvolvimento da capacidade de ter fé e, quiçá, na sua aplicação para compreensão de certos fenômenos humanos presentes nas relações humanas e na clínica psicanalítica.

1.3 Perspectiva teórica

D. W. Winnicott tem formação médica (pediatria). Sua experiência no trato com crianças o fez um exímio observador da vida infantil, especialmente das relações mãe-bebê. É deste lugar que Winnicott olha a vida humana, seu desenvolvimento, suas conquistas e suas doenças. Tornou-se depois psicanalista, com algumas especificidades na sua compreensão própria, algumas vezes divergente no enfoque de certos temas centrais da Psicanálise tradicional, desenvolvida sobretudo por Freud e Melanie Klein.¹⁰

Sobre o pensamento de Winnicott, expresso em sua obra, pode-se verificar diferentes leituras, tanto por parte dos que o aceitam e comungam de suas idéias como por parte dos que dele divergem. Há, neste universo de possibilidades na leitura de Winnicott, os que trilham caminhos próprios e desenvolvem leituras específicas deste autor, tomando alguns aspectos de sua obra e figurando-os no conjunto de suas próprias teorias. Cita-se, por exemplo, Gilberto Safra, Roberto B. Graña e José Outeiral. Dentre os que partilham de uma leitura mais abrangente e do pensamento mesmo de Winnicott apresenta-se a Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana (SBPW) e os centros ligados a ela. No sentido de analisar as “leituras divergentes”, ou seja, autores e correntes teóricas que divergem de Winnicott, Dias (2003) destaca uma série de críticos que apontam, entre outras deficiências, inconsistências teóricas e pouca clareza metodológica na teoria propriamente dita. Este pequeno esboço não pretende,

¹⁰ Aqui, a compreensão de Psicanálise tradicional remete aos conceitos clássicos metapsicológicos criados por Freud e desenvolvidos por Klein, a saber: pulsão, libido, catarse, etc., os quais identificam e demarcam um terreno no qual se pode reconhecer esta disciplina psicanalítica.

todavia, abrir uma discussão que demandaria um maior aprofundamento, mas tão-somente situar o autor pesquisado dentro de um panorama mais amplo e o lugar de onde esta pesquisa se situa para compreendê-lo.

Em termos gerais e no dizer de Fulgêncio (2007b), para Winnicott, o “motor da existência humana não se refere às pulsões ou ao princípio do prazer, mas ao que ele (*Winnicott*) denominou de ser¹¹ e de tendência inata à integração” (1987c [1966], p.8ss). Em Winnicott, assim, a psicanálise toma outro contorno voltado para um dado hereditário – a “tendência inata à integração ou ao amadurecimento” – e a necessidade de ser e continuar sendo. Fulgêncio (2007b) destaca que, para Winnicott, esta necessidade de ser e a tendência inata ao crescimento dependem de uma provisão ambiental que dê amparo e sustentação a este processo. O desafio da vida consiste, então, na maneira como a pessoa lida com esta relação com o ambiente, enfrentando, entre tantos desafios, o maior deles: a dependência.

É importante também registrar o modo peculiar de teorizar desenvolvido por Winnicott, que se caracteriza, não obstante o rigor na observação e na descrição teórica como cientista, pela busca por uma ciência que dê conta de apreender aquilo que é próprio da “natureza humana”, e que, num sistema fechado, ficaria comprometido, dissociado da especificidade do humano, em prol de sua objetificação e quantificação nos moldes da ciência natural à qual Freud teria filiado a Psicanálise. Mesmo tributando a Freud a cientificidade com que trata o desenvolvimento humano¹², o que é louvável para Winnicott, ele admite ser também esta sua herança intelectual, no entanto, ele não estaciona aí o seu pensamento, mas parte desse patamar para galgar um outro estágio: o de uma ciência da natureza humana. A esse respeito afirma Dias (2003):

Winnicott não pode, contudo, aceitar qualquer tipo de ciência e, certamente, não aceita a ciência natural à qual Freud filiou a sua psicanálise. O que Winnicott rejeita, nas ciências do homem, são as

¹¹ Ser, explica Fulgêncio (2007b), tem em Winnicott um sentido muito específico e vem a significar “ser a partir de si mesmo e não como uma reação”.

¹² Winnicott (1965t) refere-se a Freud como o iniciador de uma abordagem científica do problema do desenvolvimento humano e que fornece um método que se pode usar e desenvolver no sentido de aprender e verificar as observações dos outros contribuindo com as suas próprias observações. Aplica, assim à Ciência o seu conceito de criatividade utilizado na descrição do paradoxo fundamental sobre o qual se apóia todo o acesso à realidade, onde afirma que só se cria em cima daquilo que já é de certo modo dado. (Winnicott, 1967b, p.138). Reconhece, portanto, que a originalidade não sai do nada e que isso vale igualmente para o fazer científico que se quer criativo. (Dias, 2003).

tentativas de construir sistemas fechados ou de reduzir a vida humana a entidades físicas ou categorias quantificáveis. Ele sabe que uma tal ciência se equivoca no problema da natureza humana e tende a perder de vista o ser humano como um todo. (Dias, 2003, p. 37)

Preservando, portanto, o estatuto científico do rigor e da objetividade, Winnicott envereda por um caminho de uma nova linguagem, de uma linguagem singular para a descrição dos fenômenos relacionados aos estágios iniciais do desenvolvimento humano, por constatar não ser possível o uso da mesma linguagem disponível no âmbito da psicanálise, das ciências humanas e mesmo nas filosofias subjacentes a estas, para fazer frente às suas observações e descrição destes fenômenos. A esse respeito declara Dias (2003):

Tratando de questões relativas à experiência humana, e não a um aparelho psíquico, descrevendo relações entre pessoas, e não entre instâncias psíquicas, apontando para os detalhes da relação mãe-bebê, na “magia da intimidade” que aí reina, Winnicott tinha de criar uma outra linguagem. (Dias, 2003, p 43)

Com essa mudança de perspectiva epistemológica no trato das questões ligadas à natureza humana, Winnicott fornece material suficiente para uma discussão posta no seio da Psicanálise e que suscita discussões e debates muitas vezes polêmicos, que conduzem à seguinte questão: Estamos diante de um novo paradigma¹³ na Psicanálise?

Não cabe aqui prolongar este assunto, pois o mesmo será retomado no trato específico de cada tema discutido no capítulo I. A menção foi feita para situar Winnicott dentro do campo geral da Psicanálise e sobretudo apontar para sua contribuição específica à Psicanálise, ou seja, o fato de “ter proposto uma teoria do amadurecimento pessoal do ser humano e uma teoria dos distúrbios

¹³ Por exemplo, é o que defende Loparic (1997b) quando diz que Winnicott, em relação à teoria psicanalítica, introduz conceitos que formam um novo quadro ao romper, em certo sentido, com um conjunto teórico anterior dentro da perspectiva descrita por Kuhn, que formulou a noção de paradigma como “as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (p.13). Fulgêncio (2007, p.4) também corrobora com este pensamento ao dizer que (...) “Winnicott refez a teoria psicanalítica, seja introduzindo novos fatos e fatores a serem considerados no processo de amadurecimento, seja redescrevendo, a partir dessas descobertas, o que a psicanálise tradicional formulara dentro do paradigma proposto por Freud.

psíquicos, em especial das psicoses, articuladas internamente e conectadas entre si” (Dias, 2003).

Procurando compreender o modo de elaboração teórica e a concepção do trabalho científico, próprios de Winnicott, Dias (2003) ressalta o caráter singular deste autor no que tange à sua liberdade de expressão e mesmo um certo desapego às regras de sistematização e rigor na descrição teórica de seus trabalhos. “Para mim, não há importância alguma em saber se eu disse primeiro alguma coisa ou se ela já foi dita”, afirma Winnicott, na citação de Dias (2003) ¹⁴. Esta frase revela a liberdade de Winnicott em pensar e pensar livremente sem se deter em convencionalismos e dogmas científicos.

Não obstante este modo peculiar de teorizar e fazer ciência, Winnicott desenvolveu um sistema que conserva uma unidade interna de pensamento. Segundo Dias (2003), um único trabalho deste autor – *Natureza Humana* (1988) – possui uma unidade sistemática; os demais constituem coletâneas de conferências e palestras, ou seja, trata-se de escritos avulsos reunidos posteriormente numa só obra, sem organicidade, exigindo de nós a busca de outros estudos voltados à compreensão interna da totalidade da obra de Winnicott. É o caso, por exemplo, da própria Elsa Dias, no seu livro *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*, que procura contribuir na perspectiva de dar um certo corpo, ou unidade, à teoria winnicottiana. Diz a autora:

O objetivo deste livro é o de integrar e apresentar de maneira unitária e organizada os vários elementos conceituais que perfazem a teoria do amadurecimento. Para tanto, foi preciso agrupar e comparar textos os mais diversos, uma vez que o autor refere-se a um ou outro estágio, em partes variadas de sua obra, sem chegar a reuni-los num conjunto. (Dias, 2003, p.16)

Feitas estas preliminares, consideradas certas idiossincrasias da obra e do autor, com seu modo particularmente notório de teorizar e expressar o próprio pensar¹⁵, cabe agora dizer que se considerou, nesta pesquisa, o

¹⁴ Trata-se aqui do texto “O gesto espontâneo” (1987b).

¹⁵ Citando Masud Khan, Adam Phillips menciona “Winnicott, o mais ele mesmo dos psicanalistas que conheci”. Adam Phillips. Winnicott, Idéias e letras. 2006. p.9. Dias (2003) corrobora com essa visão ao concluir: “Quero, portanto, sugerir que a singularidade da linguagem de Winnicott não se deve tão-somente à sua liberdade ou necessidade de ser pessoal em tudo o que faz, mas, soubesse ele ou não, a uma necessidade teórica e metodológica bem estabelecida, decorrente de sua nova perspectiva.”

arcabouço teórico de Winnicott, que desenvolveu uma *teoria do amadurecimento normal*, a qual constitui, segundo ele próprio, a “espinha dorsal” de sua prática clínica e teórica (Dias, 2003).

1.4 Justificativa e objetivo

Este estudo parte da compreensão de que a Psicologia, de modo geral, e a Psicanálise em particular, podem contribuir no sentido de promover uma maior e melhor compreensão dos fenômenos psicológicos que permeiam os comportamentos humanos. Estudar, pesquisar, compreender, para melhor intervir no sentido de possibilitar novas maneiras de se lidar com a realidade humana, nos seus aspectos psíquicos, afetivos e emocionais levando em consideração, sobretudo, quando estas situações não favorecem a saúde e o bem-estar das pessoas. Aqui se partilha a idéia de que a Psicologia deve produzir conhecimento e que este conhecimento deve ter como princípio e como objetivo a intervenção na vida concreta das pessoas, agindo favoravelmente ao desenvolvimento e sendo instrumento na mudança do comportamento individual e coletivo. Nesta linha de reflexão e concordando com este pensamento, assim diz Aguiar (1992):

À medida que os indivíduos se tornarem conscientes das forças que influenciam seu comportamento, terão condições objetivas de se contraporem a influências e manipulações, tornando-se mais livres e responsáveis pelas suas próprias ações. O conhecimento científico da Psicologia pode, em síntese, ser usado para libertar ou escravizar, para tornar os indivíduos seres atuantes ou seguidores passivos. (Aguiar, 1992, p.88)

Winnicott é autor clássico da Psicanálise e sua perspectiva teórica possibilita a discussão e a ampliação do tema a que nos propomos neste estudo. A questão da capacidade de ter fé foi extraída diretamente da obra de Winnicott. Outros aspectos de sua teoria possibilitam correlações com esta questão¹⁶ e dão

¹⁶ Queremos dizer com isso que outros temas desenvolvidos por Winnicott, não obstante tratem de questões que não tocam diretamente nesta temática, possuem conexões estreitas e ampliam sua compreensão. Por exemplo, ao abordar os objetos e fenômenos transicionais (1971vb), desenvolve um tema que possibilita a

margem para ampliar e desenvolver este tema pouco trabalhado no âmbito da Psicanálise e, ao mesmo tempo, na própria obra de Winnicott, cujo pensamento, em termos de estudo e pesquisa, ainda está em desenvolvimento.

Do ponto de vista do estudo e da pesquisa, a teoria de Winnicott desperta atualmente muito interesse. Foi publicado no *International Journal of Psychoanalysis*, o artigo, “Authors who have an impact on candidates’ training: Cultural differences and theoretical languages” (cf. <http://www.iipa.org/>), que discute uma pesquisa na qual foi pedido a analistas em formação na IPA (Internacional Psychoanalysis Association), em três continentes (América do sul, do Norte e na Europa), que assinalassem numa lista de 50 referências, os autores psicanalíticos que consideram do interesse deles. Feita a tabulação, o nome de Winnicott destacou-se no cômputo geral. Este interesse crescente pela sua obra é possível de ser verificado quando são acessados, pela Internet, dados em banco de teses ou artigos publicados nos últimos dez anos¹⁷. Em termos de Brasil, Dias atribui ao livro *O Ser e o Viver: uma visão da Obra de Winnicott (1989)*, de Júlio de Mello Filho, a distinção de marco inicial dos estudos brasileiros sobre Winnicott (Dias, 2003, p.25).

Este trabalho insere-se neste contexto que aponta para novas perspectivas teóricas a serem conhecidas e aperfeiçoadas no que concerne ao desenvolvimento da psicanálise e à compreensão dos fenômenos humanos que carecem de contribuições e respostas da ciência em vista de sua elucidação.

Justifica-se, assim, este estudo, a partir de contribuições importantes que, entendemos, Winnicott tem a oferecer na discussão do problema que se coloca: a capacidade de ter fé. Foi constatado, mediante busca em bibliotecas virtuais e banco de teses em sites acadêmicos – Scielo e Capes –, tratar-se de temática pouco explorada. Dissertações e teses envolvem o autor, no entanto nenhuma delas desenvolve o tema como pretendemos. A revista *Natureza Humana* (2007, vol. 9, p.261ss) apresenta um capítulo mostrando dissertações e teses brasileiras sobre D. W. Winnicott, nas quais também não se verificou, pelo

explicação de outros aspectos que não aqueles diretamente explicitados no que se refere a esta nossa questão da capacidade de ter fé.

¹⁷ Aqui se trata de um apanhado de minhas próprias buscas em vista deste estudo e não se pretende como dado cientificamente tabulado, mas uma constatação inicial e empírica que me possibilita apontar o interesse crescente pelo estudo de Winnicott.

menos não diretamente, abordagem do tema.¹⁸ Assim, por se tratar de terreno pouco explorado e com pouco desenvolvimento em termos de pesquisa, justificou-se a dupla importância desta investigação: primeiro, pelo fato mesmo de versar sobre este tema, oferecendo uma possibilidade de interpretação e compreensão do assunto; segundo, por se tratar, em termos de psicanálise, de um autor que desenvolve temáticas não habitualmente trabalhadas e que, por isso mesmo, descortinam horizontes, apontando para perspectivas teóricas que podem vir a se constituir novos modelos psicanalíticos. Feitas estas considerações e mais à frente explicitando, ainda que sumariamente, aspectos da obra e do autor, e apoiando-se no fato de ter e reconhecer D. W. Winnicott como um clássico da literatura psicanalítica que oferece importantes contribuições teóricas para o desenvolvimento da Psicanálise, e que possibilita de modo *sui generis*, olhar a realidade humana, considerou-se ser relevante o desenvolvimento desta pesquisa ora apresentada. Ela se constitui e pretende ser uma colaboração, da academia e da própria ciência psicológica, em terreno onde se desenvolve algo bastante próximo e pertinente à vida humana, que é a capacidade de ter fé, na ótica do seu desenvolvimento. Portanto, o objetivo deste estudo é explicitar aspectos da obra de D. W. Winnicott que versam sobre o desenvolvimento da capacidade de ter fé, pondo em relevo o que diretamente o autor expõe sobre este tema e o que, indiretamente, no conjunto de sua teoria, pode ser aplicado à compreensão deste assunto.

1.5 Desenvolvimento da pesquisa

Para o desenvolvimento deste trabalho que visa a aprofundar aspectos da teoria de D. W. Winnicott que versam sobre o desenvolvimento da capacidade de ter fé, propomos um percurso aqui descrito. O capítulo 1 será dedicado à análise dos aspectos gerais da obra de Winnicott e de sua teoria do amadurecimento pessoal, teoria esta que corresponde ao grande pano de fundo diante do qual toda a sua doutrina está construída, dando fundamento e estruturando a lógica do seu

¹⁸ Almeida (2003): *Em busca da confiança necessária para viver criativamente pelo brincar: a criança diante da cirurgia cardíaca*. Tese de doutorado, USP. É um exemplo de como aparece indiretamente o tema da confiança, porém não desenvolvido em si mesmo como pretendemos fazê-lo.

pensamento. Foi a partir da consideração geral a esta teoria que procedi à leitura do tema do desenvolvimento da capacidade de ter fé. Tendo, no item referente à metodologia, me referido à questão do paradigma em termos gerais, considerarei o paradigma winnicottiano como forma de compreender a obra do autor, visto que esta noção de paradigma fornece instrumento que possibilita visão de conjunto, apreendendo a lógica interna de uma teoria. Para tanto esclarecerei, a partir das categorias paradigmáticas, qual o *exemplar* do pensamento de Winnicott, sua *teoria-guia* e os aspectos *metafísicos* ou *ontológicos* do seu paradigma. Em seguida, procurarei explicitar os termos e conceitos da obra de Winnicott que considero significativos para a compreensão do tema em questão, dentre eles: 1. *A necessidade de ser*, que estabelece um grande marco na obra de Winnicott pelo fato de ele considerá-la como uma das forças que movem, impulsionam e determinam a organização psíquica das pessoas; 2. *A tendência inata à integração*: trata-se de outro constructo relevante da teoria Winnicottiana, que tem como fundamental, dentro de uma concepção de *natureza humana*, o princípio de que o ser humano é movido por esta tendência a uma unidade integradora do seu ser (cabe ressaltar, na consideração desta tendência inata à integração que se trata de uma “tendência”; isto implica que existe a potência inata para a integração, porém são necessárias determinadas condições para sua ocorrência); 3. *O amadurecimento pessoal*, igualmente entendido na perspectiva de uma tendência inata – não nos moldes biológicos ou físicos, mas na linha de consideração de uma *natureza humana* e sua busca pela conquista do existir. Determinante para compreensão do amadurecimento emocional é a questão da *dependência* que perpassa todo este processo. Winnicott atribuiu à dependência a condição para a vivência do amadurecimento, que acontece ou se desenrola mediante o que ele chamou de *estágios*, cujo início ocorre num período primitivo caracterizado pela *dependência absoluta*. Em seguida, numa linha contínua deste amadurecimento, consideraremos a *dependência relativa*, enfatizando o estágio da transicionalidade, o uso do objeto e o estágio do “eu sou”. Depois tratarei, provavelmente com menos ênfase, do estágio que caracteriza o *rumo à independência* ou *independência relativa*. São traços deste estágio o *Édipo*, o *estado de latência* e os fenômenos da *adolescência*, assim como o início da vida adulta, a *velhice* e a *morte*.

Neste primeiro capítulo, cabe destacar a especial atenção que Winnicott dedica ao papel crucial que o *ambiente* exerce sobre a constituição do ser e sua

integração numa unidade, bem como em todo o processo de amadurecimento. O ambiente, como sinônimo dos cuidados e dos cuidadores – sobretudo a mãe – que cerca o bebê do início e a pessoa mais madura da sequência maturacional constituem fatores de importância determinante em todo o processo do amadurecimento pessoal.

Em seguida, no capítulo 2, dedicar-me-ei à análise dos diversos momentos em que Winnicott explana como se desenvolve a capacidade de ter fé. Trata-se, num primeiro momento, de um trabalho de “garimpagem” explicitar aquilo que Winnicott escreveu diretamente sobre o assunto. Para sistematizar este itinerário, considerarei o tema da dependência como norteador e assim tratarei de verificar os estágios que dele decorrem (dependência absoluta, dependência relativa, “rumo à independência” e independência relativa) para situar onde se observa a abordagem da capacidade de ter fé. Num segundo momento, dentro do mesmo capítulo, procurarei destacar certos aspectos da teoria de Winnicott que considero aplicáveis para compreensão deste tema, mostrando aspectos da teoria do amadurecimento humano (entre outros, a dependência, a confiança, o ambiente e os cuidados que envolvem uma criança, o papel materno e a criatividade) que oferecem uma chave de compreensão desta temática da capacidade de ter fé em termos do seu desenvolvimento.

Na parte conclusiva deste trabalho, procurarei retomar os grandes pilares daquilo que foi explicitado no capítulo 2, mostrando as contribuições que este estudo pôde oferecer no quadro da compreensão da teoria psicanalítica winnicottiana, a começar pela exploração de um tema pouco desenvolvido na obra deste autor. Além de conhecer aspectos importantes da obra de Winnicott que versam sobre o desenvolvimento da capacidade de ter fé, este trabalho poderá contribuir no entendimento de certas particularidades das relações humanas, favorecendo, talvez, a compreensão de determinadas circunstâncias da prática psicoterápica. Ao final desta conclusão, como extensão da teoria estudada, apontarei uma possível perspectiva de sua aplicação, por exemplo, na consideração de certos aspectos da “fé antropológica”, como item da Teologia que pergunta pelas raízes remotas da fé e sua expressão nas práticas religiosas, de modo particular as de cunho pentecostal.

Capítulo 1

A teoria do amadurecimento pessoal de D. W. Winnicott

Este capítulo versará sobre a teoria do amadurecimento pessoal de D. W. Winnicott. Serão apresentadas as linhas gerais que a sustentam, como forma de se conhecer a organicidade do pensamento do autor que este trabalho aprofunda num aspecto específico – a capacidade de ter fé –, exposto no segundo capítulo.

A fim de se ter uma visão geral da teoria, recorreu-se à noção de paradigma de Thomas Khun, conforme apresentado na consideração sobre a metodologia na parte inicial deste trabalho (p.7-8). Esta compreensão de paradigma, como concebe Khun, permite agora uma visão orgânica da teoria de Winnicott, possibilitando compreender sua organização interna, suas articulações, seus problemas e as particularidades temáticas que a caracterizam. Na relação com a Psicanálise freudiana, é importante considerar as diferenças, aproximações e rupturas que se estabelecem. Neste sentido, Loparic (1997b) advoga a tese de que em Winnicott há o estabelecimento de uma ruptura paradigmática em relação à Psicanálise freudiana. Diz Loparic:

(...) Winnicott modificou significativamente o emprego de conceitos fundamentais tais como sujeito, objeto, relação de objeto, pulsão (vontade, impulso), representação mental, mecanismo mental, força pulsional. No seu lugar e no da teoria do desenvolvimento sexual, ele colocou a teoria do amadurecimento humano, assim como uma série de conceitos básicos novos a serem usados, doravante, no estudo de problemas novos e antigos. (1997b, p.58)

Com esta premissa de compreensão da teoria winnicottiana em sua relação com o todo da teoria psicanalítica, procura-se, agora, ter uma visão geral

desta teoria mediante a apresentação do seu paradigma, como se segue, e a explicitação dos conceitos basilares da teoria winnicottiana.

2.1 O paradigma winnicottiano: o exemplar, a teoria geral guia e os aspectos metafísicos ou ontológicos do paradigma.

Na parte metodológica deste trabalho já se fez referência à discussão da noção de paradigma entendido na perspectiva de Thomas Khun (1970) e sua importância no que tange à compreensão da organicidade do conteúdo de uma dada ciência. Daí a exposição da teoria winnicottiana, explicitada a partir das categorias paradigmáticas de Khun, que permitem uma amostra geral, coesa e orgânica do pensamento de D. W. Winnicott.

Considera-se, assim, o *exemplar* como sendo a referência e o modelo que permite formular e solucionar os problemas levantados. Na teoria de Winnicott, segundo Loparic (2006, p.8), o exemplar é “o bebê no colo da mãe”, numa alusão à dependência que o ser humano vive em todo o seu desenvolvimento emocional. Este desenvolvimento ocorre quando se conjugam fatores inatos com um provimento ambiental que possibilite a integração do ser numa unidade e a sua continuidade de ser. Trata-se de uma mudança de perspectiva em relação à psicanálise freudiana, cujo exemplar principal, segundo Loparic, “é o complexo de Édipo, a criança na cama da mãe às voltas com os conflitos, potenciais geradores de neuroses, que estão relacionados à administração de pulsões sexuais em relações triangulares” (2006, p.4).

Na linha desta mudança de perspectiva, a teoria winnicottiana tem como *teoria geral guia* (generalização-guia) a teoria do amadurecimento pessoal, que consiste no pressuposto de uma tendência inata ao amadurecimento para o qual, existindo as condições, este amadurecimento será efetivado mediante um processo que se desenvolve numa linha contínua com tarefas, desafios e conquistas a serem vivenciados. Neste sentido, a psicanálise tradicional é guiada pela teoria do desenvolvimento da sexualidade, que focaliza todo o processo de amadurecimento em função exclusiva de aspectos correlacionados com a sexualidade. Em Winnicott, a teoria geral-guia comporta a sexualidade, mas não se limita a ela, ou, no dizer de Loparic (2006), “a teoria da sexualidade é apenas uma parte” desta teoria do amadurecimento; ou, ainda, como pensa Fulgencio

(2008), para quem a teoria do amadurecimento pessoal de Winnicott “engloba e redescreve a teoria do desenvolvimento da sexualidade” (p.4).

Coerente com a redescrição da teoria da sexualidade como fazendo parte de algo mais abrangente, a saber, o amadurecimento humano impulsionado pela tendência inata à integração, Winnicott pleiteia, por assim dizer, um outro estatuto de homem. Desse modo, os *aspectos metafísicos* ou *ontológicos* de sua teoria dizem respeito não mais a idéias como o psiquismo, enquanto um aparelho movido por forças e energias e assim, regido por leis naturais, como versa a psicanálise tradicional em seus conceitos apriorísticos de pulsões e libido, por exemplo. Os princípios e conceitos apriorísticos de Winnicott, por exemplo, segundo Loparic (2006), consistem no “conceito de tendência para a integração, para o relacionamento com as pessoas e coisas e para a parceria psicossomática”, o que realça a compreensão de um homem “não redutível a um objeto natural” (Fulgencio, 2008), mas movido pela necessidade de ser e pela tendência inata à integração.

2.2 A necessidade de ser, a tendência inata à integração e a constituição do si mesmo

Winnicott denomina a Psicanálise de “Psicologia dinâmica”, entendendo-a na perspectiva de uma disciplina que possa compreender “o desenvolvimento emocional do ser humano”, seja em relação a ele mesmo, seja em relação ao ambiente no qual vive e do qual toma parte, cf. Winnicott (1988, p.51): “na manutenção e recriação desse ambiente”. Com esta caracterização, Winnicott estabelece o lugar de onde olha o ser humano, suas relações e seus conflitos, marcando também uma diferenciação com Freud, que propôs um ponto de vista dinâmico, característica importante de sua metapsicologia. O ponto de vista dinâmico em Freud e a Psicologia dinâmica winnicottiana (Psicanálise), no entanto, não são a mesma coisa. Guardam sentidos diferentes: “Em Freud ela diz respeito ao suposto jogo de forças que determinam o indivíduo, em Winnicott ela se refere às efetivas relações inter-humanas que constituem o ser e o vir a ser de uma pessoa” (Fulgencio, 2007). Aqui, portanto, se estabelece uma considerável e

original abordagem da realidade psíquica que considera e põe em relevo as relações humanas e o ambiente¹⁹ como extensão destas relações, em detrimento de uma psicanálise que reduz a pessoa a um aparelho psíquico, forças pulsionais e energias libidinais. Estes dois aspectos são determinantes para a compreensão do amadurecimento humano em suas vicissitudes, inclusive na qualidade e na saúde do viver humano.

A teoria do amadurecimento pessoal de Winnicott é considerada por ele mesmo como a “espinha dorsal” de todo o seu percurso teórico (Dias, 2003). Nesta perspectiva, Winnicott estabelece que o amadurecimento humano assenta-se sob duas bases: a tendência inata ao amadurecimento e a existência contínua de um ambiente facilitador. Note-se que estes dois aspectos são, para Winnicott, indissociáveis: “O indivíduo herda um processo de amadurecimento, que o faz progredir na medida em que exista um meio ambiente facilitador e somente na medida em que este exista” (Winnicott, 1974, p.71). Referindo-se ao papel do ambiente no processo de amadurecimento, sobretudo na sua relação com a saúde psíquica, Arcangioli (1995) declara: “A saúde psíquica, portanto, repousaria no livre desenrolar desses processos de maturação. Entretanto, é o ambiente, inicialmente representado pela mãe ou por um de seus substitutos, que permite ou entrava o livre desenrolar desses processos” (p. 183). Ainda sobre estes dois aspectos indissociáveis do amadurecimento humano, Winnicott trata-os em termos de “interação entre processos pessoais e provisão ambiental” (1984h, p.48). Arcangioli, comentando a obra de Winnicott, afirma:

Para Winnicott, como para todos os autores que estudam sua evolução, o ser humano traz em si uma tendência inata a se desenvolver e a se unificar. Essa tendência atualiza-se no funcionamento dos processos de maturação. No plano psíquico, a expressão ‘processo de maturação’ aplica-se à formação e à evolução do eu, do isso e do supereu²⁰, bem como ao estabelecimento dos mecanismos de defesa elaborados pelo eu num indivíduo sadio. (1995, p. 183)

¹⁹ Cf. Winnicott (1988, p.173ss; 1965b, p. 91; p. 201). São exemplos ilustrativos de como Winnicott associa ambiente ao provimento humano necessário à criança, que o sente como extensão de cuidado e atenção.

²⁰ O tradutor desta obra optou pela tradução para o português (eu, isso e supereu) dos termos latinos ego, id e superego.

Esta concepção de que existem estes dois aspectos indissociáveis do amadurecimento humano permite a Winnicott conceber uma *natureza humana* que encerra todos os fenômenos humanos acontecendo no tempo. Esta natureza humana é por ele definida como “quase tudo que possuímos” (1988, p. 21). E mais: “o ser humano é uma amostra-no-tempo da natureza humana” (1988, p.29). A teoria do amadurecimento pessoal consiste, assim, “na explicitação temporal, na forma de estágios ou etapas, das várias tarefas que a tendência inata ao amadurecimento impõe ao indivíduo ao longo da vida” (Dias, 2003, p. 94).

Característica fundamental nesta teoria do amadurecimento de Winnicott é a concepção de que o ser humano não é movido apenas, tal como postulou Freud em sua metapsicologia, por pulsões ou pelo princípio do prazer, mas pelo que Winnicott denominou de “necessidade de ser e de tendência inata à integração”. Diz Fulgencio:

Ser, aqui, tem um sentido muito específico, significa ser a partir de si mesmo e não como uma reação. Nessa perspectiva, o ser humano teria, como um dado hereditário, uma tendência inata à integração ou amadurecimento. Essa tendência não é um fato puramente biológico cuja determinação leva o indivíduo para fins biologicamente determinados (...). Para que essa tendência possa realizar-se é necessário que o meio ambiente sustente ativamente esse ser desde o início. (Fulgencio, 2007, p. 5)

A idéia de *ser* demandaria uma intensa discussão filosófica não pertinente neste momento nem para este estudo. No entanto, é necessário entender precisamente o que diz Winnicott quando se refere ao termo que para ele guarda significado próprio. Diz Winnicott:

Poderíamos usar o termo *existir*, em sua extração francesa, e falar a respeito da existência, transformar isso numa filosofia e chamá-la de existencialismo, mas de qualquer forma preferimos começar

pela palavra *ser*, e em seguida pela afirmação *eu sou*. O importante é que *eu sou não significa nada*, a não ser que eu, inicialmente, seja juntamente com outro ser humano que ainda não foi diferenciado. Por este motivo, é mais verdadeiro falar a respeito de *ser* do que usar as palavras *eu sou*, que pertencem ao estágio seguinte. Não é exagero dizer que a condição de ser é o início de tudo, sem a qual o *fazer* e o *deixar que lhe façam* não têm significado. (1987e, p. 9)

Nas palavras de Winnicott, está implícito o primado que ele atribui ao *ser*, que precede o *fazer* e *lhe dá* sentido. Ou – dito de outro modo – o *fazer* não tem significado algum sem que a condição de ser esteja constituída. Para Winnicott, portanto, dizer *eu sou* ou *fazer* algo implica um estágio de amadurecimento subsequente, cuja diferenciação *eu vs não eu* ocorre mediante uma diferenciação que se estabelece na relação com outro ser humano. Importante é que, para Winnicott, em primeiro lugar há que se considerar este estatuto de *ser* e de *continuidade de ser*.

Abram (2000) afirma que atribui ao conceito de ser um dos aspectos que distingue Winnicott de Melanie Klein para quem “as relações de objeto têm sua origem nos primórdios da vida, Winnicott entende que as relações objetais têm seu princípio nas primeiras semanas de vida, quando a mãe e o bebê são um só – uma estrutura ambiente- indivíduo” (p.239). Compreende-se assim que a constituição do ser se dá mediante a compreensão desta unidade inicial ‘mãe-bebê’ e sua posterior diferenciação eu/não-eu. Diz Winnicott:

O que, então, precede a primeira relação de objeto? (...) Eu diria que antes das relações de objeto as coisas são assim: a unidade não é o indivíduo, a unidade é o contexto ambiente-indivíduo. O centro de gravidade do ser não surge no indivíduo. Ele se encontra na situação global. Através do cuidado suficientemente bom, através das técnicas, da sustentação e do manejo geral, a casca passa a ser gradualmente conquistada, e o cerne (que até então nos dava a impressão de ser um bebê humano) pode começar a tornar-se um indivíduo. (1958d [1952] p.166)

Tendo posto esta compreensão de ser que consiste na realização de si mesmo, cabe dizer que Winnicott postulou que a necessidade básica do existir humano é ser e continuar a ser como tarefa inerente ao amadurecimento; sem essa condição não há vida saudável. Esta necessidade de ser é, no dizer de Winnicott (1988), uma conquista do amadurecimento, pois, segundo ele, ambiente e bebê são, no início, uma mesma e única coisa, não havendo qualquer diferenciação. Eles constituem uma “unidade total” que, mais tarde, como fruto do processo de amadurecimento, virá a se diferenciar, marcando o início do existir de um indivíduo. Diz Winnicott:

(...) e na verdade o indivíduo ainda não se encontra ali, ainda não está separado do aspecto ambiental da unidade total. A mudança do centro de gravidade do ser para aquela parte da unidade que tão facilmente identificamos como sendo o bebê representa, na verdade, uma conquista do desenvolvimento emocional saudável. (Winnicott, 1988, p.179)

Winnicott (1988) pleiteia “um estado primário do ser” que se caracteriza pela “não-integração”, na qual não há vinculação alguma entre corpo e psique e onde não se pode falar de algo que se diferencie do “não-EU”. Segundo ele não há, neste momento inicial, “um si-mesmo²¹ individual capaz de discriminar entre o EU e o não-EU”. É deste estado de não-integração que surge a integração. Escreve Winnicott (1988):

É necessário postular, portanto, um estado de não-integração a partir do qual a integração se produz. O bebê que conhecemos como uma unidade humana, seguro dentro do útero, ainda não é uma unidade em termos de desenvolvimento emocional. Se examinarmos isto do ponto de vista do bebê (embora o bebê, como tal, não esteja lá para ter um ponto de vista), a não-

²¹ No âmbito deste estudo, preferiu-se o uso do termo *si-mesmo* no lugar de *self*, exceto nos casos em que haja transcrição literal de autores comentadores de Winnicott e cuja notação tenha sido previamente estabelecida para o uso de *self*.

integração é acompanhada por uma não-consciência. No começo teórico existe o estado de não integração, uma ausência de globalidade tanto no espaço quanto no tempo. (p.136)

Dias (2003), comentando a respeito do estado de não-integração, apresenta algumas de suas características. Diz a autora que esta não-integração não significa um déficit, “mas um estado natural de extrema imaturidade do bebê e significa a falta de reunião num si-mesmo, falta de integração no espaço e no tempo, falta de integração psicossomática, enfim, falta inteireza” (p.128). Quanto à questão da temporalidade, recorda Dias que, neste momento inicial, o bebê dispõe, “além do tempo biológico”, de uma “sensação difusa de poder continuar a ser” (idem).

Dias (2003) declara que para Winnicott a natureza humana, consiste, essencialmente, numa tendência inata à integração numa unidade durante o decorrer do processo de amadurecimento. Cada ser humano é dotado de uma tendência ao amadurecimento, ou seja, uma tendência à integração num todo unitário (Dias, 2003, p.94). Ao referir-se à capacidade da mãe em prover as necessidades do bebê, salientando como esta atitude repetida e alternada propicia uma experiência de continuidade e integração, afirma Winnicott:

A capacidade que a mãe possui de ir ao encontro das necessidades em constante processo de mutação e desenvolvimento deste bebê permite que a sua trajetória de vida seja relativamente contínua; permite-lhe também vivenciar situações fragmentárias ou harmoniosas, a partir da confiança que deposita no fato concreto de o segurarem, juntamente com fases reiteradas da integração que faz parte da tendência hereditária de crescimento. O bebê passa, com muita facilidade, da integração ao conforto descontraído da não-integração, e o acúmulo destas experiências torna-se um padrão e forma uma base para as expectativas do bebê. Ele passa a confiar nos processos internos que levam à integração numa unidade. (1968d, p. 86)

Ainda sobre o mesmo tema, diz Winnicott:

A integração começa imediatamente após o início da vida, mas em nosso trabalho nunca a poderemos considerar algo óbvio. Devemos estar conscientes de seu funcionamento e observar suas flutuações. (...) A tendência a integrar-se é ajudada por dois conjuntos de experiências: a técnica pela qual alguém mantém a criança aquecida, segura-a e dá-lhe banho, balança-a e a chama pelo nome, e também agudas experiências instintivas que tendem a aglutinar a personalidade a partir de dentro. (1945d , p.224)

Em Winnicott, tem-se assim um estado inicial de não-integração a partir da qual surge a integração, inicialmente vivida como lampejos que se alternam e pouco a pouco se vão constituindo de fato num estado mais contínuo do processo.

Dias (2003) acentua que esta “denominação negativa – não-integração – refere-se a um *ainda não*, a um estado prévio a qualquer integração anterior, portanto, ao estabelecimento de um eu e de um psiquismo” (p.128). Diante de uma provisão ambiental satisfatória e com o bebê se desenvolvendo saudavelmente, há uma tolerância ao retorno desse estado de não-integração. Se, entretanto, as condições ambientais não são favoráveis e o bebê não suporta a ausência de condições desfavoráveis, este bebê experimenta, não mais a não-integração, mas a desintegração, que consiste em falhas graves do ambiente que fazem com que experimente uma situação enlouquecedora de “caráter defensivo e só pode ocorrer após alguma integração ter sido alcançada” (Dias, 2003, p.128). Sobre o estado da integração, da não-integração e a desintegração sintetiza Winnicott:

A partir do estado de não-integração se produz a integração por breves momentos ou períodos, e só gradualmente o estado geral de integração se transforma em fato. (...) Na vida de uma criança normal, o descanso deve poder incluir o relaxamento e a regressão para a não-integração. Gradualmente, à medida que o

self se desenvolve em força e complexidade, essa regressão à não-integração aproxima-se mais e mais do doloroso estado de desintegração “enlouquecedora”. Existe, portanto um estado intermediário, no qual um bebê bem cuidado e em pleno desenvolvimento pode relaxar e não-integrar-se, e tolerar (mas apenas tolerar) sentir-se “louco” no estado não-integrado. Em seguida é dado um passo adiante, um passo em direção à independência, e à perda para sempre da capacidade de não-integração, exceto na loucura ou nas condições especializadas fornecidas pela psicoterapia. Deste momento em diante, o termo não é mais não-integração, e sim desintegração (1988, p.138-139).

A necessidade de ser e a tendência inata à integração concorrem para a constituição do si-mesmo. Este conceito é fundamental na teoria do amadurecimento de Winnicott. Este princípio winnicottiano da constituição do si-mesmo numa unidade integradora não é, porém, um conceito unívoco, possuindo significados distintos, cuja clareza conceitual experimenta determinadas oscilações no decorrer da obra do autor²². Abram (2000) declara que

embora Winnicott frequentemente afirme que existe uma diferença entre o si-mesmo e o ‘ego’, esta distinção nem sempre fica suficientemente clara ao longo de sua obra, pois o termo si-mesmo geralmente é empregado alternadamente com os termos ‘ego’ e ‘psique’ (p. 220).

²² Não apenas o conceito de si-mesmo possui limitações quanto à precisão conceitual. Elsa Dias aponta como os conceitos de “ego”, “si-mesmo” e “eu”, fazendo parte do vocabulário winnicottiano, não têm certa unidade de significados em sua obra, tornando-se mais claros somente no decorrer desta. Estes conceitos, continua a autora, “são investidos em diferentes teorias filosóficas, teológicas ou psicológicas”, donde se justifica a necessidade de se precisar o seu uso na obra de Winnicott.

A distinção que interessa esclarecer dentro da perspectiva deste estudo diz respeito à diferença conceitual entre “ego” e “si-mesmo”. Sobre isso, escreve Dias que “a mais clara das afirmações do autor sobre o “ego” encontra-se num texto de 1962: ‘Pode-se usar a palavra ego para descrever a parte da personalidade que tende, sob condições favoráveis, a se integrar numa unidade’ (1965n, p. 55). O termo “ego” não é usado, como se vê, para designar uma instância do aparelho psíquico – já que Winnicott não trabalha com o conceito heurístico de aparelho psíquico – mas para nomear o aspecto da personalidade que tende à integração” (2003, p. 142-143). Vê-se, assim, como em determinado momento na obra de Winnicott o termo “ego” aparece com significado muito próximo ao de “si-mesmo”, sendo entendido como o apoio que, tornando forte o ego do bebê, favorece as experiências integrativas que o constituem a possuir sua própria organização (Cf. 1965vf, p. 29; 1989m, p.81). “(...) O ego conduz a tendência integrativa na direção de um si-mesmo. O si-mesmo é o resultado da tendência integrativa, mas é necessário que a tendência esteja operando” (Dias, 2003, p. 144). Outras considerações, cf. 1965vf, p. 29; 1989m, p.81.

Dias (2003), comentando sobre o conceito de si-mesmo na obra de Winnicott, atribui-lhe dois significados, a saber:

Na acepção central e mais geral, si-mesmo refere-se ao estatuto unitário alcançado pelo indivíduo no estágio em que, se pudesse falar, o bebê diria EU SOU. Se tomarmos o termo neste sentido, o si-mesmo é o resultado de uma série de conquistas do processo de integração e só se estabelece de um modo mais consistente no estágio em que o bebê alcança uma identidade, um si-mesmo unitário. (p.144)

Dias (2003) esclarece a respeito deste primeiro aspecto do si-mesmo que um “bebê sadio” (aquele que se desenvolve a partir de um si-mesmo verdadeiro) tem a possibilidade de integrar à sua personalidade “um falso si-mesmo instrumental”, que, segundo a autora, possibilita lidar com “as exigências sociais” (p.144). Nesta linha de significado de si-mesmo, Winnicott, segundo Dias (2003), utiliza o termo “eu”, como sendo “o si-mesmo que se separa da mãe, tendo integrado o verdadeiro e o falso si-mesmo” (idem).

Abram (2000) reflete que o significado do termo si-mesmo para Winnicott leva à compreensão de uma “descrição psicológica de como o indivíduo se sente subjetivamente, sendo o ‘sentir-se real’ o que coloca no centro do sentimento de si-mesmo” (p.220). Para Winnicott, diz este autor, o si-mesmo origina-se “como um potencial do recém-nascido; a partir de um ambiente suficientemente bom, desdobra-se em um si-mesmo total, isto é, em uma pessoa capaz de estabelecer a distinção entre eu e não-eu” (idem).

Na descrição do si-mesmo, Winnicott o associa à realidade psíquica que pertence ao mundo interno da criança e que, no decorrer do seu desenvolvimento, vai pouco a pouco sendo constituído como algo que está ao mesmo tempo relacionado à realidade externa, mas sem que com ela se identifique plenamente, e à realidade interna, com a qual, do mesmo modo, também não está plenamente associado. Importante destacar nesta descrição o fato de a integração permitir esta fruição entre o externo e o interno sem prejuízo à integridade da unidade. Diz Winnicott:

Torna-se agora necessário dar uma olhada na realidade psíquica interna do lactente e da criança. Esta rapidamente se torna um mundo pessoal em crescimento que é situado pela criança tanto dentro como fora do si-mesmo, do si-mesmo que está recém estabelecido como uma unidade com uma “pele”. O que está dentro é parte do si-mesmo embora não lhe seja inerente, e pode ser projetado. O que está fora não é parte do si-mesmo, mas também não lhe é inerente e pode ser introjetado. Na normalidade, uma troca constante ocorre à medida que a criança vai vivendo e coletando experiências, de modo que o mundo externo é enriquecido pelo potencial interno, e o interior é enriquecido pelo que pertence ao exterior. (1963d, p.93)

Winnicott descreveu o si-mesmo verdadeiro associando-o ao sentimento de “sentir-se real” e provedor do gesto espontâneo e da criatividade. Assim escreve: “No estágio inicial o si-mesmo verdadeiro é a posição teórica de onde vem o gesto espontâneo e a idéia pessoal. O gesto espontâneo é o si-mesmo em ação. Somente o si-mesmo verdadeiro pode ser criativo e se sentir real” (1965m [1960], p. 135). Comentando sobre este *gesto espontâneo* ou *ação espontânea* como expressão de si-mesmo e ao mesmo tempo como ação criadora de um mundo com o qual o si-mesmo se relaciona, Fulgencio escreveu:

No gesto criativo – antes, na e depois da fase da transicionalidade –, a criança encontra a si mesma, ou melhor, o gesto é a ação deste si-mesmo. Trata-se de um gesto que gera o seu próprio autor e, ao mesmo tempo, o objeto com o qual este si-mesmo se relaciona. Tal como geômetra que num único traço gera o côncavo e o convexo, este gesto criativo gera o si-mesmo e o objeto com o qual se relaciona. (2008)

Portanto, para Winnicott o si-mesmo verdadeiro está associado ao *gesto espontâneo* (1965m [1960]) que encontra sua gênese na provisão

ambiental, representada pelo desempenho satisfatório da mãe *suficientemente boa* que “alimenta a onipotência do lactente (...). E o faz repetidamente. Um si-mesmo verdadeiro começa a ter vida, através da força dada ao fraco ego do lactente pela complementação pela mãe das expressões de onipotência do lactente” (idem, p. 133). Adiante, reafirma: “é uma parte essencial de minha teoria que o si-mesmo verdadeiro não se torna uma realidade viva exceto como resultado do êxito repetido da mãe em responder ao gesto espontâneo ou a alucinação sensorial do lactente.” (idem). Dias (2003) ressalta que, numa etapa posterior da obra de Winnicott, atribui ele o uso do termo si-mesmo “para qualquer experiência integrativa, mesmo anterior à conquista do si-mesmo unitário” (p.145).

Abram (2000) pondera que Winnicott, na última década de sua vida, fez uma distinção entre o si-mesmo verdadeiro do falso si-mesmo como sendo algo não-comunicado, isolado que, “em favor da saúde mental, precisa permanecer protegido a qualquer custo” (p.220). Sobre o falso si-mesmo, Winnicott atribui sua origem a uma falha ou inabilidade da mãe em confirmar e possibilitar onipotência do bebê. Escreve ele:

A mãe que não é suficientemente boa não é capaz de complementar a onipotência do lactente, e assim falha repetidamente em satisfazer o gesto do lactente; ao invés, ela o substitui por seu próprio gesto, que deve ser validado pela submissão do lactente. Essa submissão por parte do lactente é o estágio inicial do falso si-mesmo, e resulta da inabilidade da mãe de sentir as necessidades do lactente. (1965m [1960], p.133)

Winnicott aponta que o falso si-mesmo está relacionado a uma defesa contra situações extremamente difíceis de lidar sem um aparato defensivo. Estas defesas diferem quanto ao grau de sua intensidade: num grau menor, seriam até necessárias para lidar com a realidade, porém num grau extremo podem significar a perda da espontaneidade e mesmo do sentimento de existir e “ser real”. Diz Winnicott:

O falso si-mesmo tem uma função positiva muito importante: ocultar o si-mesmo verdadeiro, o que faz pela submissão às exigências do ambiente. Nos exemplos extremos de desenvolvimento do falso si-mesmo, o si-mesmo verdadeiro fica tão bem oculto que a espontaneidade não é um aspecto das experiências vividas pelo lactente. O aspecto submissão se torna principal, com imitação como uma especialidade (...). Deste modo é possível traçar o ponto de origem do falso si-mesmo, que pode ser visto como uma defesa, a defesa contra o que seria inimaginável, a exploração do si-mesmo verdadeiro, que resultaria no seu aniquilamento (1965m [1960], p.134)

Finalizando esta apresentação do conceito de si-mesmo e de falso si-mesmo, destaca-se a abordagem de Dias (2003), mostrando que J. B. Pontalis²³ estabeleceu a diferenciação entre o si-mesmo winnicottiano e a descrição feita por Guntrip, autor de perspectiva fenomenológica que desenvolveu um conceito de si-mesmo, mas que guarda diferenças consideráveis com o si-mesmo winnicottiano e com o qual foi equivocadamente associado. Assevera Dias:

Pontalis certamente tem razão quando argumenta, contra Guntrip, que “três quartos de século de experiência analítica minam a ilusão de um sujeito monádico, de uma pessoa totalmente assegurada de se pertencer” (Pontalis, 1977, p.16). Ora, é um equívoco emparelhar o si-mesmo de Guntrip com o de Winnicott: a noção winnicottiana de tendência à integração num si-mesmo unitário não se refere ao campo pulsional, nem a conflitos inconscientes, que seriam por ela superados ou

²³ Renomado psicanalista francês, pesquisador e escritor de várias obras de cunho psicanalítico, entre eles *Vocabulaire de psychanalyse*, Paris, PUF 1967, na qual descreve, com esmero e precisão, conceitos do universo psicanalítico. Segundo Dias (2003), Pontalis “observou que no meio psicanalítico francês os conceitos winnicottianos de ser (*being*) e de si-mesmo foram recebidos com hesitação e suspeita, em virtude de terem sido aproximados, erroneamente, da noção de si-mesmo de Guntrip. Este, ligado a uma certa tradição da fenomenologia, havia tentado introduzir na psicanálise, com o conceito de si-mesmo, a idéia de um sujeito unificado e unificante, que pode reconhecer a si mesmo, que é unidade e continuidade, ‘susceptível de escapar, em seu ser, à irreducibilidade do conflito, à alteridade do inconsciente, à inconciliabilidade das representações’” (Pontalis, 1977, p. 161).

anulados; diz respeito, sim, a todos os âmbitos do indivíduo, as suas potencialidades – inconscientes, de início, mas não no sentido do reprimido: seu corpo, suas memórias corporais, sua temporalidade e espacialidade, de início subjetivas e, depois, objetivas, os estados de quietude e de excitação, a instintualidade, a fantasia, a externalidade do mundo, etc.etc.etc. - , as quais, a partir da não-integração, irão gradualmente integrar-se numa unidade, fazendo parte da pessoa inteira do indivíduo. Este estatuto unitário não se parece em nada com a coesão sem fissuras, nem tampouco com a autopertença pretendida por Guntrip. Ao contrário, é exatamente por integrar-se numa unidade, e passar a ter uma realidade psíquica interna, que o indivíduo poderá então padecer de conflitos inconscientes. (2003, p. 146)

2.3 A direção do amadurecimento: da dependência absoluta à independência relativa

Tendo considerado os conceitos básicos da teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott da necessidade de ser, da tendência inata à integração e da constituição do si-mesmo, aponta-se agora para a direção do amadurecimento, como sendo o percurso trilhado nesta “jornada que parte da *dependência absoluta*, passa por um período de *dependência relativa*, chega às etapas que estão no *rumo da independência*, até chegar à *independência relativa*” (Dias, 2003, p.98). Portanto, em Winnicott, o amadurecimento emocional de um indivíduo consiste em atravessar os sucessivos estágios de dependência. Tem-se, assim, a vida humana compreendida como sendo o decurso no qual a dependência é parceira constante. A esse respeito, Abram (2000) fala de “uma viagem através da dependência”.

Newman (2003) afirma que a palavra “dependência” talvez seja a mais importante para Winnicott. Esta dependência, segundo Dias (2003, p.96), “é essencial na teoria winnicottiana”. O amadurecimento humano consiste em trilhar este percurso que, partindo da dependência absoluta do início, chega ao estágio *rumo à independência*, na maturidade. Assim considerada, Winnicott afirma sobre a dependência que “os lactentes humanos não podem começar a ser, exceto sob

certas condições” (1965d, p.43). Estas “condições” a que se refere Winnicott revelam o quão dependente é o bebê, e posteriormente a criança, dos cuidados ambientais no sentido da provisão e sustentação que lhes favoreça o próprio ato de existir. Segundo Abram (2000), Winnicott refere-se repetidas vezes à dependência e a qualifica como um *fato*. A esse respeito escreve Winnicott:

É importante reconhecer o *fato* da dependência. A dependência é real. É tão óbvio que os bebês e as crianças não conseguem se virar por si próprios, que as simples ocorrências de dependência passam facilmente despercebidas. Pode-se afirmar que a história do desenvolvimento infantil é uma história de dependência absoluta, que avança firmemente através de graus decrescentes de dependência, e vai, tateando, em direção à independência. Uma criança ou um adulto amadurecidos têm um tipo de independência que se mescla, de uma forma feliz, a todos os tipos de necessidade, e ao amor, o que se torna evidente quando a perda provoca um estado de luto. (Winnicott, 1970a, p.73)

Note-se que para Winnicott esta dependência é componente constante da condição humana e se verifica em menor ou maior grau no decorrer da história do desenvolvimento. E mais: ela está presente, mesmo na maturidade, onde se apresenta “de uma forma feliz” mesclada à independência (que nunca é absoluta) ²⁴ na forma de todas as necessidades, inclusive de amor. Isto é notório quando se perde alguém amado e se vive o estado de luto por esta perda. Neste sentido, o luto pela perda praticamente equivale a um atestado desta dependência.

Em textos escritos na década de 1960²⁵, Winnicott expõe sua teoria acerca da dependência. Chama a atenção para o caráter pioneiro que este tema

²⁴ Winnicott afirma que “a maturidade individual implica movimento em direção à independência, mas não existe essa coisa chamada ‘independência’. Seria nocivo para a saúde o fato de um indivíduo ficar isolado a ponto de se sentir independente e invulnerável. Se esta pessoa está viva, sem dúvida há dependência” (...). Newman diz que “a maturidade reside na interdependência”. (As idéias de D. W Winnicott – Um guia, 2003, p.129)

²⁵ “Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo” (1965r [1963]), texto escrito a partir de uma conferência proferida em outubro de 1963; “Teoria do relacionamento paterno-infantil” (1960c) e “Provisão para a criança na saúde e na crise” (1965vc [1962]).

representa dentro do corpo teórico da psicanálise, até então, com sua linguagem descritiva, por exemplo, em relação às fases do desenvolvimento psicosssexual, mas aponta sua escolha em tratar o crescimento, tendo como base a dependência, sem no entanto, desconsiderar estes constructos psicanalíticos em voga naquela época. Diz Winnicott:

Se escolhi examinar crescimento em termos de dependência, mudando gradualmente no sentido da independência, se concordará, espero, que isso não invalida de modo algum a conceituação que possa ser feita sobre o crescimento em termos de zonas eróticas ou de relações objetais. (1965r [1963], p.79)

Na linha de conceituação da teoria da dependência, Winnicott avalia como necessário estabelecer três categorias, “ao invés de duas, não simplesmente dependência e independência”. É útil pensar, segundo ele, então, separadamente em *dependência absoluta*, *dependência relativa* e *rumo à independência* (idem, p.80). Falando sobre *a provisão para a criança na saúde e na crise*, Winnicott diz:

Consideramos prover para a criança – e para a criança dentro do adulto. O adulto maduro, de fato, toma parte na atividade de prover. Ou, dito de outra forma, a meninice consiste na progressão da dependência para a independência. Precisamos examinar as necessidades da criança, que vão mudando à medida que esta muda da dependência para a independência. Isto nos leva ao estudo das necessidades mais precoces das crianças pequenas e lactentes, e aos extremos da dependência. (1965vc [1962], p.64)

Ao referir-se ao “estudo das necessidades mais precoces das crianças pequenas e lactentes”, Winnicott estabelece um marco de onde considera o amadurecimento emocional, atribuindo grande importância ao dado da dependência, que julga a palavra-chave neste estudo, isto é, no estudo da “teoria do relacionamento paterno-infantil”, no qual avalia comparativamente o “estudo da

infância com o estudo da transferência psicanalítica”, apresentando o dado original de sua teoria que é a determinante contribuição do ambiente, isto é, do conjunto de cuidados e cuidadores que envolvem a criança desde a sua concepção. Winnicott chega a dizer que:

Os lactentes humanos não podem começar a *ser* exceto sobre certas condições. (...) Ao mesmo tempo essas condições não determinam o potencial do lactente. Este é herdado, e é legítimo estudar este potencial herdado do indivíduo como um tema separado, *desde que sempre seja aceito que o potencial herdado de um lactente não pode se tornar um lactente a menos que ligado ao cuidado materno.* (1960c, p.43)

Na sequência de sua exposição, Winnicott desenvolve o que ele denominou de *dependência*, associando-a à fase do *holding* que, no seu ponto de vista, é um termo utilizado “para significar não apenas o segurar físico de um lactente, mas também a provisão ambiental total anterior ao conceito de *viver com*” (1960c, p.44). Nesta fase, diz Winnicott, “o lactente é dependente ao máximo” (idem, p.45). Em seguida, sucintamente, apresenta a seguinte classificação para a dependência:

1 – *Dependência absoluta*. Neste estado o lactente não tem meios de perceber o cuidado materno, que é em grande parte uma questão de profilaxia. Não pode assumir controle sobre o que é bem ou mal feito, mas apenas está em posição de se beneficiar ou de sofrer distúrbios.

2. – *Dependência relativa*. Aqui o lactente pode se dar conta da necessidade de detalhes do cuidado materno, e pode de modo crescente relacioná-los ao impulso pessoal, e mais tarde, num tratamento psicanalítico, pode reproduzi-los na transferência.

3 – *Rumo à independência*. O lactente desenvolve meios para ir vivendo sem cuidado real. Isto é conseguido através do acúmulo de recordações do cuidado, da projeção de necessidades pessoais e da introjeção de detalhes do cuidado, com o

desenvolvimento da confiança no meio. Deve se acrescentar aqui o elemento de compreensão intelectual, com suas tremendas implicações. (1960c, p. 45-46)

De modo a fixar-se mais demoradamente, consideram-se agora, a partir do texto *Da dependência à independência no desenvolvimento*²⁶, cada uma dessas categorias de dependência para compreender como Winnicott argumenta sua teoria da dependência²⁷. Desse modo, tem-se a *dependência absoluta*, que ocorre nos estágios iniciais do desenvolvimento emocional. Winnicott chama a atenção para a realidade de completa dependência do lactente e o paradoxo psicológico que aparece neste momento do processo de amadurecimento humano. Este paradoxo consiste no fato de o lactente possuir aspectos herdados e, ao mesmo tempo, depender do ambiente provedor das condições para o seu desenvolvimento. Diz Winnicott:

Inicialmente quero chamar a atenção para os estágios iniciais do desenvolvimento emocional de cada criança. No início o lactente é completamente dependente da provisão física pela mãe viva em seu útero e depois como cuidado do lactente. Mas em termos de psicologia devemos dizer que o lactente é ao mesmo tempo dependente e independente. Este é um paradoxo que precisamos examinar. Há tudo que é herdado, incluindo os processos de maturação, e talvez tendências patológicas herdadas; estas têm uma realidade própria, e ninguém pode alterá-las; ao mesmo tempo, o processo maturativo depende para a sua evolução da provisão do ambiente. Podemos dizer que o ambiente favorável torna possível o progresso continuado dos processos de maturação. Mas o ambiente não faz a criança. Na melhor das hipóteses possibilita à criança concretizar seu potencial. (1965r [1963], p.81)

²⁶ Cf. 1965r [1963] in *O ambiente e os processos de maturação*.

²⁷ Optou-se por apresentar de modo geral os argumentos que permitem conhecer cada um dos estágios de dependência e, em seguida (no item 2.4 – As fases iniciais do processo de amadurecimento), o detalhamento daquilo que ocorre em cada um desses estágios.

A partir desta colocação, destacam-se alguns aspectos importantes e indissociáveis no processo de desenvolvimento emocional, característicos não apenas desta fase de dependência absoluta, mas de todo o processo de amadurecimento. Winnicott referiu-se à “provisão do ambiente” como condição importante para “o progresso continuado dos processos de maturação”. A noção de ambiente é bastante recorrente na sua teoria, à qual ele atribui grande influência sobre a saúde emocional da criança²⁸. Recorda Dias (2003) que “o conceito de ambiente, ou de fator externo, é extremamente complexo, e, assim como se constitui em uma das principais chaves para entender o seu pensamento (*isto é, de Winnicott*), é também, se mal-entendido, uma das maiores fontes de equívocos” (p.66; grifos meus). Esclarecendo, então, sobre as características peculiares da noção de ambiente para Winnicott, Dias (2003) prossegue chamando a atenção para o fato de que o autor baseia-se, para suas formulações, a partir *do ponto de vista do bebê*, referindo-se assim ao *ambiente externo*, mas esclarecendo que:

Este só é externo da perspectiva do observador. No início da vida, o ambiente é subjetivo e, neste sentido, não é externo nem interno. Enquanto subjetivo, o ambiente participa intrinsecamente da constituição do si-mesmo e não é, meramente, uma *influência externa*. É somente no decorrer do processo de amadurecimento que a criança poderá chegar ao sentido de externalidade. Só então o ambiente será visto como externo e, mesmo assim, não inteiramente e nem sempre.
(p.66)

O ambiente deve ser compreendido na linha de todos os cuidados e cuidadores do bebê, de modo muito especial, a mãe; deve ser entendido na

²⁸ Cf. *Natureza humana* (1988), no seu capítulo 10, Winnicott discorre sobre sua concepção de ambiente, sobretudo correlacionando-o com todas as fases do amadurecimento e ressaltando os aspectos clínicos de reprodução da provisão ambiental adequada á idade emocional do paciente. Outras citações podem atestar a recorrência desse tema em Winnicott, por exemplo: 1968f [1967]; 1965vc [1962]; 1954a [1949]; 1958b [1950] e 1958c [1956].

linguagem winnicottiana como espaço interpessoal e não intrapsíquico²⁹ e, sobretudo, como fazendo parte do mundo subjetivo do bebê (Dias, 2003). Mesmo aceitando uma influência considerável do fator ambiental no processo de amadurecimento, Abram (2000) esclarece que “o ambiente não pode ser totalmente responsabilizado pelo que sucede ao bebê em termos de sua saúde mental; ele pode tão-somente fornecer um espectro da experiência a ser considerada: tanto pode ser facilitador quanto danoso” (p.25). De fato, esse pensamento está contido no que afirma Winnicott:

O ambiente não faz o lactente crescer, nem determina o sentido do crescimento. O ambiente, quando suficientemente bom, facilita o processo de maturação. Para isso acontecer a provisão ambiental, de modo extremamente sutil, se adapta às necessidades cambiantes se originando do evento da maturação. (1963c, p.197)

Talvez esta adaptação seja a tarefa determinante na interação ambiente e amadurecimento (entenda-se aqui especificamente como integração). Neste sentido, Winnicott afirma:

O processo de maturação só se efetiva no lactente se houver um ambiente favorável. O estudo do ambiente favorável é quase tão importante de início como o estudo do processo de maturação do indivíduo. A característica do processo de maturação é o impulso no sentido da *integração*, que vem a significar algo cada vez mais complexo, à medida que o lactente cresce. A característica do ambiente favorável é a adaptação, iniciada a quase cem por cento e mudando gradativamente, no sentido da *desadaptação*, de acordo com os novos desenvolvimentos do lactente, que fazem parte de uma mudança gradual no sentido da independência. (1965vd [1963], p. 215)

²⁹ Jam Abram destaca a contribuição significativa de Winnicott para a psicanálise, particularmente nesta temática da interação indivíduo-ambiente desenvolvida por ele, que considera importante o impacto que o ambiente exerce sobre o desenvolvimento humano para a compreensão de muitos fenômenos psíquicos. Diz Abram (2000): “A literatura psicanalítica faz diversas referências ao papel da mãe em relação ao bebê, mas até por volta de 1950, a investida teórica era muito maior sobre o indivíduo e seu mundo interior. O impacto do ambiente sobre a saúde mental do indivíduo não estava verdadeiramente em consonância com a importância que tinha a partir do momento em que foi adotada pela teoria analítica. A contribuição oferecida por Winnicott nesse campo não pode ser esquecida”. (p. 26)

O estágio abordado, da *dependência absoluta*, considera a realidade do bebê como absolutamente dependente dentro da estrutura ambiente-indivíduo, o que implica dizer que o processo de adaptação de quem dele cuida e do ambiente é quase completo. Entretanto comenta Dias (2003) que esta dependência absoluta não pode ser reduzida à fragilidade do bebê ou a uma dependência afetiva (inclusive, porque o bebê não está maduro para ter afetos), mas “refere-se ao fato de o bebê depender inteiramente da mãe para ser – de modo como é, como pode ser, nesse momento inicial – e para realizar sua tendência inata à integração em uma unidade” (Dias, 2003, p.130). Tem-se, assim, o lugar fundamental que Winnicott outorga à figura materna dentro da sua teoria do amadurecimento humano. Newman (2003), tratando sobre o *ambiente facilitador*, afirma que em Winnicott esta expressão se “parece um pouco com o uso que ele faz de *mãe*” (p.48), o que ajuda a compreender o lugar que dedica à mãe em sua teoria.

Aprofundando as características da mãe na concepção de Winnicott, Abram (2000), comenta:

A mãe é essencial para a teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott. Para o bebê ela é o primeiro ambiente, tanto em termos biológicos quanto psicológicos. A maneira como a mãe se comporta e se sente em relação a seu filho exercerá uma grande influência sobre a saúde do bebê – particularmente durante a gravidez e logo após o nascimento – pelo resto da vida. (p.141)

Note-se que, para Jan Abram, a mãe winnicottiana figura como o *primeiro ambiente*, isto é, ela não é tão-somente uma extensão do ambiente: ela é o próprio ambiente, sobretudo neste estágio da dependência absoluta. Winnicott atribui à mãe e também ao pai o papel de darem provisão às necessidades do bebê nesta etapa do seu desenvolvimento. No entanto, isto requer um alto grau de adaptação e constitui tarefa complexa. Diz Winnicott:

Acontece que este adaptar-se dos processos de maturação da criança é algo extremamente complexo, que traz tremendas exigências aos pais, sendo que inicialmente a mãe sozinha é o ambiente favorável. Ela necessita de apoio por esta época, que é melhor dado pelo pai da criança (...). (1965r [1963], p.81).

Apoiada pelo pai na sua tarefa de adaptar-se às exigências maturacionais do bebê, a mãe, segundo Winnicott, vive um estado especial nesta época, estado este que a dota de uma potencialidade que a torna devotada ao seu bebê, tendo para com ele um intenso grau de adaptação³⁰. Diz ele:

Gostaria de dar a este estado especial da mãe um nome especial, porque acho que a sua importância não tem sido apreciada. As mães se recuperam desse estado e se esquecem. Eu denomino isso “preocupação materna primária”. Este não é necessariamente um bom nome, mas o certo é que ao chegar ao fim da gravidez e nas primeiras semanas depois do nascimento de uma criança a mãe está preocupada com (ou melhor, “devotada ao”) o cuidado de seu nenê, que de início parece ser parte dela mesma; além disso, ela está muito identificada com o nenê e sabe muito bem como é que o nenê está se sentido. (1965r [1963], p.81)

A adaptação especializada realizada pela mãe possibilita ao bebê as condições ideais para o seu desenvolvimento emocional, condicionando-o de modo marcante tanto positivamente, propiciando a saúde psíquica, quanto negativamente, trazendo dificuldades no livre desenrolar do processo de amadurecimento. De modo geral, a afirmação de Winnicott sintetiza esta correlação fundamental da mãe devotada que se adapta ao seu bebê de modo a lhe favorecer não apenas crescimento em termos do que é herdado,

³⁰ Winnicott esclarece e faz a distinção do termo *adaptação* em sua concepção habitual nos círculos psicanalíticos, relacionando-a com a sua própria idéia, a qual enfatiza aspectos outrora esquecidos ou relativizados em termos de interpretação psicanalítica. “Nos primórdios da psicanálise a adaptação só significava uma coisa, satisfazer as necessidades instintivas da criança. Muitos erros de interpretação se originaram da lentidão de alguns em entender que as necessidades de um lactente não estão confinadas às tensões instintivas, não importa quão importantes possam ser. Há um conjunto inteiro de desenvolvimento do ego do lactente que tem suas próprias necessidades. A linguagem aqui é que ‘a mãe não desaponta seu nenê’, embora ela possa e deva frustrar no sentido de satisfazer suas necessidades instintivas. (1965r [1963], p.81)

geneticamente falando, mas também do ponto de vista psicanalítico em termos winnicottianos, isto é, das necessidades profundas de *ser e continuar sendo*. Diz Winnicott:

Descreverei agora as necessidades do ego, uma vez que elas são múltiplas. O melhor exemplo seria a questão de segurar ao colo. Ninguém pode segurar um bebê a menos que seja capaz de se identificar com ele. Balint (1951, 1958) se referiu ao oxigênio do ar, do qual o lactente não sabe nada. Eu lhes lembraria a temperatura da água do banho, testada pelo cotovelo da mãe; a criança não sabe que a água podia estar ou muito quente ou muito fria, mas vê de modo natural a temperatura corporal. Ainda estou falando da dependência absoluta. (...) Todos os processos de uma criatura viva constituem um *vir-a-ser*, uma espécie de plano para a existência. A mãe que é capaz de devotar, por um período, a essa tarefa natural, é capaz de proteger o *vir-a-ser* de seu nenê. Qualquer irritação, ou falha de adaptação, causa uma reação no lactente, e essa reação quebra esse *vir-a-ser*. Se reagir a irritações é o padrão da vida da criança, então existe uma séria interferência com a tendência natural que existe na criança de se tornar uma unidade integrada, capaz de ter um *self* com um passado, um presente e um futuro. Com uma relativa ausência de reações a irritações, as funções corporais da criança dão uma boa base para a construção do ego corporal. Deste modo se lançam as bases para a saúde mental futura. (1965r [1963], p.81)

A mãe, na concepção winnicottiana, desempenha papel fundamental em favorecer o contato com a realidade externa. Na verdade, neste estágio de dependência absoluta, não se pode falar ainda rigorosamente em *relação de objeto*³¹, visto que ainda não há uma distinção eu/não-eu, dentro/fora, isto é, não há o sentido de externalidade (Dias, 2003, p.213). Nesta etapa, a realidade é

³¹ Entendida na linha da clara distinção e alteridade de duas realidades. Sobre a relação de objeto na fase de dependência absoluta cf. 1964e, p. 60, Winnicott esclarece sobre a distinção entre a separação que existe entre objetos e a separação existente entre o ambiente e o si-mesmo. “No começo, o bebê é o ambiente e o ambiente é o bebê. Através de um processo complexo (...), o bebê separa os objetos, e aí separa o ambiente do *self*. Há um estado intermediário em que o objeto com o qual o bebê se relaciona é um objeto subjetivo”.

vivida subjetivamente, e o objeto será percebido objetivamente somente mais adiante, como afirma Winnicott:

O objeto, sendo de início um fenômeno subjetivo, se torna um objeto percebido objetivamente. Esse processo leva tempo, e meses ou mesmo anos se devem passar antes que as privações e perdas possam ser absorvidas pelo indivíduo sem distorção dos processos essenciais que são básicos para as relações objetais. (1965j [1963], p.164)

Cabe observar como Winnicott descreve esta importante fase que antecede as relações objetais propriamente ditas, ou seja, o início destas relações com a apresentação dos objetos, a ilusão-desilusão e o objeto subjetivo. Diz Winnicott:

Digamos então que a partir dessa condição (*dependência absoluta*) a criança é perturbada por uma tensão instintiva chamada fome. Eu diria que o bebê está disposto a acreditar em algo que poderia existir, isto é, desenvolveu-se nele a capacidade de alucinar um objeto. Trata-se, no entanto, mais de um direcionamento da expectativa do que de um objeto propriamente dito. Nesse momento a mãe aparece com o seio (...) e o coloca de tal modo que o bebê pode encontrá-lo. (...) Certamente deveríamos dizer então que, ao adaptar-se ao impulso do bebê, a mãe permite que este tenha a *ilusão* de que aquilo que ali está foi criado por ele. Como resultado teremos não apenas a experiência física da satisfação instintiva como também a ligação emocional, e o início de uma crença na realidade como algo sobre o qual é possível ter ilusões. Gradualmente, através da experiência viva de um relacionamento entre a mãe e o bebê, este passa a usar detalhes por ele percebidos na criação do objeto esperado. No decorrer da amamentação ao seio, a mãe poderá repetir essa performance mil e uma vezes. Ela poderá, então, proporcionar ao seu bebê a capacidade para a ilusão de um modo tão bem-sucedido que não lhe será difícil a tarefa seguinte, a gradual

desilusão, sendo esta a palavra adequada para o desmame (...)
(1948b, p. 240-241)

Há um extenso conjunto de termos e aspectos³² que podem ilustrar e aprofundar o que Winnicott desenvolveu sobre o papel que a mãe exerce em todo o processo de amadurecimento humano. Contudo, desenvolvê-lo em todos os seus pormenores aqui, corresponderia, talvez, a uma tarefa que transcende os objetivos deste trabalho. Selecionou-se o que é fundamental nesta fase de dependência absoluta e que mais adiante se prestará a uma correlação com a temática da capacidade de ter fé.

O estágio de *dependência relativa* se distinguiu, segundo Winnicott, pelo fato de que, nesta etapa, o lactente tem capacidade de perceber sua própria dependência. Enquanto o estágio de dependência absoluta “está além da capacidade de percepção do lactente”, no da dependência relativa “o lactente pode tomar conhecimento” (1965r [1963], p.83). Outra característica deste estágio é a capacidade que o lactente adquire em se adaptar às falhas do seu próprio processo de adaptação em vista de estar adquirindo rapidamente recursos específicos do amadurecimento.

É parte do repertório da grande maioria das mães proverem uma desadaptação gradativa, e isso está muito bem orientado para o rápido desenvolvimento que o lactente revela. Por exemplo, há o começo da compreensão intelectual, que se desenvolve como uma vasta extensão de processos simples, como o do reflexo condicionado. (Idem)

Quando Winnicott se refere à *compreensão intelectual* e seu uso neste estágio, ele aponta para a grande variação que existe entre os lactentes na utilização deste recurso. Isso se dá, segundo ele, “pela existência de uma

³² Por exemplo, questões ligadas ao antes e aos depois do nascimento com os primeiros momentos da vida extrauterina, as tarefas fundamentais em torno da “primeira mamada teórica”, a “preocupação materna primária”, a “criatividade originária”, “os estados excitados e os estados tranquilos” e as implicações para a integração e o sentimento de ser real como ser no tempo e no espaço, o “*holding*” e o “*handling*”, o segurar e o manejo, as relações objetivas que implicam no início do contato com a realidade, são todos temas que mereceriam uma análise do papel exercido pela mãe, que atravessa significativamente todos esses processos. (Cf. Dias, 2003, p.157-225)

confusão no modo em que a realidade é apresentada”. Esta questão é mais bem explicitada pelo autor quando afirma que:

...uma vez que o processo inteiro do cuidado do lactente tem como principal característica a apresentação contínua do mundo à criança. Isso é algo que não pode ser feito por pensamento, nem pode ser manejado mecanicamente. Só pode ser feito pelo manejo contínuo por um ser humano que se revele continuamente ele mesmo, não há questão de perfeição aqui. Perfeição pertence às máquinas; o que uma criança consegue é justamente aquilo de que ela precisa, o cuidado e a atenção de alguém que é continuamente ela mesma. Isso naturalmente se aplica também aos pais. (1965r [1963], p.83)

Winnicott dá destaque ao elemento de continuidade que deve existir neste estágio de apresentação do mundo ao lactente, feito por uma mesma pessoa que deve “ser ela mesma” e que desempenhe seu papel de cuidar e manejar o bebê com autenticidade, não como fórmula aprendida artificialmente em algum livro ou em uma aula. “Esse desempenho não é suficientemente bom”, diz Winnicott. O importante neste momento do amadurecimento é a existência de uma pessoa que se dedique devotadamente ao bebê de modo a fornecer a experiência de continuidade de que ele carece. Diz o autor:

O lactente só pode ter uma apresentação não-confusa da realidade externa se for cuidado por um ser humano que está devotado ao lactente e à tarefa de cuidar desse lactente. A mãe logo emergirá deste estado de devoção espontânea, e logo voltará a sua escrivania, ou a escrever novelas, ou a uma vida social junto com seu esposo, mas nesse período ela está nisto até o pescoço. (1965r [1963], p.83-84)

Em *o mundo em pequenas doses*³³, Winnicott aprofunda sua noção dessa relação fundamental da mãe com o seu bebê, em que a mãe oferece

³³ Cf. 1964a in *A criança e seu mundo*. (W7)

paulatinamente a realidade, de modo que esta possa ser assimilada pelo bebê naturalmente, sem sobressaltos.

Muitas coisas dependem da maneira como o mundo é apresentado a uma criança, quando bebê e quando já em franco desenvolvimento. A mãe normal pode dar início e prosseguir nessa espantosa tarefa de apresentar o mundo em pequenas doses, não porque seja especialmente dotada, como os filósofos precisam ser, mas simplesmente por causa da dedicação que sente pelo seu próprio filhinho. (1964a, p.82)

Comentando sobre esta fase de *dependência relativa*, Abram (2000) ressalta suas características chamando a atenção para o fato de que elas ocorrem por ocasião da distinção que o bebê começa a operar entre o eu e o não-eu, motivado pelo processo de desmame “que ocorre tanto com a mãe quanto com o bebê” (p.103). Aliás, grande parte dos fenômenos ocorre em decorrência do desmame, uma vez que o ato de mamar³⁴ comporta uma gama considerável de significados e conduz a processos complexos que marcam o estabelecimento de conquistas no estágio de dependência absoluta e nesta fase de dependência relativa (Dias, 2003). Desse modo, compreende-se que o desmame carrega atrás de si e desencadeia todo um processo de desilusão que consiste em o bebê começar a adquirir a consciência de que ele não é criador do seio, o qual lhe é dado e não criado por força de sua vontade.

Dias (2003) esclarece sobre este processo do desmame conjugado com a desilusão e com a perda da onipotência em troca da aquisição da capacidade de lidar com a realidade. Ressalta que estas experiências só se tornam possíveis devido à extrema capacidade de adaptação que a mãe vive no início e a gradual desadaptação que vive neste estágio. Desse modo, esta

³⁴ Em “A amamentação como forma de comunicação” (1969b [1968]), Winnicott ressalta a importância fundamental da amamentação, muito mais pelo significado simbólico implicado neste ato, do que propriamente pela alimentação vista apenas como ato instintivo, físico. Diz Winnicott: “Enquanto evidência dos cuidados prestados ao bebê podemos dizer, por exemplo, que o ato de segurá-lo e manipulá-lo é mais importante, em termos vitais, do que a experiência concreta da amamentação” (p. 21).

“O estágio da primeira mamada teórica: as tarefas fundamentais”, onde a autora reúne toda a riqueza de significados envolvidos na experiência da amamentação. (Cf. Dias, 2003, p. 164)

desadaptação propicia ao bebê a experiência de ir gradualmente distinguindo-se da própria mãe, do mundo externo, constituindo-se assim numa unidade em meio à separação do todo até então vigente. Diz a autora:

Se é saudável, a mãe emerge naturalmente do estado de “preocupação materna primária”, cansada já do estreitamento de seu mundo e da extrema exigência que a dependência absoluta do bebê requer. Passam a ocorrer pequenas falhas, que, por se darem na medida da maturidade crescente do bebê, pertencem, ainda, à pauta da adaptação. Isto coincide com a necessidade do bebê de dar prosseguimento ao amadurecimento, ou seja, a desadaptação da mãe é imprescindível para o início do rompimento da unidade indiferenciada mãe-bebê, de modo a pôr em marcha o longo e vagaroso processo de separação que levará o pequeno indivíduo à integração em um eu unitário e separado, capaz de estabelecer relações com o não-eu ou o mundo externo. (Dias, 2003, p.228)

O processo de desadaptação cumpre um papel importante no processo de amadurecimento, visto que, ao propiciar a desilusão, esta assenta as bases da realidade, abrindo um vasto campo que permite viver de maneira criativa. É necessário, no entanto, não perder de vista que o que é perdido nesta fase é a “ilusão de onipotência”, ou seja, a idéia de onipotência de tudo poder, tudo criar, independente da própria realidade³⁵. Persiste, como aquisição positiva dessa fase, a capacidade de criar. A esse respeito, Dias (2003) chama a atenção para esta importante conquista que ressoará por toda a vida do adulto, declarando que “o sentimento de que o mundo foi criado pessoalmente, e pode continuar a ser criado, não desaparece”. Referindo-se à apropriação intelectual deste processo, afirma que “o indivíduo retém a capacidade para a ilusão, exercendo naturalmente a criatividade (...)”³⁶ (p.228). Falando sobre a origem do processo de criatividade,

³⁵ Dias (2003, p.228) ressalta que em Winnicott, diferentemente do senso comum, não é necessariamente negativa a visão de desilusão, pois o que se perde com esta desilusão “não é a ilusão básica, que permanecerá se houver saúde, mas a ilusão de onipotência”.

³⁶ Elsa Dias refere-se à citação de Winnicott, para quem a criatividade é “a manutenção, através da vida, de algo que pertence à experiência infantil: a capacidade de criar o mundo.” (1986h, p.24)

Winnicott a associa à capacidade de viver a “ilusão básica” que sobreviveu à onipotência satisfatoriamente frustrada. Assim, afirma a autora:

A criatividade é, portanto, a manutenção através da vida de algo que pertence à experiência infantil: a capacidade de criar o mundo. Para o bebê, isso não é difícil; se a mãe for capaz de se adaptar às necessidades do bebê, ele não vai perceber o fato de que o mundo estava lá antes que ele tivesse concebido ou concebesse o mundo. O princípio da realidade é o fato da existência do mundo, independentemente de o bebê tê-lo criado ou não. (1986h, p.24)

Em torno dos acontecimentos que ocorrem em vista da desadaptação e do desmame, a saber, os processos de ilusão/desilusão, o início das funções mentais, a gênese da criatividade e o início da separação eu/não-eu faz-se necessário considerar, nesta fase de dependência relativa, o fenômeno da transicionalidade. Dias (2003) afirma que a

descrição dos fenômenos da transicionalidade foi, sem dúvida, a contribuição mais prontamente aceita e difundida de Winnicott. Foi por ela que ele se tornou conhecido e consagrado e, durante muito tempo, uma grande parte dos artigos e comentários à obra winnicottiana dedicou-se a esse tema. (p.232)

Abram (2000), ao referir-se aos fenômenos transicionais, afirma que o conceito de fenômeno transicional diz respeito a uma dimensão do viver que não depende nem da realidade interna, nem da realidade externa; mais propriamente, é o espaço em que ambas as realidades encontram-se e separam o interior do exterior” (p.253).

Em termos de discussão conceitual, é importante atentar para o que este mesmo autor considera quanto à nomenclatura empregada por Winnicott

quando se refere a este fenômeno ou a esta dimensão. Assim como Abram, Winnicott emprega termos como “terceira área, área intermediária, espaço potencial, local de repouso e localização da experiência cultural” (Idem).

Winnicott advogou uma *hipótese original* quando, a partir da observação do uso que bebês fazem de certos objetos ou mesmo do hábito de colocar o próprio dedo na boca, descreveu a existência do que ele chamou de *objeto transicional*. Com relação ao que acontece por ocasião do uso ou da eleição desse objeto, Winnicott atribui as seguintes observações a serem consideradas: “a natureza do objeto; a capacidade do bebê de reconhecer o objeto como ‘não-eu’; a localização do objeto – fora, dentro, na fronteira; a capacidade do bebê de criar, imaginar, inventar, originar, produzir um objeto; o início de um tipo afetivo de relação de objeto”. Prossegue dizendo:

Introduzi os termos ‘objetos transicionais’ e ‘fenômenos transicionais’ para designar a área intermediária de experiência, entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a projeção do que já foi introjetado, entre o desconhecimento primário de dívida e o reconhecimento desta (...). (1971vb, p.14)

Winnicott considera *inadequado e insuficiente* descrever a natureza humana a partir de categorias tais como relacionamentos interpessoais (mesmo se levado em conta a *elaboração imaginativa* e as *fantasias conscientes* ou *inconscientes*), *exterior* e *interior*, realidade interna. Por isso, ele reivindica a necessidade de um outro enunciado que contemple:

A terceira parte da vida de um ser humano, parte que não podemos ignorar, constitui uma área intermediária de experimentação, para a qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa. Trata-se de uma área que não é disputada, porque nenhuma reivindicação é feita em seu nome, exceto que ela exista como um lugar de repouso para o indivíduo empenhado na perpétua tarefa humana de manter as realidades interna e externa separadas, ainda que inter-relacionadas. (Idem, p.15)

Na perspectiva de elucidação do conteúdo do que venha a ser o fenômeno transicional e o objeto transicional assim como do processo de como ocorrem, faz-se necessário considerar, de início, o modo de ser criativo. A criatividade possibilita e oferece ao bebê as condições que lhe permitem criar seus *mundos* e os sentidos para a realidade e, assim, o poder de transitar de um mundo para outro e de um sentido para outro. A transicionalidade permite compreender o exercício nascente do potencial criativo do bebê, potencial este condicionador deste fenômeno³⁷. Diz Winnicott:

Os objetos transicionais e os fenômenos transicionais pertencem ao domínio da ilusão que está na base do início da experiência. Esse primeiro estágio do desenvolvimento é tornado possível pela capacidade especial, por parte da mãe, de efetuar adaptações às necessidades de seu bebê, permitindo-lhe assim a ilusão de que aquilo que ele cria existe realmente. (Winnicott, 1971a, p.30)

Fulgencio (2007) ressalta as características do objeto transicional quando descreve:

Na fase seguinte à fase da desilusão, ocorrerá o surgimento de algo que num certo sentido materializa, num objeto, a área de ilusão na qual o bebê continua habitando, um objeto que é, ao mesmo tempo criado pelo bebê (para atender à sua necessidade) e fornecido ou encontrado no ambiente: o objeto transicional. (Fulgencio, 2007, p.17)

A partir da colocação de Winnicott e do comentário de Fulgencio, convém atentar para as qualidades do objeto transicional. Sendo criado pelo bebê e, ao mesmo tempo, constituindo um dado da realidade que lhe é fornecido, este objeto transicional revela sua característica original como não configurando algo

³⁷ Cf. Dias (2003): “Para que essa transição aconteça, para que a transicionalidade se configure enquanto tal, é preciso que o bebê esteja criando um novo espaço, um novo ‘mundo’. O que o amadurecimento promove é a capacidade inerente a todo ser humano de criar mundos e transitar entre eles”. (p. 238)

apenas interno³⁸, nem totalmente externo. Constitui-se numa área fronteira entre dois mundos, pode-se assim dizer. Esta *área de ilusão* que ao mesmo tempo não está nem dentro nem fora permite ao bebê habitar, isto é, *ser* enquanto transita entre dois mundos, construindo-se a si mesmo na distinção paulatina que faz em relação à mãe e, em decorrência desta, em relação a todo mundo. Neste sentido, a transicionalidade estabelece um marco significativo no processo de amadurecimento, porquanto inaugura um modo de viver onde a subjetividade e o simbolismo se estabelecem como uma forma de sentir e representar a realidade. Dias (2003) assim descreve estes fenômenos:

No início da passagem da adaptação absoluta para a adaptação relativa, os objetos transicionais exercem a indispensável função de amparo, por substituírem a mãe que se desadapta e desilude o bebê. A transicionalidade marca o início da desmistura, da quebra da unidade mãe-bebê. O lactente, que é um criador de mundos, cria a primeira região, a primeira distância, a área inaugural de separação entre ele e a mãe: o espaço potencial.

Abram (2000) afirma que “os fenômenos transicionais estão inevitavelmente associados ao brincar e à criatividade” (p.253). Para Dias (2003), o brincar representa um desenvolvimento do fenômeno transicional. Diz a autora:

Os fenômenos transicionais emergem da área da ilusão de onipotência, no interior da qual foi construída a realidade do mundo subjetivo. (...) Desenvolvem-se, depois, na capacidade de brincar e se estendem, à medida que o amadurecimento prossegue, por todo o espaço cultural. (p.234)

³⁸ Dias (2003) destaca o significado de “interno” e “objeto interno” em vista da marcante conotação que estes termos possuem na teoria psicanalítica de base kleiniana, constituída na premissa de que em estágios precoces do bebê já existem e atuam mecanismos psíquicos sofisticados. Assim considerados levam, dedutivamente, à constatação de que já está estabelecida toda uma realidade interna. Em Winnicott, há um dado novo posto a partir da idéia do objeto transicional que estabelece outro patamar a partir do qual estas categorias são revistas e sua manifestação questionada quanto à sua datação de ocorrência. Afirma Dias: “Da perspectiva da teoria do amadurecimento, só se pode falar de objeto interno se estivermos nos referindo a um momento do amadurecimento em que já há um mundo ou realidade interna, e essa conquista só ocorre após o alcance da identidade unitária no estágio do EU SOU, sendo que a transicionalidade é anterior a este último” (2003, p.240).

Desse modo, em certo sentido, pode-se dizer que o brincar é sucedâneo do fenômeno transicional, ou, em outras palavras, o fenômeno transicional está presente, em termos de desenvolvimento, atuante no brincar³⁹ e posteriormente (também possivelmente) em atividades culturais, artísticas e religiosas. Com esta constatação, compreende-se outra face da transicionalidade que se revela presente na atividade do brincar e, numa etapa posterior, nas atividades de cunho artístico-cultural, demonstrando o imenso potencial humano de criar e recriar o mundo, a vida e a si mesmo.

Mas a teoria winnicottiana sobre o brincar guarda certas peculiaridades que necessitam de algum esclarecimento, sob pena de não se compreender a riqueza do seu alcance e a originalidade de sua elaboração teórica. Assim posto, considera-se, de início, que o próprio Winnicott estabeleceu marcos teóricos que especificam o que para ele constitui-se como o brincar⁴⁰. Esclarece Winnicott que “é evidente que estou fazendo uma distinção significativa entre o substantivo ‘brincadeira’ e o verbo substantivado ‘brincar’” (1968i [1967], p.61). Aludindo-se à importância que ele dá não necessariamente aos conteúdos presentes na brincadeira, mas ao ato mesmo de brincar, porquanto este

facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia; finalmente, a psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros. (Idem, p. 63)

³⁹ Cf. Dias (2003, p. 234): “os objetos transicionais, e depois o brincar, são os precursores da capacidade do adulto de usar o campo da cultura, da religião, da arte, para o necessário e salutar descanso da eterna tarefa de separar os fatos da fantasia”. Esta colocação ilustra a idéia de continuidade sequencial do objeto transicional para o brincar e as atividades de cunho cultural. Mais tarde, após ter vivido tempo suficiente no mundo subjetivo, o bebê irá habitar no espaço potencial, cuja área será preenchida inicialmente pelos fenômenos transicionais e, aos poucos, sucessivamente, pelo brincar, pelas atividades culturais e artísticas (...)”. (Idem, p. 206)

⁴⁰ Winnicott diz constatar que em termos psicanalíticos não há enunciados úteis sobre o brincar e os que existem, ele tratou de estabelecer a diferença com o seu pensamento. É, sobretudo, com Melanie Klein que estas diferenças são mais nítidas. Para Winnicott o uso analítico que esta faz da brincadeira leva em consideração e está mais preocupada com o conteúdo desta, do que propriamente com o próprio ato de brincar, visto em si mesmo. (Cf. 1968i [1967], p.61)

Pela importância desse enunciado sobre o brincar cabe, agora descrever, o que Winnicott, em resumo⁴¹, lhe atribuiu. Assim, diz Winnicott:

(a) Para uma aproximação à idéia do brincar, é útil pensar na preocupação que caracteriza o brincar de uma criança pequena. O conteúdo não importa. O que importa é o estado de quase alheamento, aparentado à concentração das crianças mais velhas e dos adultos. A criança que brinca habita uma área que não pode ser facilmente abandonada, nem tampouco admite facilmente intrusões. b) Essa área do brincar não é realidade psíquica interna. Está fora do indivíduo, mas não é o mundo externo.

Winnicott detalha o mecanismo que permite que a criança, ao brincar, transite entre o interno e o externo, dando-lhes lugar para vivência dos seus conteúdos psíquicos e/ou oníricos:

(c) A criança traz para dentro dessa área da brincadeira objetos ou fenômenos oriundos da realidade interna ou pessoal. Sem alucinar, a criança põe para fora uma amostra do potencial onírico e vive com essa amostra num ambiente escolhido de fragmentos oriundos da realidade externa. (d) No brincar, a criança manipula fenômenos externos a serviço do sonho e veste fenômenos externos escolhidos com significado oníricos. (Idem)

Prossegue Winnicott, apresentando uma outra característica do brincar em sua correlação com os relacionamentos interpessoais e a cultura. Note-se aqui o elemento *confiança*, como fator importante implicado no brincar:

⁴¹ Idem (p.76-77). A título de resumo, Winnicott sintetiza suas idéias desenvolvidas anteriormente sobre o brincar.

(e) Há uma evolução direta dos fenômenos transicionais para o brincar, do brincar para o brincar compartilhado, e deste para as experiências culturais. (f) O brincar implica confiança e pertence ao espaço potencial existente entre (o que era a princípio) bebê e figura materna, com o bebê num estado de dependência quase absoluta e a função adaptativa da figura materna tida como certa pelo bebê. (Idem).

Em seguida, Winnicott apresenta determinadas características do brincar bastante específicas dentro da literatura psicanalítica, que tratam da questão do corpo, da excitação corporal das zonas erógenas e do prazer. Fez-se a opção de não detalhar aqui tais pormenores, considerando-se e privilegiando-se aqueles que guardam relação mais estreita com a temática em questão. Convém, no entanto, destacar a relação do brincar com os temas mencionados acima e como Winnicott opta por uma linha de não-centralidade nas questões desta ordem dos instintos, mas abre espaço para considerar outra perspectiva de compreensão das raízes remotas que explicam como a pessoa se apropria da realidade. Diz Winnicott:

O brincar é inerentemente excitante e precário. Essa característica não provém do despertar instintual, mas da precariedade própria ao interjogo na mente da criança do que é subjetivo (quase-alucinação) e do que é objetivamente percebido (realidade concreta ou realidade compartilhada). (Idem)

Para finalizar esta consideração sobre o brincar como fenômeno importante desta etapa do amadurecimento, situado na transição da dependência absoluta para a dependência relativa, expõe-se agora a importante consideração que Winnicott fez sobre o brincar enquanto “atividade criativa e a busca do eu (*self*)”. Diz Winnicott que “é no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação” (1971r, p.79). Ressalta-se, assim uma dimensão do brincar que perdura na vida adulta⁴² e

⁴²Sobre o brincar na vida e na relação terapêutica com adultos, propõe Winnicott: “Sugiro que devemos encontrar o brincar tão em evidência nas análises de adultos quanto o é no caso de nosso trabalho com

constitui como uma forma deste relacionar-se com o mundo, consigo mesmo e com aquilo que realiza em termos de atividades. Fulgencio referindo-se a este aspecto do brincar na vida do adulto, diz:

O brincar e a brincadeira do adulto dizem respeito a uma determinada relação com o mundo, com o seu trabalho, com as pessoas com quem convive, com suas atividades, etc. Ela corresponde à possibilidade de habitar uma área intermediária na qual há uma união e separação do mundo subjetivo e do objetivamente dado, o que certamente não ocorre o tempo todo. É a esta área que Winnicott se refere como sendo *o lugar em que vivemos*, a área da experiência na qual o brincar se realiza e que mais tarde compreenderá o espaço da arte, da religião, do trabalho, e da vida social em geral. (2008, p.10-11)

Por esta colocação de Fulgencio, compreende-se que o brincar e a brincadeira favorecem um tipo especial de comunicação, na qual se estabelece uma forma de contato através do brincar compartilhado. Subsiste a este brincar compartilhado exatamente a noção do objeto transicional visto como *o lugar em que vivemos*, ao qual se referiu Winnicott (1971q). Certamente, com esta concepção é que se pode, então, entender a relação que Winnicott estabelece entre as psicoterapias⁴³ e o brincar, pois para ele “a psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas” (1968i, p.59). Winnicott, de certo modo, inaugura um vasto campo de possibilidades no campo da psicoterapia (particularmente de base psicanalítica) a partir deste pressuposto do brincar enquanto modo de relação no processo terapêutico⁴⁴, no entanto, igualmente há que se considerar que, não apenas neste aspecto particular, mas

crianças. Manifesta-se, por exemplo, na escolha das palavras, nas inflexões de voz e, na verdade, no senso de humor”. Cf. (1968i, p.61)

⁴³ Fulgencio (2008) esclarece que o termo *psicoterapia* aqui é tomado no seu sentido amplo e assim comporta também a psicanálise.

⁴⁴ Esta questão foi aprofundada por Fulgencio (2008) em “O brincar como modelo do método de tratamento psicanalítico”, no qual retoma alguns aspectos da teoria winnicottiana, sobretudo o brincar como gesto criativo e transicional, aplicando à prática terapêutica.

de modo geral, a teoria winnicottiana se presta e lança novas luzes para a compreensão da própria condição humana.

Na descrição do processo de amadurecimento em termos de uma linha contínua, consideram-se, agora os estágios *rumo à independência* e *independência relativa*. Recorde-se, dentre outras aquisições da etapa anterior (dependência relativa), aquela que possibilitou ao bebê a conquista do reconhecimento da própria identidade, como distinta do ambiente e sobretudo da mãe. Nesta etapa deu-se, portanto, o início da tomada de consciência da alteridade eu/não-eu e a conseqüente constatação da própria dependência.

A tomada de consciência iniciada no estágio da dependência relativa amplia-se nesta etapa *rumo à independência* e requer da criança novas respostas em face dos desafios que se estabelecem a partir deste novo quadro do amadurecimento, sobretudo a forma de lidar com os sentimentos de ansiedade e de culpa.

A criança que atingiu, por assim dizer, o estágio do *eu sou*, prosseguindo no seu percurso maturacional, entra agora, segundo Winnicott, numa fase dita de *concernimento*⁴⁵, referindo-se ao fato de que, tendo tomado consciência ou caminhando célere para ela, começa a se importar e a levar em conta os seus impulsos e, ao mesmo tempo, assumir a responsabilidade por eles, não mais os atribuindo às causas externas, mas a si mesmo. Diz Winnicott:

Quando o indivíduo alcança o estágio do *concernimento*, ele não pode mais esquecer as conseqüências de seus impulsos ou das partes de seu eu, tais como a boca que morde, os olhos que apunham, os gritos que perfuram, a garganta que suga etc. (1945d, p. 230-231)

Dias (2003) trata esta questão em termos de “integração da vida instintual” (p.258), que consiste em reconhecer, em termos psíquicos, a inteireza de uma pessoa que se relaciona com outra, igualmente inteira.

⁴⁵ O autor deste trabalho aproxima-se à compreensão de Elsa Dias e Zeljko Loparic, para os quais o termo *concernimento*, não obstante seja um neologismo, atende a necessidade de não usar sistematicamente terminologias da língua inglesa e, por outro lado, evita recorrer às traduções nem sempre fiéis ao pensamento original do autor. Desse modo, ‘concernimento’ será aqui utilizado para expressar o teor contido no inglês *concern* que, por aproximação ao português, indica interesse, preocupação, inquietação; ‘concernir’ é dizer respeito a, interessar, preocupar, inquietar (cf. dicionário Michaelis). Nesta seara, Newman (2003) faz opção pelo termo *consideração*, por julgá-lo “um termo mais popular – portanto mais de acordo com Winnicott” (p. 140).

Para bem compreender este estágio do concernimento, faz-se mister considerar que numa etapa anterior o bebê não demonstrava interesse, pode-se dizer assim, nas consequências dos seus impulsos agressivos, pois nem mesmo havia consciência deles. Este bebê era, no dizer de Winnicott (1945d), incompadecido (*ruthless*⁴⁶), indicando um certo prazer em ferir a mãe, causando-lhe dor. Diz Winnicott:

É preciso postular a existência de um relacionamento objetal inicial impiedoso (*ruthless*). Novamente, talvez esta seja apenas uma fase teórica, e ninguém consegue ser impiedoso (*ruthless*) depois da fase do *concern*, a não ser em estados dissociados. Mas os estados de ausência de compaixão (*ruthlessness*) dissociada são comuns no início da infância, e emergem em certos tipos de delinquência e de loucura, e precisam estar disponíveis na saúde. A criança normal tem prazer na relação impiedosa (*ruthless*) com a mãe, geralmente em meio a brincadeiras, e ela precisa da mãe porque esta é a única de quem se pode esperar que tolere a sua ausência de compaixão (*ruthlessness*) mesmo por brincadeira, pois isto na verdade a fere e a cansa. Sem a possibilidade de brincar sem compaixão, a criança terá que esconder o seu ser impiedoso e dar-lhe vida apenas em estados dissociados. (1945d, p.230)

Abram (2000), a propósito, recorda como Winnicott constrói esta teoria da agressividade, vista em termos de seus primórdios, pela “crueldade do bebê”. Segundo Abram, Winnicott “aposta no que chamou ‘*self* cruel primitivo’.

⁴⁶ *Ruthless* (adj.: cruel, implacável, desapiedado, insensível, etc., cf. Dicionário Michaelis) e *ruthlessness* (subst.: crueldade, falta de piedade, desumanidade. *Idem*) nem sempre, numa tradução, expressam exatamente o sentido original, podendo haver conotações não fiéis ao seu propósito. De qualquer modo, e em consonância com a nota do tradutor de “Da pediatria à Psicanálise” (p.230), opta-se pela compreensão nessa linha: “Atualmente creio que, como exercício de tradução, e considerando que nem a tradução nem a psicanálise são ciências exatas (embora não necessariamente ‘inexatas’...), os termos ‘piedade’ (com o adjetivo muito adequado ‘impiedoso’) ou ‘compaixão’ (segundo o Aurélio, ‘pesar que em nós desperta a infelicidade, a dor, o mal de outrem’) parece-me muito próximas da intenção de Winnicott (...). A idéia básica é a de que é *ruthless* quem não percebe ou não dá importância à dor que provoca. Por exemplo, os carnívoros são inteiramente *ruthless* em relação ao sofrimento de suas presas, e é precisamente esta a idéia que Winnicott deseja passar.” Com essa compreensão pode-se entender, então, todo o alcance de *concern* como sendo o contrário daquele termo, ou seja, a tomada de consciência da própria agressividade e a capacidade de se preocupar com o outro no sentido de não lhe causar danos.

Esta crueldade se dá antes mesmo de o bebê ser capaz de sentir-se preocupado. Assim o *self* cruel antecede o *self* implicado” (p. 9). Há que se destacar, nesta colocação de Abram, a noção winnicottiana aí implicada de que a capacidade de concernimento depende e só se desenvolve a partir da expressão do si-mesmo cruel.

O estágio do concernimento põe em evidência a necessidade premente da criança em responder aos apelos instintuais de cunho agressivo e ambivalente, ao mesmo tempo em que começa a tomar consciência da unidade emocional que encerra em si mesma, assim como o objeto de sua relação se constitui, igualmente, numa só e mesma realidade. Dias (2003) afirma:

Uma das coisas mais importantes que ocorrem neste estágio consiste em que a criança começa a perceber não só que ela é uma única e mesma pessoa, quer esteja excitada quer esteja tranquila, como também que a mãe que cuida dela, trocando-a e mimando-a nos estados tranquilos, é a mesma pessoa que ela vivamente ataca durante os estados excitados.(...) Durante o tempo em que a criança está juntando, numa só, a mãe-ambiente e a mãe-objeto, a mãe real precisa continuar a desdobrar-se em duas, executando cada qual a sua parte da tarefa de cuidar do bebê.

Há que se destacar o papel fundamental da mãe neste estágio, pois, segundo Dias (2003), “compete à mãe não apenas continuar a manter o ambiente seguro e confiável, como a oferecer-se ela mesma, como objeto que agora é usado, conscientemente sugado, destruído e alvo de preocupação” (p. 259). Winnicott refere-se a este particular, afirmando que:

Todos concordam que em certo momento o bebê passa a sentir-se como uma pessoa total e a considerar a sua mãe como uma pessoa total. Pouco tempo depois que isto acontece, outras pessoas entram em sua vida enquanto pessoas (...). Não existe um acordo generalizado quanto à idade em que o bebê começa a

sentir sua mãe como uma pessoa, passando assim a preocupar-se com as consequências de seus ataques reais e imaginários a ela sob o impulso das tensões instintivas. (1948b, p.236)

Tem-se visto que a presença da mãe – não obstante as variações quanto à sua adaptação às necessidades do bebê e a dependência deste em relação a ela – é absolutamente fundamental em todo o processo de amadurecimento. Neste estágio *rumo à independência* pode-se sintetizar sua função nos seguintes termos: a mãe fornece tempo e ambiente pessoal contínuo para que o bebê “organize” seus instintos com a agressividade associada a eles. Estes sentimentos geram uma série de temores, medos e fantasias retaliatórias no bebê, que encontra na mãe a “disponibilidade receptiva e protetora” que o faz neutralizar estes sentimentos, sobretudo no aspecto de seu “caráter mágico”. Possivelmente ocorra, aqui, algo importante em termos de conquista do amadurecimento: o sentimento de culpa e o modo de suportá-la pela reparação. Percebe-se, então, que a mãe “funciona” para o bebê como sendo aquela que lhe dá a possibilidade de remendar, consertar, reparar a situação que ele, de modo incompadecido, danificou. Dias (2003) analisa:

O elemento essencial, aqui, é a presença da mãe, a sua sobrevivência, durante todo o período em que o bebê ou a criança está integrando a agressividade que faz parte da sua natureza. Primeiro, por segurar a situação no tempo: a mãe permanece ali, viva e disponível, isto é, acessível, tanto fisicamente quanto no sentido de não estar preocupada com outra coisa durante o intervalo de tempo necessário entre o ataque agressivo do bebê, o advento da culpa e o gesto de reparação ou remendo. (p.261)

Outra importante conquista deste estágio do concernimento diz respeito à temporalização que a partir desta etapa adquire certa consistência. Sobre isso, afirma Dias (2003):

Sua (*do bebê*) nova consciência acerca dos estragos que produz, nos momentos de excitação, é retroativa além de projetar-se no futuro: ele não apenas sabe que é ele mesmo que, agora, na excitação do momento, suga, devora, gasta, em suma, faz estragos na mãe, como sabe que sempre os fez, e mais, que continuará a fazê-los. Não há remédio, o impulso para viver implica agarrar, usar e devorar tudo o que é necessário para continuar vivo. Se, pela crescente confiança no ato reparador, a criança sente-se livre para exercer a sua impulsividade e, algum tempo após, tendo sentido culpa, vem fazer o gesto (...), sinalizando que remendou o corpo da mãe, então o trabalho do dia se completa. (p.262-263)

Este mecanismo ao qual se referiu Dias diz respeito àquilo que no começo tinha apenas um sentido vago e subjetivo de tempo, marcado pela presença continuada da mãe, pois o bebê não dispunha de experiência e consciência temporal. Sua prática em relação à categoria de tempo foi sendo conquistada pela presença constante da mãe, isto é, pela experiência repetida dela mesma, propiciando ao bebê a retenção da sua presença e da sua imagem. Esta experiência repetida acarretou uma vagarosa aquisição da memória da presença da mãe na mente do bebê. Com relação ao estágio *rumo à independência*, este processo refere-se, para Winnicott, à própria integração, que significa “responsabilidade, ao mesmo tempo que consciência, um conjunto de memórias, e a junção de passado, presente e futuro dentro de um relacionamento” (1988, p.140).

Na etapa final do chamado concernimento, a criança estará, se tudo correr bem, integrada a ponto de ser reconhecida como uma pessoa inteira (Fulgencio, 2007):

não só aquilo que é não-eu, mas também as pessoas com as quais se relaciona como também sendo pessoas inteiras que ela ama e odeia, deseja e rechaça, não só em termos gerais, mas agora, com a integração de seus instintos, com amor e ódio coloridos por fantasias relacionais acompanhadas de excitações e clímax. (p.21)

Possivelmente este momento a que se referiu Fulgencio marque o início do estágio de *independência relativa*, cuja característica fundamental está na capacidade para estabelecer relações triangulares marcadas por fantasias e angústias e que se constituem no “cenário no qual o romance familiar é encenado” (Idem). Tem-se, assim, no percurso do amadurecimento humano, segundo a teoria de Winnicott, a chegada ao complexo de Édipo. Winnicott (1947a) reconhece esta sua elaboração com gratidão e, recordando o conceito importante de Freud, afirma que ele:

Verificou existir uma situação triangular que não podia ser descrita senão dizendo que o menino tinha amor pela mãe e estava em conflito com o pai como rival sexual. O elemento sexual foi demonstrado pelo fato de que tais coisas não aconteceriam unicamente em fantasia; havia acompanhantes físicos, ereções, fases de excitação com clímax, impulsos homicidas e um terror específico: o medo da castração. Este tema central foi destacado e recebeu o nome de complexo de Édipo, permanecendo ainda hoje como um fato central, infinitamente elaborado e modificado, mas irrefutável.
(p.167-168)

No entanto, mesmo tributando a Freud o enunciado do Complexo de Édipo e ressaltando sua importância para a compreensão da sexualidade infantil, Winnicott o redescreve num outro patamar, em vista de sua teoria do amadurecimento humano. Desse modo, diz Winnicott: “Se o fato central do complexo de Édipo for aceito, é imediatamente possível e desejável examinar os aspectos em que o conceito é inadequado ou impreciso como diretriz para a Psicologia Infantil” (Idem). Winnicott refere-se, certamente, àquelas tarefas primitivas do amadurecimento humano que, sendo anteriores ao conflito edipiano, constituem as bases da integração da pessoa num si-mesmo integrado. Desse modo, nem todos chegam inteiros a esta etapa pleiteada por Freud. Com essa

idéia, Winnicott desloca o eixo da atenção para outro foco: a etapas iniciais do amadurecimento, suas conquistas e aquisições que possibilitam a estruturação da personalidade e a constituição de um si-mesmo e do mundo externo integrados (Dias, 2003). Enquanto Freud “concebe o desenvolvimento em termos do desenvolvimento das funções sexuais” (p. 301), cuja tese da qual deriva esta idéia é o conflito sexual que tem como seu núcleo o conflito edipiano e “é no interior da resolução do complexo que se dá a constituição do sujeito” (Idem), Winnicott, segundo Dias (2003), contrapõe-se a esta idéia, seguindo outra linha. Diz a autora:

Segundo Winnicott, entretanto, o amadurecimento não diz respeito a funções isoladas, mas exatamente à integração numa inteireza e à tendência de existir como uma unidade. Embora o amadurecimento pessoal inclua a integração gradual da instintualidade e o desenvolvimento da sexualidade, não é nesse domínio que o indivíduo se constitui. Existem pessoas que, tendo tido seu amadurecimento interrompido em fases primitivas, jamais alcançam maturidade suficiente para padecer dos problemas inerentes à situação edípica. Pela teoria winnicottiana, é preciso haver antes um indivíduo para que algo como a sexualidade humana possa acontecer. (p.302)

Em consonância com este deslocamento de foco que recoloca a sexualidade como parte importante (ainda que não única e determinante) no processo de amadurecimento, destaca-se, agora no estágio de *independência relativa*, a conquista do chamado “status unitário” (Abram, 2000). Este é fruto de uma conquista anterior e crescente na qual o bebê, paulatinamente vai estabelecendo, amparado pelo ambiente, a diferenciação entre o *eu* e o *não-eu*. Esta diferenciação marca a chegada no estágio em que a pessoa está, por assim dizer, por sua própria conta, e pode estabelecer relações nas quais ela se sente inteira, relacionando-se com pessoas inteiras (Cf. Winnicott, 1960c).

Ainda que brevemente, cabe retomar a questão do conflito edípico, considerando que, neste estágio de independência relativa, exerce função importante na definição de aspectos cruciais, tais como a frustração advinda do fato de a criança ter que lidar com as suas fantasias sexuais tendo que esperar,

por assim dizer, pela etapa da puberdade, não obstante esteja apta a ter experiências genitais (Dias, 2003). Trata-se, assim, da impotência com a qual a criança depara e com a qual precisa se relacionar. Este tema do complexo de Édipo e sua conseqüente angústia de castração recebem de Winnicott uma redescritção que aponta para a figura paterna que atuaria como interventor, trazendo para a criança, segundo Dias (2003), “grande alívio”. É o que, de fato, afirma Winnicott:

Sabemos que na fase fálica, o desempenho da criança (o exibir-se) está de acordo com a fantasia, enquanto na fase genital sua performance é deficiente, tendo a criança que esperar (até a puberdade, como sabemos) pela capacidade de realizar seu sonho. Esta é uma diferença importante, pois ela significa que na fase genital o Ego infantil é capaz de lidar com uma tremenda quantidade de frustração. O medo à castração pelo genitor rival torna-se uma alternativa bem-vinda para a angústia da impotência. (1988, p.62)

Na busca de solução para amortizar os impactos do conflito edipiano, vê-se que a figura paterna ocupa lugar fundamental, uma vez que intervém de modo a impedir a realização do romance fantasioso da criança, trazendo alívio para a sua angústia. No entanto, há que se considerar, para além dessa questão, a presença de uma terceira pessoa, rompendo a díade mãe-criança, tão essencial nos inícios. Não que o pai não estivesse presente e não fosse importante, sobretudo como apoio à mãe, mas tudo indica que nesta etapa ele figura não apenas no imaginário da criança, mas, de fato, na sua realidade existencial. Diz Winnicott:

Uma das coisas que o pai faz pelos filhos é estar vivo e continuar vivo durante os primeiros anos das crianças. O valor desse simples ato é suscetível de ser esquecido. Embora seja natural que os filhos idealizem seus pais, é também muito valioso, para os primeiros, ter a experiência de conviver com eles e de

conhecê-los como seres humanos, até o ponto de os descobrirem.
(1964a, p.131)

A capacidade de distinção eu/não-eu, a aquisição da capacidade de se preocupar advinda do concernimento e a crescente conquista da identidade unitária, entre outros, são fatores do amadurecimento que fazem perceber que etapas anteriores e mais primitivas foram, de certo modo, ultrapassadas satisfatoriamente e a “pequena criança que ainda engatinha pôde estabelecer um mundo interno bastante sólido baseado em suas próprias experiências. Este estágio anuncia um desenvolvimento que irá se prolongar pelo restante de sua vida” (Abram, 2000, p.109).

Abram (2000) recorda que

a obra de Winnicott realça a batalha travada pelo bebê no decurso dos dois primeiros estágios de dependência, uma vez que o desenvolvimento a partir daí baseia-se sobre esse início. Ser adulto não significa que a maturidade emocional tenha sido alcançada. (p.109).

Esta é uma tarefa para a vida inteira e que ocorre o tempo todo.

2.4 As fases iniciais do processo de amadurecimento

Tendo refletido, na primeira parte deste capítulo, sobre a descrição winnicottiana para a jornada do amadurecimento humano que parte da dependência absoluta para a independência relativa, observam-se agora as fases iniciais do processo de amadurecimento preocupando-se especificamente com as tarefas e desafios da transição que ocorre na passagem de um tipo de dependência para outro. Não se trata de fazer uma descrição pormenorizada destas fases, tampouco uma análise crítico-comparativa com outras teorias. Este propósito não está em questão aqui.

A teoria winnicottiana para o amadurecimento pessoal considera e enfatiza os estágios iniciais da vida de uma pessoa, pois é nesse período que decisivamente são constituídas as bases da personalidade e, sobretudo da “saúde psíquica”. Tendo a relação mãe-bebê como prototípica da relação com o mundo, com a vida e com os outros, Winnicott, a partir dessa perspectiva, assim descreve o amadurecimento humano, caracterizado marcadamente pela dependência, e faz perceber:

As necessidades humanas fundamentais que, desde as etapas mais primitivas, permanecem ao longo da vida até a morte do indivíduo – e as condições ambientais que favorecem a constituição paulatina da identidade unitária (...), incluídas aí a capacidade de relacionar-se com o mundo e com os objetos externos e de estabelecer relacionamentos interpessoais. (Dias, 2003, p.13)

Com Fulgencio (2007), retoma-se sinteticamente a descrição do processo de amadurecimento nos seguintes termos:

Este processo, visto numa perspectiva ideal, que caracterizaria um amadurecimento saudável, parte do fato da concepção, percorre um longo caminho que vai de um estado não-integrado inicial até chegar à distinção entre o que é EU do que é não-EU, e chega, mais à frente, se tudo dá certo, a um estado no qual há uma pessoa inteira que se relaciona com os outros como pessoas inteiras, e que prossegue na miríade de relações e experiências vividas nesse estado de maturidade, até que seja vivida a última das experiências vivências, com o selo da morte. (p.12)

Nesta súpula de Leopoldo Fulgencio, vêm-se descritos, em linhas gerais, os marcos do amadurecimento humano nos termos da sua integração, fruto da distinção eu/não-eu, que possibilita à pessoa em primeiro lugar reconhecer a si mesma, como pessoa inteira, isto é, *ser e*, em segundo lugar,

reconhecer a inteireza e a existência do outro, com o qual se pode relacionar. A partir daí, adentra-se à fase inicial do processo de amadurecimento, inicialmente com alguma referência à vida intrauterina, o nascimento e o chamado *estágio inicial*⁴⁷ (Cf. Fulgencio, 2007, p.9).

Não obstante o pouco aprofundamento que será feito sobre este tema faz-se necessário, ao menos, uma menção às etapas muito remotas que marcam o período da fecundação até o nascimento. Embora algo já tenha sido mencionado ao se tratar da dependência absoluta no início deste capítulo, talvez outros registros sejam necessários.

Winnicott (1987a), em artigo sobre “as origens do indivíduo⁴⁸”, esclarece que o primeiro modo de uma criança existir é na mente de seus pais. “O início das crianças se dá quando elas são concebidas mentalmente” (p.43). Para Winnicott, trata-se do “ato de conceber mentalmente” (Idem) associado à idéia de gerar um filho nos primeiros tempos após o casamento e que se consuma com o fato físico da *concepção* (consciente ou fruto de acidente). Após a concepção, Winnicott marca como importante o desenvolvimento do “cérebro como órgão” num estágio “necessariamente indefinido”. Três e cinco meses depois, surgem os “sinais de vida” e, posteriormente, o estágio que o autor chamou de *viabilidade*, considerando que, se nascesse naquele período e tendo meios adequados para os primeiros cuidados, este bebê já poderia sobreviver fora do útero.

Na sequência (e talvez aqui o interesse para a psicologia seja maior), ocorrem mudanças e transformações relacionadas à capacidade cerebral de reter experiências e acumular dados. Estas observações, entre outras⁴⁹, indicam, segundo Winnicott, “a existência de um indivíduo, antes do processo de nascimento” (1987a, p.46). Dito de outro modo, “a psicologia torna-se significativa”

⁴⁷ Mesmo que não haja uma preocupação em precisar a datação em termos cronológicos, este estágio pode estar compreendido entre o nascimento e o primeiro ano de vida, cf. Fulgencio (2007) que, citando um gráfico formulado por Elsa Dias, sintetiza todos os estágios do amadurecimento humano. A esse respeito, Winnicott diz que “a dissecação das etapas do desenvolvimento é um procedimento extremamente artificial. Na verdade, a criança está o tempo todo em todos os estágios, apesar de que um determinado estágio pode ser considerado dominante. As tarefas primitivas jamais são completadas (...) (1988, p. 52).

⁴⁸ Cf. In *Os bebês e suas mães* (W16).

⁴⁹ Winnicott refere-se também à palavra *frustração* “no sentido de que o bebê é capaz de ter, em sua mente, a noção de que algo era esperado, mas que a expectativa não se realizou plenamente” (cf. 1987a, p. 46). Em *a dependência nos cuidados infantis* (1970a), Winnicott afirma que “as últimas semanas da vida do bebê no útero afetam o seu desenvolvimento corporal, e é plausível pensar no início de uma sensação geral de segurança (ou insegurança) que varia de acordo com o estado mental do bebê ainda não nascido, o qual, naturalmente, tem uma capacidade de operação muito limitada neste estágio inicial, uma vez que o cérebro ainda não se encontra plenamente desenvolvido. O nível de consciência antes do nascimento e durante o processo de nascimento também varia de acordo com os efeitos casuais que decorrem do estado em que a mãe se encontra e de sua capacidade de superar as agonias alarmantes, perigosas e, em geral, recompensadoras dos últimos estágios da gravidez (p.73).

(p.45), pois já há um indivíduo fisiologicamente em desenvolvimento e um princípio de consciência nascendo. Sobre sua convicção (como também do psicanalista em geral) a respeito da vida psíquica anterior ao nascimento, Winnicott afirma: (...) “o psicanalista, mais que qualquer outro tipo de observador atento, encontra-se numa posição que lhe permite afirmar, a partir de sua experiência clínica, que a vida psicológica do indivíduo não tem início exatamente no momento em que ele nasce” (idem, p.46). É considerável a idéia que Winnicott apresenta quando se refere ao nascimento em termos de que, não obstante seja o marco fisiológico importante para o bebê, signifique muito mais em termos de transformação adaptativa dos pais. “Talvez ele [o nascimento] diga mais respeito à transformação que se dá na mãe ou nos pais do que à transformação que se dá na criança” (idem, p.47; grifo nosso). Sobre o nascimento, entendido na perspectiva winnicottiana, diz Fulgencio (2007): “Com o nascimento, a mãe-ambiente que envolvia o bebê por todos os lados, amando-o por todos os lados, passa, agora, a sustentar e amar o bebê como algo que está fora dela” (p.13). Esta é a situação desafiadora: desafiadora para o bebê em vista de precisar desbravar o mundo e a vida que precisa ainda ser sua e para isso necessitará ultrapassar inúmeros desafios que consistem em superar gradativamente sua dependência; desafio para os pais (especialmente a mãe), pela necessidade de se adaptarem às exigências do seu bebê.

Tendo, pois, nascido, o bebê é entregue à mercê dos cuidados absolutos da mãe, que vive um estado psíquico, emocional e existencial intenso, ao qual Winnicott denominou de *preocupação materna primária*⁵⁰, que a dota de certas potencialidades que a faz adequar-se quase que perfeitamente às necessidades do bebê. Fulgencio (2007) diz que

a mãe, que é ainda mãe-ambiente, precisará saber o que seu bebê precisa para poder atender as suas necessidades específicas, só que, agora, de forma ativa, exigindo dela que compreenda (descubra) o que é que seu bebê precisa em tal momento, com tal e tal incômodo ou reclamação etc. (p.13)

⁵⁰ Cf. 1958n [1956]. Winnicott refere-se à *preocupação materna primária* como sendo “um estado muito especial da mãe, um estado psicológico (...)” (p.401)

Com este cenário inicial em que o bebê experimenta suas necessidades absolutas as quais a mãe busca suprir adaptando-se devotadamente a ele, inicia-se, pode-se dizer, uma espécie de interjogo de relações humanas ainda primitivas mas que, num quadro de amadurecimento em condições satisfatórias, virá a se constituir em inter-relações humanas maduras e consistentes.

Para o bebê, ou do seu ponto de vista, suas necessidades são atendidas naturalmente. Não há maturidade, neste seu estágio, que lhe permita saber de suas próprias necessidades. Segundo Fulgencio (2007), “ele não tem, ainda, maturidade para saber o que precisa ou mesmo para alucinar objetos (o seio, por exemplo), ele apenas experiencia suas necessidades que o levam a *procurar algo em algum lugar* (p.13). O gesto de procurar algo que nem mesmo sabe o que é, movido por forças instintivas, acrescido da própria vivacidade do bebê, despertam, por assim dizer, o prenúncio da capacidade de ser criativo⁵¹ mediante o *gesto espontâneo*, neste início do contato com o mundo, com a realidade. Diz Winnicott:

É difícil encontrar as palavras exatas para descrever este simples evento; mas podemos dizer que em razão de uma vitalidade do bebê e através do desenvolvimento da tensão instintiva o bebê acaba por esperar alguma coisa; e então há um movimento de alcançar algo, que pode rapidamente tomar a forma de um movimento impulsivo da mão ou da boca em direção a um suposto objeto. (1988, p.122)

Cabe chamar a atenção para a atitude da mãe que, neste momento, está pronta e disponível para fornecer ao bebê o “material” para suas investidas criativas⁵², atendendo-o em suas necessidades. Este processo desenvolve-se em

⁵¹ Dias (2003) acentua que “neste estágio inicial, o bebê conta, de propriamente seu, com a tendência inata ao amadurecimento e com a *criatividade originária*. (p.169)

⁵² É necessário recordar que Winnicott pleiteia o conceito de uma *criatividade originária* ou *primária* que, sendo inata, só se desenvolverá se houver condições para tal. Cf. (1953i). Dias (2003) diz, referindo-se à criatividade em Winnicott: “A criatividade está, portanto, a serviço do contato com a realidade; relaciona-se ao estar vivo e a sentir-se real, à maneira pela qual o indivíduo permite à realidade aparecer, pela qual recepciona os acontecimentos, ou seja, ao modo como qualquer pessoa (...) olha para algo ou realiza alguma coisa. (...) A criatividade é, além disso, originária e não uma sublimação do conflito pulsional” (p. 242). (Cf. 1988, p.130-131)

torno do que Winnicott denomina de “primeira mamada teórica⁵³”, aludindo às primeiras experiências relativas ao ato de mamar e suas implicações advindas da pressão instintual, mas que marcam de modo positivo ou negativo a série das demais mamadas que, não obstante a carga instintual da necessidade, estabelece uma espécie de padrão de contato com a realidade (1988, p.120-121). O “paradoxo fundamental”⁵⁴ para se ter apoio ao acessar a realidade, segundo Winnicott, é a criatividade, que não consiste em simplesmente criar algo novo do nada, mas encontrar aquilo que já está dado, dando-lhe novas texturas e significados (Winnicott, 1967b). Assim, o processo criativo se desenvolve a partir do que já existe e é dado, não havendo gesto ou ato criativo que não se desenvolva a partir de algo já posto anteriormente, afirma Winnicott (Idem).

O bebê começa a vivenciar, por causa do contato com o seio, em vista da alimentação, uma série de experiências subjetivas nas quais inicia uma progressiva diferenciação do que é “eu” e do que é “não-eu”, pois neste estágio ele constitui-se sem esta diferenciação, um verdadeiro “dois em um”⁵⁵, alusão ao seu profundo estado de dependência em relação à mãe, como a todo o mundo. Nesta etapa, o bebê vive a sensação de ter criado o que lhe é apresentado, a chamada “ilusão de onipotência”, descrita assim por Winnicott:

A mãe, no começo, através de uma adaptação quase completa, propicia ao bebê a oportunidade para a ilusão de que o seio dela faz parte do bebê, de que está, por assim dizer, sob o controle mágico do bebê. (...) A tarefa final da mãe consiste em desiludir gradativamente o bebê, mas sem esperança de sucesso, a menos que, a princípio, tenha podido propiciar oportunidades suficientes para a ilusão. (...) A mãe coloca o seio real exatamente onde o bebê está pronto para criá-lo, e no momento exato. (Winnicott, 1971a, p.26)

⁵³ Cf. *Natureza Humana* (1988, p.120).

⁵⁴ O termo é citado por Dias (2003, p.36) e compreende que na relação do bebê com a realidade ele, ao mesmo tempo em que encontra um dado objeto, experimenta e vive a sensação de tê-lo criado. Winnicott, aplicando esta compreensão à cultura, diz que “em nenhum campo cultural é possível ser original, exceto numa base de tradição” (1967b, p.138). O paradoxo consiste em criar o que já existe. Fulgencio (2007) alude também ao fato de que esta criação do bebê deve ser destruída, no sentido de que ela cumpriu uma função (suprir a necessidade do bebê), mas para que o processo criativo seja refeito faz-se necessária a superação do anteriormente criado. Cita o que ele chama de uma frase difícil de Winnicott, quando este afirma que “o que é bom deve ser destruído”.

⁵⁵ Elsa Dias cita esta expressão, atribuindo-a a Loparic (1997a). Cf. Dias, 2003, p.130.

O contato que nasce com a realidade e o processo criativo ocorrem quando o bebê esboça algum tipo de gesto ou atitude⁵⁶ que a mãe interpreta como sendo sua procura por algo e tenta aliviar o desconforto que este demonstra quando de sua busca por alimento. A mãe está ali e, dedicada ao seu bebê, lhe oferece, tal como uma resposta, o que ele busca. Assim, o bebê tem a impressão de tudo aquilo que lhe chega ou é apresentado foi ele mesmo que criou. Para Winnicott, “o bebê está pronto para ser criativo. (...) Aqui o ser humano está criando o mundo. (...) Testemunhamos então a gradual transformação da necessidade em desejo” (1988, p.122). E prossegue:

Nesta primeira mamada (teórica), o bebê está pronto para criar, e a mãe torna possível para o bebê ter a ilusão de que o seio, e aquilo que o seio significa, foram criados pelo impulso originado na necessidade. Obviamente, na condição de filósofos sofisticados, sabemos que aquilo que o bebê criou não foi aquilo que a mãe forneceu, mas a mãe, por sua adaptação extremamente dedicada às necessidades (emocionais) do bebê, está em condições de permitir que ele tenha esta ilusão. (Idem, p.121)

Winnicott (1988) classifica estas experiências iniciais em termos de “ilusão” e “desilusão”, o que lhe permite afirmar que a ilusão surge em primeiro lugar, “após o que o bebê passa a ter inúmeras possibilidades de aceitar e até mesmo utilizar a desilusão” (p.121)⁵⁷. Este é um primeiro modo de apropriar-se da realidade, o que se faz por meio da ilusão: em termos de *relações objetais*, o objeto⁵⁸ externo é subjetivamente percebido e, mais tarde, gradativamente lhe

⁵⁶ Na relação do bebê com a realidade externa ou pelo menos no seu início, Winnicott faz a distinção de dois aspectos: *os estados excitados* e *os estados tranquilos*, entendidos como modos e alternância entre estar ativo e buscando algo ou alguma coisa, e estar quieto, satisfeito, tranquilo. (1988, p.120); Cf. Dias (2003, 174-175)

⁵⁷ Cf. (1971a), onde se encontra a afirmação de Winnicott: “Presume-se aqui que a tarefa de aceitação da realidade nunca é completada, que nenhum ser humano está livre da tensão de relacionar a realidade interna e externa (...). (p.28-29)

⁵⁸ Winnicott afirma que “o objeto, sendo de início um *fenômeno subjetivo*, se torna um objeto *percebido objetivamente*. Esse processo leva tempo, e meses ou mesmo anos se devem passar antes que as privações e perdas possam ser absorvidas pelo indivíduo sem distorção dos processos essenciais que são básicos para as relações objetais.” (1965j [1963] p.164)

será oportunizado percebê-lo objetivamente. (1965j [1963]). Segundo Winnicott (1988):

No decorrer do tempo surge um estado no qual o bebê sente a confiança em que o objeto do desejo pode ser encontrado, e isto significa que o bebê gradualmente passa a tolerar a ausência do objeto. Desta forma inicia-se no bebê a concepção da realidade externa, um lugar de onde os objetos aparecem e no qual eles desaparecem. (p.126)

Dadas as condições para que o bebê continue sua jornada em termos de amadurecimento, isto é, encontrando ele as condições ambientais favoráveis para que suas tendências inatas de ser e continuar sendo, de integrar-se num si-mesmo e de ser criativo, sua caminhada terá prosseguimento, com novas tarefas e desafios a serem transpostos. Elsa Dias, citada por Fulgencio (2007), em quadro panorâmico no qual descreve pedagogicamente todo o processo de amadurecimento, subdivide o estágio inicial em dois. Tudo o que se viu anteriormente refere-se, portanto à primeira etapa deste estágio inicial e, agora se adentra à consideração de alguns outros elementos da segunda etapa.

Em torno do evento 'desmame' ocorrem mudanças significativas relacionadas ao fenômeno da ilusão, já focalizada ao se tratar da *dependência relativa*. De acordo com Winnicott, "imediatamente atrás do desmame encontraremos o tema mais amplo da desilusão. O desmame implica numa amamentação bem-sucedida, e a desilusão implica no fornecimento bem-sucedido para a ilusão" (1953a [1952], p.307).

Recorde-se que Winnicott entende que o bebê naquele momento experimentava a "ilusão de onipotência", na qual, com a colaboração adaptativa da mãe, vivia a sensação de estar criando tudo aquilo que, em verdade lhe era oferecido – o seio e, pode-se dizer que com ele, toda a realidade⁵⁹. Afirma Winnicott (1988):

⁵⁹ Para um maior detalhamento, confira (1971a, p.24-26; 1988, p.120-121).

Através da magia do desejo, podemos dizer que o bebê tem a ilusão de possuir uma força criativa mágica, e a onipotência existe como um fato, através da sensível adaptação da mãe. O reconhecimento gradual que o bebê faz da ausência de um controle mágico sobre a realidade externa tem como base a onipotência inicial transformada em fato pela técnica adaptativa da mãe. (p.126)

A frustração que o bebê experimenta neste estágio é fundamental para o seu amadurecimento, uma vez que significa a aquisição das bases da capacidade para lidar com a vida e com a realidade de modo objetivo, mediante a “tolerância temporal para a frustração”, o início da atividade mental e o sentido crescente de processo, entre outros (1971a, p.25).

É importante notar que esta desilusão se dá em relação à “ilusão de onipotência” que versa sobre uma capacidade que teria o bebê de criar tudo, ao tempo que lhe aprouvesse. Isso representa uma conquista de “maturidade”, pois aos poucos a realidade vai-se apresentando mais consistente e sendo apreendida pelo bebê que, de maneira gradual, vai constituindo um *si mesmo originário* com esta potencialidade de criação. O que fica e é preservada desse processo de desilusão é, portanto, a “ilusão básica”, conforme Dias (2003):

Sentimento de que o mundo foi criado pessoalmente, e pode continuar a ser criado, não desaparece. A despeito da compreensão intelectual, o indivíduo retém a capacidade para a ilusão, exercendo naturalmente a criatividade que é (...) ‘a manutenção, através da vida, de algo que pertence à experiência infantil: a capacidade de criar o mundo.’(1986h, p.32)

Para que o bebê atravessasse essa frustração pós-desmame, adquirindo as condições de enfrentar a própria desilusão, faz-se necessário que a mãe o ampare e simultaneamente diminua aos poucos sua adaptação, outrora absoluta ao bebê. Reflete Winnicott (1971a) sobre a mãe neste estágio: “É aquela que efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê, uma adaptação que

diminui gradativamente, segundo a crescente capacidade deste em aquilatar o fracasso da adaptação e em tolerar os resultados da frustração” (p.25).

Há que se insistir, no entanto, que este fenômeno da frustração provocada pelo desmame com a sua implicação no processo ilusão-desilusão e crescente apreensão da realidade não se dá de modo brusco, mas gradual, pois “a criança precisa sair do colo da mãe, mas não daí para o espaço sideral; este afastamento deve dar-se em direção a uma área maior, mas ainda sujeita a controle: algo que simbolize o colo que a criança abandonou” (1965p [1960], p.132). Isso implica reconhecer que Winnicott estabelece a existência de uma área intermediária que medeia o contato da realidade interna com a realidade externa, mas que não é nem uma, nem outra. Trata-se, pois, do fenômeno da *transicionalidade*, abordado no item 2.3, ao se discutir sobre a transição do estágio da dependência absoluta para a dependência relativa, mas que, pela relevância na obra de Winnicott e sua importância na linha deste trabalho, será retomado com mais profundidade.

Capítulo 2

O desenvolvimento da capacidade de ter fé na obra de Winnicott

3.1 Aspectos introdutórios

O termo *capacidade* é caracteristicamente utilizado por Winnicott. Assim: A capacidade de ter ilusão (1988, p.135.); a capacidade de estar só (1958g, p.31, 1988, p.154); a capacidade de ser educado moralmente, 1963d, p.88); a capacidade de criar (1971a, p.27); a capacidade de brincar (1958g, p.37) são exemplos ilustrativos, entre tantos, de como Winnicott discute os mais diferentes temas focalizando a sua *capacidade* de manifestação ou realização. Dias (2003) acentua que, para esse autor, “todas as conquistas e capacidades, isto é, tudo aquilo de que o indivíduo se apropria, parte de uma não-capacidade, de uma ausência, de um negativo do qual algo surge” (p.129).

É importante ter presente também que a perspectiva winnicottiana postula um estudo da *natureza humana*⁶⁰, entendendo-a como a conjunção dos aspectos inatos com toda a gama de influências reunidas em torno do que ele chamou de ambiente. Desse modo, os aspectos herdados, físicos ou psíquicos, são mediados por este contato com o ambiente e é nesta relação que se dá, em menor ou maior grau, a possibilidade do amadurecimento⁶¹. “O ambiente, quando suficientemente bom, facilita o processo de maturação” (Winnicott, 1963c, p.201). Compreende-se, assim, que para Winnicott, existe a necessidade de uma base ambiental para que haja o desenvolvimento daquilo que é dado como potência⁶². Note-se que, para Winnicott, o ambiente não faz uma pessoa crescer nem determina o sentido desse crescimento, apenas facilita este processo (Idem). Portanto, compreende-se que capacidade, vista nesta perspectiva, associa-se à

⁶⁰ Cf. discussão “Para um estudo objetivo da natureza humana” (1945h), na qual Winnicott retoma alguns postulados da Psicanálise enquanto ciência da natureza humana. Do mesmo modo, cf. “Natureza Humana” (1988), sobretudo a introdução e o primeiro capítulo, nos quais o autor desenvolve este conceito.

⁶¹ Nos primeiros capítulos de *Natureza Humana* (1988), Winnicott expõe, com riqueza de detalhes, a distinção entre corpo, mente e psique nos seus aspectos hereditários, e as vicissitudes dos fatores emocionais que as perpassam e as condicionam.

⁶² É importante recorrer à diferenciação estabelecida pela Filosofia Aristotélica entre potência e ato: “Todo ser tende a tornar atual a forma que tem em si como potência. (...) A potência é a capacidade de tornar-se alguma coisa e, para tal, é preciso que sofra a ação de outro ser já em ato”. (Filosofando: Introdução à Filosofia, 2004, p.123)

potência de um vir-a-ser, o que significa afirmar que as aptidões, tendências e possibilidades latentes se concretizam *a posteriori*, naquilo que mais tarde será chamado de amadurecimento. Esclarece Winnicott:

De um modo complexo (...), o desenvolvimento, especialmente no início, depende de um suprimento ambiental satisfatório. Pode-se dizer que um ambiente satisfatório é aquele que facilita as várias tendências individuais herdadas, de tal forma que o desenvolvimento ocorre de acordo com elas. (1986b, p.4)

Este estudo focaliza sua atenção na direção do que Winnicott desenvolveu a respeito de confiança, esperança, crença e fé, tópicos que, agrupados, estão sendo convencionalmente denominados com aquilo que ele chamou de “capacidade de ter fé” (1986k, XIV). Originalmente este termo foi utilizado no contexto de uma palestra⁶³. Nela, Winnicott versa sobre a atitude do cientista que, diante do “vazio no conhecimento”, não se desvia do seu foco com explicações sobrenaturais, mas mantém-se firme e espera, como quem se reconhece ignorante quanto às respostas que não tem, porém aguarda por elas, numa atitude que o autor chamou de fé:

A existência do vazio é estímulo para o trabalho. O cientista pode se permitir uma espera e se permitir ser ignorante. Isso significa que ele tem algum tipo de fé – não uma fé nisto ou naquilo, mas uma fé, ou uma capacidade para a fé. (1986k, XIV)

Nesta afirmativa de Winnicott, há que se destacar o elemento *fé* que, entendido na linha da espera, pode-se dizer também *esperança*. Recorde-se que Winnicott, ao tratar da relação Psicanálise vs Ciência, chama a atenção, na palestra, para a atitude do cientista que busca respostas e depara, muitas vezes, com o “vazio no conhecimento”. Esta atitude de espera é reveladora de algo profundo que faz com que o cientista, não obstante as evidências da falta de respostas às suas perguntas, tenha capacidade de esperar por elas, não fazendo concessões ou recorrendo a subterfúgios. O cientista resiste às dúvidas e

⁶³ Palestra proferida em 1961 na Oxford University Scientific Society, intitulada “Psicanálise e ciência: amigas ou parentes?” e cujo texto integral faz parte da coletânea reunida em “tudo começa em casa”, W14.

mantém-se firme na espera por respostas. “A ciência suporta uma infinidade de dúvidas, e implica fé” (Winnicott, 1986k, XIV). Esta fé a que se refere Winnicott não tem qualquer ligação com alguma certeza acabada, pronta. Ela versa sobre um porvir que sempre remete a outro. Daí Winnicott afirmar:

Para o cientista, formular questões é quase tudo. As respostas, quando aparecem, apenas conduzem a outras questões. A idéia do conhecimento acabado é o pesadelo do cientista. Ele estremece só de pensar numa coisa dessas. (1986k, XIV)

Winnicott esclarece que esta atitude do cientista em não estacionar em certezas se distingue da religião porquanto esta se baseia exatamente em certeza. “A religião substitui a dúvida pela certeza”, diz Winnicott (1986k, XIV). A citação bíblica da Carta aos Hebreus corrobora com este pensamento, não obstante pareça conter os dois elementos: a esperança e a certeza. “A fé é a certeza daquilo que ainda se espera, a demonstração de realidades que não se vêem” (Hebreus, 11,1). Mesmo não entrando em profundidade nesta seara da religião (talvez fosse melhor dizer, da teologia), é oportuno mencionar que, embora Winnicott tenha feito esta ressalva quanto ao caráter dogmático da religião, o componente fé, visto na perspectiva religioso-teológica, guarda semelhanças com o que ele expôs – talvez não propriamente semelhanças sobre os fins a que se propõe a ciência e a religião, mas sobre este elemento da fé, entendido num primeiro momento na sua dimensão humana ou antropológica⁶⁴. É neste sentido que o termo fé guarda um significado muito próximo e constitui-se, tanto numa quanto noutra dimensão, como uma atitude humana frente àquilo que se busca. Na ciência, esta busca tem ligação com as respostas para as perguntas que o cientista faz, às quais, respondidas, remetem sempre a outras, ou seja, as respostas têm vigência provisória e correspondem a verdades relativas. Na religião, esta busca aponta para as perguntas diante das realidades

⁶⁴ Cf. Crer como ato tipicamente humano. Este pensamento desenvolvido no verbete “crente” ressalta este aspecto do crer humano, considerado-o como atividade própria do homem em vista de sua “racionalidade, liberdade e afetividade” (Queralt, A. In. *Dicionário de Espiritualidade*, 1993, p.219). Amatzuzi (2001) refere-se a este aspecto da fé enquanto dimensão humana, definindo-a como aquilo “que dá sentido à vida, é a tomada de posição básica diante da vida, enquanto operativa e não necessariamente enquanto declarada” e se diferencia da fé religiosa, porquanto esta seja “a confiança básica (...), implicando a afirmação ao menos implícita de um absoluto, incondicionado, transcendente, fonte última do sentido, em quem se deposita confiança.” (Esboço de teoria do desenvolvimento religioso, p.31)

transcendentais, adquirindo as suas respostas um caráter mais definitivo, dando ao “crente” verdades que ele comunga com os demais como absolutas⁶⁵. Há, em ambos os casos, um elemento comum: a espera, a confiança de que aquilo que não chegou, chegará, e o que se busca será encontrado. Amatuzzi (2001) define o termo fé em sua dimensão humana nos seguintes termos:

O termo fé, em geral, ou fé humana, também se relaciona com essa tomada de posição básica diante da vida. Refere-se àquilo que, para a pessoa, na prática, lhe dá o sentido último de viver, seja lá o que for; seja alguma coisa que realmente mereça fé, seja alguma coisa que não o mereça. Assim entendida, podemos dizer que cada um de nós tem uma fé, independente de ela ser religiosa ou não, isto é, independentemente de ela se referir a uma dimensão transcendente, absoluta ou divina. É nossa confiança básica, aquilo pelo que vivemos. Seu oposto seria uma forma básica de não confiar, e conseqüentemente de fechar-se. (p. 30)

Embora Winnicott tenha se referido em alguns momentos ao tema da religião⁶⁶ e considerando as observações feitas sobre o termo fé em vista de sua relação estreita com a temática religiosa, é importante pontuar que o uso desse termo guarda significação específica em sua obra e é assim que, no âmbito deste estudo, é compreendido. Assim, fé é sinônimo de confiança, confiabilidade, esperança, crença.

⁶⁵ Absoluto, certeza, convicção são termos recorrentes no vocabulário da fé religiosa. Veja, por exemplo, A. Queralt: “Utilizada em sentido religioso, a palavra crente assume toda a plenitude de seu significado e de sua riqueza de conteúdo. Isto explica por que o termo sugere de preferência a convicção particular de fé em matéria religiosa”. (Idem)

⁶⁶ Numa carta a Michael Fordham, escreve Winnicott: “É preciso que possamos examinar as crenças religiosas e seu lugar na psicologia sem sermos considerados antagônicos à religião pessoal de ninguém. Encontrei outros que achavam que eu era antirreligioso em alguns de meus textos, e o que sempre ocorria era que eles se irritavam porque eu não era religioso à maneira deles” (1987b, carta 44, p.91) Na introdução de “O gesto espontâneo”, assim escreve Rodman: “Não era à religião que ele (Winnicott) se opunha, mas à religião que exigia crentes obedientes... A religião que esmagava a criatividade, sistemas fechados que não levavam em consideração a descoberta pessoal e a revisão atraíam sua ira”. (1987b, introdução, p.30)

3.2 O surgimento da capacidade de ter fé na fase da “dependência absoluta”

No capítulo I, foi apresentada a teoria do amadurecimento de Winnicott, que descreve as fases iniciais deste processo, os seus desafios e as suas conquistas. Ainda que em linhas gerais, cabe retomar alguns aspectos importantes deste processo de amadurecimento pessoal, sobretudo para ressaltar um dado considerável para Winnicott – dependência humana que perpassa todas as etapas do amadurecimento como uma condição do próprio viver humano – e verificar como a confiança dá sustentabilidade a esta condição de dependência, tornando-a suportável e possível de ser vivida e superada. Para Newman (2003), é a confiabilidade dá resposta aos desafios dos “vários tipos de dependência”. Acredita ele que a palavra “dependência” seja, provavelmente, a mais importante para Winnicott. Para Dias (2003, p.96), esta dependência “é essencial na teoria winnicottiana”. O amadurecimento humano consiste em trilhar este percurso que, partindo da *dependência absoluta* do início, chega ao estágio *rumo à independência* na maturidade. Assim considerada a dependência, Winnicott afirma que “os lactentes humanos não podem começar a ser, exceto sob certas condições” (1965d, p.43). Estas “condições” a que se refere revelam o quão dependente é o bebê e, posteriormente, a criança, dos cuidados ambientais, no sentido da provisão e sustentação que lhes favoreçam o próprio ato de existir. Outrossim, segundo Abram (2000), Winnicott refere-se com bastante frequência à dependência e a qualifica como um *fato*. A esse respeito escreve Winnicott:

É importante reconhecer o *fato* da dependência. A dependência é real. É tão óbvio que os bebês e as crianças não conseguem se virar por si próprios, que as simples ocorrências de dependência passam facilmente despercebidas. Pode-se afirmar que a história do desenvolvimento infantil é uma história de dependência absoluta, que avança firmemente através de graus decrescentes de dependência, e vai, tateando, em direção à independência. Uma criança ou um adulto amadurecidos têm um tipo de independência que se mescla, de uma forma feliz, a todos os tipos

de necessidade, e ao amor, o que se torna evidente quando a perda provoca um estado de luto. (Winnicott, 1970a, p. 73)

Note-se que, para Winnicott, esta dependência é componente constante da condição humana e se verifica em menor ou maior grau no decorrer da história do desenvolvimento, além de estar presente mesmo na maturidade, quando se apresenta “de uma forma feliz” mesclada à independência (que nunca é absoluta)⁶⁷ na forma de todas as necessidades, inclusive de amor. Isto é notório quando se perde alguém amado e se vive o estado de luto por esta perda. Neste sentido, o luto pela perda praticamente equivale a um atestado desta dependência.

Na descrição da teoria do amadurecimento pessoal de Winnicott, considera-se que este amadurecimento ocorre mediante um processo que é, segundo Dias (2003), desdobrado em estágios (ou etapas) cujo início está “em algum momento após a concepção e continua ao longo da vida do indivíduo até a sua morte natural.” Certamente demandaria uma longa e complexa discussão tratar da questão sobre o exato momento em que começa a existência de uma pessoa. Não é este o foco deste estudo, no entanto, partilha-se da impressão winnicottiana apontada por Dias (2003), que diz:

A uma certa altura da gestação, os bebês começam a movimentar-se dentro do útero, e é muito provável que as sensações tenham início nessa época. Evidências clínicas permitem presumir que, tanto a movimentação, quanto a quietude, experienciadas na vida intrauterina, são significativas para eles e, de algum modo, ficam registradas. (2003, p. 158)

Nos termos do que aqui se propõe, talvez se possa vislumbrar algo que atue como os primórdios de uma predisposição a uma forma de futura relação de confiabilidade. Isso pode ser verificado se se atenta para aquilo que Winnicott tratou em termos de oposição entre *espontaneidade* e *reatividade*, presentes neste

⁶⁷ Winnicott afirma que “a maturidade individual implica movimento em direção à independência, mas não existe essa coisa chamada ‘independência’. Seria nocivo para a saúde o fato de um indivíduo ficar isolado a ponto de se sentir independente e invulnerável. Se esta pessoa está viva, sem dúvida há dependência!(...)”. Newman diz que “a maturidade reside na interdependência”. (As idéias de D. W Winnicott – Um guia, 2003, p. 129)

estágio bastante arcaico do desenvolvimento e cuja presença será uma constante ao longo da vida “em crescente complexidade” (Dias, 2003, p.158). Corrobora com este modo de pensar o fato de Winnicott reconhecer que, “a partir de uma data anterior ao nascimento, nada daquilo que um ser humano vivencia é perdido” (1988, p.147).

No Capítulo 1 (p. 67ss), tratou-se das fases iniciais do processo de amadurecimento e se mostrou de maneira mais detalhada como, segundo Winnicott, ocorre esta forma de ação e reação do bebê naquela fase de desenvolvimento. O bebê age espontaneamente quando as condições externas se ajustam às suas pressões internas, de modo que ele continua seu processo de *ser* e de *continuar sendo*⁶⁸. Por outro lado, o bebê é reativo quando a pressão externa é maior ou menor que as do seu interior. Neste caso, passará a reagir à intrusão. É considerável atentar para o fato de que, mesmo nas condições de proteção às invasões que ele desfruta na vida intrauterina, as condições desta estão aquém do ideal: “Cada vez mais se comprova, empiricamente, que o feto pode sentir mudanças repentinas no ritmo cardíaco da mãe, bem como suas movimentações bruscas ou os efeitos de uma alimentação tóxica ou desregrada” (Dias, 2003, p.159). Este fato deve ser associado à observação de que o bebê, a partir do seu estado de quietude e de seus movimentos em busca do ambiente, estabelece certo padrão de relacionamento. Esta alternância entre o movimentar-se e o aquietar-se é acompanhada pela mãe, que não interfere, respeitando o seu curso e esperando-a acontecer quando da necessidade e do ritmo do bebê. Para Dias (2003), estas experiências aliadas às memórias corporais da experiência são *personais*, donde se deduz que há uma interação nascente do bebê com o mundo que o circunda, seja adaptando-se de modo reativo, seja começando a agir de modo espontâneo e criativo. Winnicott afirma sobre esta oposição que “a influência ambiental pode iniciar-se numa etapa muitíssimo precoce, determinando se a pessoa, ao buscar a confirmação de que a vida vale a pena, irá à procura de experiências, ou se retrairá, fugindo do mundo” (1974, p.75).

Neste momento do amadurecimento não se pode, a rigor, falar em confiança ou capacidade de ter fé, como se pretende neste estudo, no entanto,

⁶⁸ Cabe recordar a analogia que Winnicott faz a partir de uma sugestão de uma paciente que lhe disse: “No início, o indivíduo é como uma bolha. Se a pressão externa adapta-se ativamente à pressão interna, o elemento central da situação será a bolha, ou seja, o eu do bebê. Mas se a pressão do ambiente for maior ou menor que a do interior da bolha, então a bolha não será o elemento principal, e sim o ambiente. A bolha adapta-se à pressão externa.” (1958f, p.264)

pode-se dizer que as bases remotas daquilo que poderá vir a se constituir na experiência de confiança e fé são, nesta etapa, de certo modo, estabelecidas em termos de espontaneidade e reatividade, relação de oposição que, no futuro, poderá ser expressa em termos de confiança e desconfiança, esperança e desesperança, crença e descrença. O padrão que se verifica neste início em termos de espontaneidade vs reatividade pode também oferecer uma chave de compreensão para este estudo, pela sua correlação com a questão de sentir a vida como algo real, ou senti-la como algo sem consistência. Dito de outro modo, uma pessoa que age espontaneamente sem dúvida encontrou condições para chegar a este patamar e atingir este padrão de relação com a vida, que parece inspirar-se na confiança de que a vida vale a pena, sentido-a como real e digna de ser vivida, como disse Winnicott (1967b, p.137). De outro lado, uma pessoa retraída, sem confiança e com o sentimento de que a vida não lhe é real, revela haver faltado a sustentação fundamental deste início, agindo sempre como reação à intrusão. Dias (2003) comenta a esse respeito:

Se o contato é feito a partir do gesto espontâneo do bebê, o fato de ele estar vivo e a própria experiência são sentidos como reais, e o acúmulo dessas experiências pessoais começa a integrar-se na personalidade; quando, entretanto, a reação à intrusão subtrai algo da sensação de um viver verdadeiro, esta só pode ser recuperada por meio do retorno ao isolamento, à quietude. (p.160)

Para Winnicott é imprescindível, neste estágio inicial do desenvolvimento, considerar a integração “como algo a ser alcançado” (1988, p.136), uma vez que o bebê experimenta, antes dela, um estado de não-integração:

É necessário postular, portanto, um estado de não-integração a partir do qual a integração se produz. O bebê que conhecemos como uma unidade humana, seguro dentro do útero, ainda não é uma unidade em termos de desenvolvimento emocional. Se examinarmos [isto] do ponto de vista do bebê (...), a não-integração é acompanhada por uma não-consciência”. (*idem*)

O estado de integração é conseguido, portanto, a partir da não-integração, e isso ocorre, segundo Winnicott, “por breves momentos ou períodos, e só gradualmente o estado geral de integração se transforma em fato” (1988, p.137). Winnicott identifica fatores que contribuem para promover a integração e cita, a título de exemplo, “fatores internos”, como a “exigência instintiva ou a expressão agressiva” que são precedidos por uma “convergência aglutinadora do si mesmo como um todo”. Pela possibilidade de correlação com o tema deste estudo, dentre os fatores que influenciam na promoção da integração, interessa deter-se agora naqueles relacionados aos cuidados ambientais, sobretudo a relação mãe-bebê. Assinala Winnicott que “a integração também é estimulada pelo cuidado ambiental. Em psicologia, é preciso dizer que o bebê se desmancha em pedaços a não ser que alguém o mantenha inteiro. Nestes estágios o cuidado físico é um cuidado psicológico” (1988, p.137). Vê-se assim a importância fundamental que Winnicott atribui aos cuidados maternos⁶⁹ que perpassam desde o momento da concepção, atravessando todo o processo de gestação e os primeiros cuidados do bebê já fisicamente presente. É o que se verifica nesta reflexão de Winnicott:

Antes do nascimento, pensa-se na dependência absoluta do bebê basicamente em termos físicos ou corporais. As últimas semanas da vida do bebê no útero afetam o seu desenvolvimento corporal, e é plausível pensar no início de uma sensação geral de segurança (ou insegurança), que varia de acordo com o estado mental do bebê ainda não nascido, o qual, naturalmente, tem uma capacidade de operação muito limitada neste estágio inicial, uma vez que o cérebro ainda não se encontra plenamente desenvolvido. O nível de consciência antes do nascimento e durante o processo de nascimento também varia de acordo com os efeitos causais que decorrem do estado em que a mãe se encontra e de sua capacidade de superar as agonias alarmantes, perigosas e, em geral, recompensadoras dos últimos estágios da gravidez. (1987a, p.73)

⁶⁹ Sob o título de “preocupação materna primária”, Winnicott desenvolveu todo um conceito que define “um estado muito especial da mãe” vivido por ocasião da própria concepção de um ser, mas, sobretudo e concretamente nas últimas semanas que antecedem ao parto e logo depois deste. Este estado é caracterizado por uma “sensibilidade exacerbada” que dota a mulher (mãe) de condições excepcionais no trato do seu bebê em termos de “devotamente” a ele. (1958n, p. 399-405)

Em outra citação Winnicott assim se refere ao papel que a mãe exerce no final da gravidez e no início da vida do bebê:

Uma mãe satisfatória começa com um alto grau de adaptação às necessidades do bebê. É isto o que significa ser “satisfatória”: a tremenda capacidade que as mães normalmente têm de se devotarem à identificação com o bebê. Quando a gravidez está chegando ao fim, e no início da vida do bebê, as mães estão de tal forma identificadas com o bebê que elas praticamente sabem como ele está se sentido, de tal forma que podem se adaptar às necessidades dele, e assim tais necessidades serão satisfeitas. O bebê passa então a ser capaz de dar continuidade a seu desenvolvimento, que é o início da saúde. (1968b, p.140)

Na linha de compreensão deste estudo, é fundamental, neste estágio do amadurecimento humano em que se está considerando o papel da mãe na relação com o seu bebê possibilitando a ele prosseguir no seu desenvolvimento, atentar para aquilo que Winnicott denominou de *holding*, aludindo assim, segundo Abram (2000), a “todas as particularidades do cuidado materno que antecedem e advêm depois do nascimento (...). Isto inclui a preocupação materna primária da mãe, que lhe possibilita fornecer ao bebê o necessário suporte egóico”. *Holding*, no dizer de Winnicott, relaciona-se com sustentação, manejo e com segurar o bebê. Sobre o *segurar*, é importante mencionar a lista de significados que o tradutor do texto *O ambiente saudável na infância*⁷⁰ apresentou como uma ampliação do seu significado. Assim, segurar significa “tornar seguro, firmar; amparar, impedir que caia, agarrar, conter, prender; garantir, afirmar, assegurar; tranquilizar, serenar, sossegar; não se desfazer de, conservar; afirmar, garantir; apoiar-se, precaver-se”. Acrescente-se, ainda, esta consideração de Winnicott:

Vou me referir, agora, ao conceito de segurar o bebê. Há uma relevante economia no uso, e mesmo na exploração, da palavra segurar para descrever o contexto em que as comunicações mais importantes do bebê ocorrem quando suas experiências têm

⁷⁰ 1968f, p. 53 *in*: Os bebês e suas mães.

início. Se eu adotar este procedimento, explorando o conceito de segurar, teremos então duas coisas – a mãe segurando o bebê, e este sendo segurado e atravessando rapidamente uma série de fases do seu desenvolvimento que são de extrema importância para a sua afirmação como pessoa. (1968d, p.86)

Note-se que o segurar, para Winnicott, é muito mais que um simples gesto: é uma comunicação que se estabelece entre a mãe e o bebê, cuja base é a confiança que este tem de ser segurado. “A mãe não precisa saber o que está se passando com o bebê. O desenvolvimento do bebê, porém, só pode ocorrer no contexto da confiança que decorre do fato de ser segurado e manipulado” (Idem). Winnicott (1968f [1967]) associa o fato de um bebê ter sido segurado satisfatoriamente com a aquisição da confiança. Diz:

A maioria dos bebês tem a sorte de serem bem segurados na maior parte do tempo. A partir daí, eles adquirem *confiança em mundo amigável*, mas, o que é ainda mais importante, por terem sido segurados suficientemente bem, tornam-se capazes de atravessar bem todas as fases de seu desenvolvimento emocional muito rápido. (p. 54, grifo nosso)

Esta comunicação que existe entre a mãe e o bebê é sinonímica de uma relação onde a confiança é base na qual o bebê pode-se sentir protegido, pois “a ‘comunicação silenciosa’ é uma comunicação de confiabilidade que, na realidade, protege o bebê quanto a reações automáticas às intrusões da realidade externa, com estas reações rompendo a linha de vida do bebê e constituindo traumas” (Winnicott, 1970b, p.201). Desse modo, Winnicott refere-se a uma *comunicação silente*, na qual a confiabilidade é dada como certa. Mas esta comunicação pode-se estabelecer de uma maneira traumática o que produziria no bebê a “experiência da ansiedade impensável ou arcaica” (idem).

Cabe destacar que Winnicott considera que estas duas maneiras de comunicação – ruidosa ou silenciosa –, dividem o mundo do bebê entre aqueles que na primeira infância não foram de modo significativo “desapontados” e

(...) cuja crença na confiabilidade conduz à aquisição de uma confiabilidade pessoal que é ingrediente importante do estado que pode ser denominado de ‘no sentido da independência’. Estes

bebês têm uma linha de vida e mantêm uma capacidade de se deslocarem para frente e para trás (desenvolvimentalmente) e se tornarem capazes de correr todos os riscos, por se acharem garantidos. (1970b, p.201)

E aqueles que, tendo sido consideravelmente “desapontados” na primeira infância, “portam consigo a experiência da ansiedade impensável ou arcaica. Sabem o que é estar em um estado de confusão aguda ou conhecem a agonia da desintegração. Sabem o que é ser deixado cair, cair eternamente, ou cindir-se em desunião psicossomática”. (idem)

Em certo sentido, a capacidade de ter fé implica, neste momento do amadurecimento, naquilo que Winnicott referiu-se em termos de *crença na confiabilidade*, e que se pode entender como uma aquisição do bebê, fruto do estabelecimento de uma comunicação satisfatória da mãe que está na base da própria confiança pessoal do bebê em si mesmo e na confiança no outro, cuja mãe é o primeiro exemplar. Esta relação baseada na confiança permite ao bebê *correr riscos* em vista de se sentir amparado e com a garantia de que não deixarão que ele venha a cair, numa alusão às experiências traumáticas. Ressalte-se que esta confiança precisa ser comunicada pela mãe em termos de cuidado e amparo, mas ao mesmo tempo ser assimilada pelo bebê no sentido de experimentar “a confiabilidade como certa”, pois “a sustentação confiável de um bebê é algo que precisa ser comunicado, e isto é questão das experiências do bebê.” (1970b, p.202)

Nesta fase de dependência absoluta, o conjunto dos cuidados ambientais, que se pode sintetizar como sinônimo de cuidados maternos, estabelece um marco crucial na vida do bebê de modo positivo se tudo correr satisfatoriamente, mas poderá ressoar negativamente se acontecerem falhas nestes primeiros cuidados⁷¹. Diz Winnicott:

(...) o bebê é seguro pela mãe e só entende o amor que é expresso em termos físicos, isto é, pelo *holding* vivo do ser

⁷¹ O objetivo deste estudo é esclarecer aquilo que ocorre no amadurecimento de uma pessoa em condições de saúde, isto é, quando tudo corre bem, segundo os termos de Winnicott. No entanto, pode-se deduzir o que ocorreria quando há interrupções neste processo. Winnicott faz compreender, na linha de uma etiologia da psicose infantil, que esta teria, nas falhas acontecidas no estágio da dependência absoluta, sua chave de compreensão. (Cf. 1965s, p. 215; 1954a, p. 336; 1955d, p.384)

humano. A dependência neste estágio é absoluta, e o colapso ambiental, quando ocorre, só pode ser combatido por uma interrupção do processo de desenvolvimento e pela psicose infantil (...) estamos mais preocupados com a mãe *segurando* (holding) o bebê que com a mãe *alimentando* o bebê. (1965s, p. 215)

Um bebê que dispôs de um *holding* satisfatório neste início seguirá seu caminho de amadurecimento sem marcas comprometedoras em sua saúde psíquica e (o que é mais importante) terá integrado e estabelecido no seu viver a segurança primeira que lhe dá amparo e confiança para prosseguir confiando que a vida vale a pena de ser vivida porque encontrou um mundo que lhe foi favorável, sendo digno de confiança.

Dias (2003, p.97) sintetiza o primeiro estágio da dependência absoluta, do qual fazem parte a solidão essencial, a experiência do nascimento e a primeira mamada teórica. A *solidão essencial* consiste no reconhecimento de um estado no qual o ser emerge do não-ser, o que implica, para Winnicott, que “o indivíduo emerge não do inorgânico⁷² mas da solidão” (1988, p.155). Esta solidão essencial, comenta Dias (2003), “é o estado originário no qual o bebê se encontra no mais absoluto início, quando o ser emerge do não-ser, solidão que será preservada para sempre, não importa quão comunicativo ou bem relacionado com a realidade externa o indivíduo se torne” (p.132).

Com a experiência do nascimento, o bebê sente-se pronto para o ingresso na vida extrauterina e inicia uma jornada que continuará por toda a vida. “Pronta e alerta para o grande mergulho”, apregoa Winnicott (1968d, p.81). Em si mesmo o nascimento não é traumático, a menos que surjam problemas específicos na hora do parto ligados ao fato de o bebê nascer prematuro ou pós-maturo, ou que haja alguma lesão física que acarretará consequências psicológicas próprias. Ademais, o nascimento será mais ou menos traumático a depender da capacidade do bebê em lidar com aquilo que, na verdade, significa uma intrusão (Dias, 2003, p.160-162). Talvez do processo que culmina com o nascimento a *termo*, seja importante colher de Winnicott a idéia da preexistência de um ser, anterior ao nascimento, mas que de fato, parece começar quando

⁷² Winnicott contrapõe-se a Freud, para quem a vida surge de um estado inorgânico e retorna, com a morte, para este mesmo estado. Cf. 1988, p.154-155)

realmente “aparece” e é reconhecido como tal pela atitude dos pais em função dessa sua chegada ao nascimento. Diz Winnicott (1968d):

Fisiologicamente, as transformações que o nascimento acarreta são, como se sabe, imensas, mas não é necessário pensar que algo tão memorável quanto o início do indivíduo esteja estritamente ligado ao processo do nascimento. Neste tipo de discussão, é provável que tenhamos de deixar de lado esta idéia. O argumento a favor da inclusão do processo de nascimento aqui é a imensa transformação que se dá na atitude dos pais. A criança poderia ter nascido morta, quando não monstruosa, mas aqui está o bebê, reconhecido por todos como um indivíduo. (p.47)

Dias (2003) chama a atenção para algo importante em torno deste tema do nascimento relacionado à experiência aí implicada de continuidade e descontinuidade, uma vez que a experiência do nascimento “constitui-se numa experiência de grande valor para o futuro indivíduo” (p.162). Importa é que a mãe esteja disponível e adaptada às necessidades absolutas do bebê neste momento. Isto talvez represente um primeiro elemento a ser considerado nesta ordem do desenvolvimento da capacidade de ter fé, pensado aqui naquelas bases que possam figurar como o lastro no qual, no decorrer do amadurecimento, a continuidade de ser acontece porque alguém esteve lá onde havia a necessidade extrema que ali estivesse.

Afirma Dias (2003):

A mãe que é capaz, desde o início, de identificar-se com o bebê, esperará até que ele esteja pronto para o contato. Só assim este não será sentido como invasão e o bebê poderá recomeçar a ter impulsos, e até mesmo a procurar alimento. (p.164)

Desse modo, a mãe adaptada e identificada com o seu bebê está pronta para permitir a ele suas investidas espontâneas no rumo do contato com a realidade externa. Este início de contato se dá concomitantemente com a “sequência das primeiras experiências concretas de amamentação”, reunidas no

que Winnicott denominou de *primeira mamada teórica*⁷³. O tema da amamentação é tido por Winnicott para além da alimentação vista em si mesma. Ele associa a amamentação àquilo que ela significa em termos de cuidados e provisão em vista do amadurecimento satisfatório de uma pessoa, ou seja, a amamentação está na ordem daqueles cuidados iniciais com os quais ou sem os quais um indivíduo pode ter mais ou menos qualidade no seu viver, o que implica uma abertura para dispor daquilo que a vida pode ter de positivo. A amamentação, porquanto propiciar uma experiência de contato íntimo entre o bebê e sua mãe, deixaria um déficit naqueles que não a vivenciassem. Reflete Winnicott (1969b [1968]):

Do ponto de vista da saúde mental, a mãe (se agir de forma adequada) estará também criando os fundamentos da força de caráter e da riqueza de personalidade do indivíduo. A partir de uma tal base positiva, o indivíduo tem, com o passar do tempo, uma oportunidade de lançar-se no mundo de uma forma criativa, e de desfrutar e usar tudo aquilo que o mundo tem a lhe oferecer, inclusive o legado cultural. Infelizmente, é uma grande verdade que, se uma criança não começar bem, então poderá não desfrutar do legado cultural e a beleza do mundo não passará de um colorido torturante, impossível de desfrutar. Assim, portanto, existem ‘os que têm’ e ‘os que não têm’, e isso nada tem a ver com finanças; tem a ver com aqueles que começaram muito bem suas vidas, e com aqueles que não tiveram a mesma sorte. (p.20-21)

Em *A amamentação como forma de comunicação*, Winnicott ressalta as qualidades do que ele chamou de “seio bom”, numa alusão à maternidade e paternidade⁷⁴ satisfatórias: “enquanto evidência dos cuidados prestados ao bebê,

⁷³ Dias (2003) afirma que “no estágio da primeira mamada teórica, o bebê está envolvido com três *tasks*: 1) a partir do estado de não-integração, a realização das experiências de integração no espaço-tempo, ou seja, a temporalização e espacialização do bebê (*integração*); 2) o alojamento gradual da psique no corpo (*personalização*); 3) o início das relações objetais, que culminará, mais tarde, na criação e no reconhecimento da existência independente de objetos e de um mundo externo (*realização*)”. (p.166)

⁷⁴ É curioso que Winnicott acrescente e ressalte a presença do pai neste estágio do desenvolvimento do bebê. “O fato cada vez mais comum de o pai poder estar presente quando um bebê está nascendo é um dos mais importantes avanços de nossa época, pois o pai pode enriquecer a situação com um entendimento da importância dos primeiros momentos, quando a mãe pode dar uma olhada em seu bebê antes de repousar”. (1969b [1968], p.22)

podemos dizer, por exemplo, que o ato de segurá-lo e manipulá-lo é mais importante, em termos vitais, do que a experiência concreta da amamentação” (1969b [1968], p.21). Evidencia-se, assim, aquilo que é salutar em termos de saúde psíquica do bebê, o contato íntimo que se estabelece entre ambos, uma vez que, “ao examinarmos a experiência de amamentação de um bebê, a primeira coisa a fazer é pensar em termos de riqueza da experiência e do envolvimento total da personalidade” (idem). Se toda a personalidade está envolvida nesta situação da amamentação, particularmente pelo fato da manipulação e sustentação do bebê, tal como pleiteia Winnicott, então é razoável pensar nas aquisições desta experiência como constitutivas existenciais e de traços específicos da personalidade de uma pessoa. É importante atentar para o fato de que a amamentação ultrapassa o limite da alimentação enquanto necessidade fisiológica, pois “nos intervalos, ele estará exultante por encontrar a mãe por trás do seio ou da mamadeira, e descobrir o quarto por trás da mãe, e o mundo para além do quarto” (Winnicott, 1957n, p.23). Particularmente, em função do objetivo deste trabalho, cabe aludir àquilo que precisamente correlaciona-se com esta questão da capacidade de ter fé, enquanto confiança, esperança. Desse modo, verifica-se, por ocasião da amamentação, o surgimento de um modo de conceber a própria existência e o embrião daquilo que se chamará depois de relacionamentos fundados na experiência nascente de confiança. Winnicott (1964a) explica, em riqueza de detalhes, o fenômeno humano da descoberta desta capacidade de acreditar e ter esperança associados à descoberta do seio e da própria mãe. Propõe:

Imaginemos um bebê que nunca tivesse sido amamentado. A fome surge, e o bebê está pronto para criar uma fonte de satisfação, mas não existe uma experiência prévia para mostrar ao bebê o que ele tem de esperar. Se, nesse momento, a mãe coloca o seio onde o bebê está pronto para esperar algo e se for concedido tempo bastante para que o bebê se sacie à vontade, com a boca e as mãos, e, talvez, com um sentido de olfato, o bebê “cria” justamente o que existe para encontrar. O bebê, finalmente, forma a ilusão de que esse seio real é exatamente a coisa que foi criada pela necessidade, pela voracidade e pelos primeiros impulsos de amor primitivo. A visão, o olfato e o paladar registram-se algures e, passado algum tempo, o bebê poderá

estar criando algo semelhante ao próprio seio que a mãe tem para oferecer. Um milhar de vezes, antes de desmamar, pode ser justamente propiciada ao bebê essa apresentação peculiar da realidade externa por uma única mulher, a mãe. Um milhar de vezes houve a sensação de que o que era querido era criado e constatado que existia. Daí se desenvolve uma convicção de que o mundo pode conter o que é querido e preciso, resultando na *esperança* do bebê em que existe uma relação viva entre a realidade interior e a realidade exterior, entre a capacidade criadora, inata e primária, e o mundo em geral, que é compartilhado por todos. (p.101. Grifos nossos)

Ainda considerando aspectos da amamentação, Winnicott faz uma observação que julga ser a mais importante e que diz respeito à agressividade⁷⁵ do bebê enquanto mama. Os bebês precisam se haver com os seus impulsos agressivos que os levam a aderir ao seio com as gengivas, morder, arranhar, puxar os cabelos da mãe e chutar. Winnicott afirma que “não se pode afirmar que estejam tentando ferir, porque o bebê ainda não está suficientemente desenvolvido para que a agressividade já possa significar alguma coisa” (1969b [1968], p.26). O que está nascendo com este comportamento é algo importante que se relaciona “à crueldade, aos impulsos e à utilização de objetos desprotegidos” (idem). A mãe nesta situação em que está sendo “destruída” pelo bebê deve “proteger-se sem se valer da retaliação e vingança”, o que equivale a dizer que ela sobrevive às investidas do bebê, possibilitando-lhe expressar seus impulsos destrutivos que, na verdade, são parte do amor que nele está nascendo. Diz Winnicott:

Ela tem uma função a cumprir sempre que o bebê morder, arranhar, puxar os seus cabelos e chutar, e esta função é sobreviver. O bebê se encarregará do resto. Se ela sobreviver, o

⁷⁵ Cf. Winnicott (1958b [1950]) demonstra ter uma visão particular de agressividade, associando-a à própria atividade vital do bebê neste seu início. Isto implica reconhecer que não há nesta agressividade nenhuma intencionalidade ou teor moral de maldade ou crueldade. “O bebê dá pontapés dentro do útero: não se pode dizer que ele esteja abrindo caminho para fora a pontapés. Um bebê de poucas semanas agita os braços: não se pode dizer que ele esteja querendo golpear. O bebê mastiga os mamilos com suas gengivas: não se pode dizer que ele esteja pretendendo destruir ou machucar. Em suas origens, a agressividade é quase sinônimo de atividade: trata-se de uma função parcial.” (p.289)

bebê encontrará um novo significado para a palavra amor, e uma nova coisa surgirá em sua vida: a fantasia. É como se o bebê agora pudesse dizer para sua mãe: “Eu a amo por ter sobrevivido à minha tentativa de destruí-la. Em meus sonhos e em minha fantasia eu a destruo sempre que penso em você, pois a amo”. É isto que objetifica a mãe, coloco-a num mundo que não é parte do bebê, e a torna útil. (1969b [1968], p.26)

A mãe que se permite ser “atacada” e não revida a agressividade do seu bebê cumpre um importante papel para o amadurecimento deste, pois, o que está sendo estabelecido em todo o processo da amamentação e particularmente nestas investidas agressivas do bebê, é uma forma de contato nascente com a realidade externa mediante esta forma de comunicação, ou seja, começa a ocorrer os primeiros passos da relação objetal, como constata Winnicott (1968f):

Estou chamando a atenção de vocês para o fato de que, quando a mãe e o bebê chegam a um acordo na situação de alimentação, estão sendo lançadas as bases de um relacionamento humano. É a partir daí que se estabelece o padrão da capacidade da criança de relacionar-se com os objetos e com o mundo. (p.55)

Note-se que Winnicott referiu-se ao estabelecimento de um padrão nascente de relacionamento com os objetos e com o mundo. Desse modo, se o bebê assimilou estes contatos e os “codificou” como sendo dignos de confiança, tenderá a continuar seu amadurecimento com a aquisição desta conquista que é a *confiança*, constituída a partir do contraste que a mãe possibilitou suportando as investidas agressivas do bebê. Abram (2000) chama a atenção para a necessidade desta oposição como forma de o bebê afirmar seu amor, entrando em consonância com o que diz Winnicott (1958b [1950]), ao afirmar que “a agressividade faz parte da expressão primitiva do amor” (p.289) e “se a agressividade é perdida nesse estágio do desenvolvimento emocional, ocorre também a perda de uma parte da capacidade de amar, ou seja, de relacionar-se com objetos” (idem).

A despeito deste modo de relação que se inicia de maneira agressiva entre o bebê e sua mãe, faz-se necessário atentar para a distinção que Winnicott estabelece entre *mundo* e *objetos*. Dias (2003), comentando sobre esta distinção, diz: “Uma coisa é o mundo onde o bebê habita; outra são os objetos que podem ser encontrados (criados) no interior desse mundo. *Para encontrar objetos, é preciso existir um mundo, um contexto em que esses objetos possam ser encontrados*” (p.168). Prossegue a autora chamando a atenção para o fato de que, nesta etapa do amadurecimento, a mãe é, a um só tempo, o objeto a ser encontrado (mãe-objeto) e o próprio contexto, “o ambiente em que o encontro com um objeto pode acontecer (mãe-ambiente)” (idem). A importância atribuída à mãe por Winnicott consiste, pois, no reconhecimento de que ela possibilita ao bebê habitar neste mundo que, de certo modo, é ela própria, e encontrar objetos que vêm a ser, neste início, também ela. Ocorre nesta situação a chamada *ilusão de onipotência*, na qual o bebê, por estar mantido num “ambiente constante, regular, simples, monótono, previsível”, pode criar o objeto que na realidade ele encontrou. Dito de outro modo: o bebê experimenta a sensação de ser “criador de mundos”⁷⁶, como diz Winnicott (1989xf): “Sustento que o bebê cria o seio, a mãe e o mundo” (p.347).

A compreensão de que o bebê vive a *ilusão de onipotência* e é encorajado para tal pela provisão materna permite estabelecer a grande base do que posteriormente, no decorrer do amadurecimento, se pode chamar de confiança, crença, fé. Porém, anterior a estas atitudes já estabelecidas como um comportamento, uma atitude ou um sentimento e como se lhes dessem substrato, surgiu a capacidade para tal identificada por Winnicott, neste contexto da ilusão, de onipotência. Houve uma primeira vez e houve alguém que confirmou que alguma coisa existia; e mais: que ele (o bebê) havia criado algo e este algo adquiriu certa consistência, pois houve quem confirmasse sua existência, impedindo que ele se achasse louco e a realidade inconsistente. Esta ilusão compartilhada marca, de certo modo, o surgimento de uma capacidade para acreditar. Pode-se, assim, entender o termo *fé em*, como se optou chamar neste estudo, numa alusão àquilo que Winnicott denominou de “*crença em...*”, referindo-

⁷⁶ Cf. (1988, p. 130), onde se situa a afirmação de Winnicott de que “o mundo é criado de novo por cada ser humano, que começa o seu trabalho no mínimo tão cedo quanto o momento do seu nascimento e da primeira mamada teórica”. Com esta afirmação, Winnicott refere-se à noção de uma criatividade primária ou originária que está na base para que, encontrando as condições favoráveis, a pessoa possa exercitar este potencial criativo a partir das situações que se lhes apresente vida afora.

se à capacidade humana de “acreditar em...”. Diz Winnicott (1963d)⁷⁷: “Eu me apego a esta frase feia, incompleta, *crença em*. Para completar o que foi começado, alguém deve fazer a criança acreditar naquilo que nós, nesta família e nesta porção da sociedade, e atualmente, acreditamos” (p.89). Este “completar”, esclarece Winnicott, só será possível para quem desenvolveu a *crença em*, pois do contrário, aquilo que se quer fazer a criança acreditar soará como imposição ou truque de estratégia para que acredite. A criança poderá simplesmente reproduzir aquilo que desejam que ela aceite como verdadeiro, mas esta crença não terá significância para ela, uma vez que lhe falta o elemento que possibilita a adesão do seu ser àquilo em que acreditar, isto é, faltam-lhe as condições prévias para esta crença. Escreveu Winnicott (idem):

A uma criança que desenvolve a “crença em” pode-se transmitir o deus da casa ou da sociedade que aconteça ser a sua. Mas para a criança sem nenhuma “crença em”, Deus é na melhor das hipóteses um truque do pedagogo, e na pior das hipóteses uma peça de evidência para a criança à qual falta à figura dos pais confiança no processo de maturação da natureza humana e cujos pais têm medo do desconhecido. (p.88-89)

A questão decorrente desta idéia winnicottiana implica considerar como relevantes as primeiras atitudes e as experiências dos primeiros meses de vida de uma criança, sob pena de não lhe favorecer a aquisição considerável, que é a capacidade de ter *fé em...* Valores e crenças não se impõem depois de certa idade se não houver o sustentáculo, a base que é esta capacidade primeira de *acreditar em...* Winnicott (1963d) refere-se a esse dado quando comenta sobre a questão da educação moral ou da religião:

Na verdade, a educação moral não funciona, a menos que o lactente ou a criança tenham desenvolvido dentro de si mesmos, por um processo natural de desenvolvimento, a essência que, quando colocada no céu, recebe o nome de Deus. O educador moral depende para seu êxito de existir na criança aquele desenvolvimento que possibilite aceitar este Deus do educador

⁷⁷ Trata-se de um texto fruto de uma palestra sobre “Moral e educação”, na qual Winnicott discute sobre “a capacidade da criança de ser educada moralmente”. Procurando entender como se estabelece esta relação de acreditar e apropriar-se de valores, Winnicott esclarece que primeiro vem a capacidade de acreditar em..., ou seja, “crença em...”; somente depois é que se pode completar: crença em Deus, crença no outro, crença nisso ou naquilo, etc.

moral como uma projeção da bondade que é parte da criança e sua experiência real de vida. (p. 89)

À criança que se possibilitou chegar a este estágio da *fé em...* pode-se esperar que com o tempo possa completar estas reticências, pois lhe foi dada a base para viver a crença “de que o mundo é encontrável e confiável, de que, em algum lugar, existe algo que faz sentido, ou alguém que compreende e responde à necessidade” (Dias, 2003, p.168). Assim posto, pode-se dizer que a fé em termos transitivos, isto é, fé em alguém ou em algo, só é possível se houver a capacidade “instalada” para tal. Talvez se possa ilustrar esta afirmação com o que ocorre analogamente a um software na linguagem da informática, sem o qual não se pode acessar um dado programa⁷⁸. Esta capacidade, no entanto, terá sempre a marca indelével da criatividade que, por sua vez, acontece numa ambiência propícia exatamente como a que se dá na comunicação silenciosa entre a mãe e o seu bebê, onde se comunica algo como: “Venha para o mundo de forma criativa, crie o mundo; só o que você criar terá significado para você. Em seguida: O mundo está sob o seu controle.” (Winnicott, 1968d, p.90).

Pode-se pensar agora nas condições para que a criança chegue a este ponto condicional para sua posterior conquista de acreditar na vida, em si mesma, nos outros e no mundo. Estas condições estão ligadas, de modo geral, à provisão ambiental, como já se referiu em outra parte deste trabalho, mas relacionam-se especificamente com o cuidado materno e tudo o que dele decorre em termos de amparo e sustentação, que são como que um “lugar” onde o bebê transita numa situação na qual pode se estabelecer e se desenvolver emocionalmente. São abundantes as referências sobre esta afirmativa, porém, entre as muitas assertivas neste sentido, exemplifica-se em Winnicott (1945d):

Para que essa ilusão se dê na mente do bebê, um ser humano precisa dar-se ao trabalho permanente de trazer o mundo para ele num formato compreensível e de um modo limitado, adequado às suas necessidades. Por esta razão não é possível um bebê existir sozinho, física ou psicologicamente, e de fato é preciso que uma

⁷⁸ Evidentemente a comparação não pretende, de modo algum, associar o comportamento humano ao funcionamento estanque de uma máquina, uma vez que na perspectiva psicanalítica compreende-se o aspecto sempre dinâmico da pessoa e dos seus comportamentos. No entanto, esta analogia talvez sirva para mostrar certa base sobre a qual se assenta a fé sem qual não se pode acessar os elementos de confiança e crença, por lhe faltarem a chave de leitura, o código fundamental.

pessoa específica cuide dele no início (p. 229). (...) a mãe que permite que a ilusão do bebê exista e dá a ele a capacidade de crer na realidade como algo sobre o qual é possível ter ilusões (p.240).

Ou, ainda em Winnicott (1971q):

A mãe adapta-se às necessidades de seu bebê e de seu filho que gradativamente se desenvolve em personalidade e caráter, e essa adaptação concede-lhe certa medida de fidedignidade. A experiência que o bebê tem dessa fidedignidade, durante certo período de tempo, origina nele, e na criança que cresce, um sentimento de confiança. A confiança do bebê na fidedignidade da mãe e, portanto, na de outras pessoas e coisas, torna possível uma separação do não-eu a partir do eu (p. 151). (...) No estado de confiança que se desenvolve quando a mãe pode desempenhar-se bem dessa difícil tarefa, o bebê começa a fruir de experiências baseadas num 'casamento' da onipotência dos processos intrapsíquicos com o controle que tem do real. A confiança na mãe cria aqui um playground intermediário, onde idéia da magia se origina, visto que o bebê, até certo ponto, experimenta onipotência. (p.70-71)

Talvez o que não se pode relevar nesta consideração sobre o papel da mãe, vista enquanto *ambiente* e *objeto*, diz respeito à sua função de possibilitar ao bebê “habitar” no *mundo subjetivo*, essencial para as aquisições emocionais do amadurecimento humano, pois:

O bebê, menino ou menina, que se desenvolve em um ambiente que este tipo de mãe pode proporcionar, consegue viver durante um período suficiente em mundo subjetivo no qual o mundo da realidade externa não incide. Nele desenvolve-se no bebê um senso de predizibilidade, e, desta maneira, as funções dos estágios iniciais muito delicados do crescimento da personalidade podem ser assentados. Uma linha de vida que é pessoal começa a ser uma característica. (1989n, p.220)

Portanto, trata-se de um mundo que está nascendo, inicialmente subjetivo, e que tem a marca da confiabilidade, “uma ambiência confiável, feita da totalidade dos cuidados maternos” (Dias, 2003, p.168), absolutamente necessário para que a criança prossiga seu amadurecimento embasado na confiança em si e na própria vida, no outro e no mundo.

Relacionado à capacidade de habitar neste mundo subjetivo, cabe observar agora outro aspecto importante a ser considerado neste estágio de dependência absoluta. Esta observação pode oferecer elementos de compreensão do desenvolvimento da capacidade de ter fé e diz respeito aos *estados tranqüilos*, que vêm a ser um contraponto às situações nas quais o bebê não está envolvido com a alimentação, isto é, mamando ou não, está buscando algo (Dias, 2003). Estas são situações características dos *estados excitados*. Nos estados tranqüilos, afirma Dias (2003):

A necessidade do bebê é ficar no estado não-integrado, no relaxamento próprio de quem se sente bem sustentado. Ele se entrega à “contemplação”, elaborando imaginativamente os estados fisiológicos da digestão, ou envolvido pelos ruídos, cheiros e movimentos do ambiente. Se a mãe o tem no colo, ele olha longamente para ela, que lhe fala ou canta uma canção, ou se recolhe em isolamento para um lugar ao qual ela não tem acesso, ou dorme. (p.191)

A criança pode desfrutar deste estado de relaxamento e certo alheamento porque começa a estabelecer a *confiança* de que a mãe estará sempre ali lhe dando a devida sustentação e impedindo que ela se desmanche ou caia. O segurar da mãe permite ao bebê entregar-se nos seus braços e descansar da eterna tarefa de dar sentido para a realidade e retornar a um estado não-integrado, como afirma Winnicott (1968d):

A capacidade que a mãe possui de ir ao encontro das necessidades em constante processo de mutação e desenvolvimento deste bebê permite que a sua trajetória de vida

seja relativamente contínua; permite-lhe, também, vivenciar situações fragmentárias ou harmoniosas, a partir da confiança que deposita no fato concreto de o segurarem, juntamente com fases reiteradas da integração que faz parte da tendência hereditária de crescimento. O bebê passa, com muita facilidade, da integração ao conforto descontraído da não-integração, e o acúmulo destas experiências torna-se um padrão e forma uma base para as expectativas do bebê. Ele passa a confiar nos processos internos que levam à integração em uma unidade. (p.86)

Há que se notar, nesta afirmação, o elemento da confiança que, neste estudo, é correlato à fé, em termos de sua capacidade. O bebê só se permite flutuar num mundo não-integrado porque dispõe desta relação de confiabilidade, como diz Winnicott (1968d): “A confiabilidade passa a ser uma crença, uma introjeção baseada na *experiência de confiabilidade*” (p.87). Dias (2003) diz que, “quando se estabelece essa crença – que poderia ser formulada do seguinte modo: ‘Assim que eu precisar, ela estará lá’ -, o bebê passa, com muita facilidade, da experiência excitada para a tranquila e vice-versa” (p.191). Imagine-se um bebê que não tem por quem esperar; que não introjetou esta esperança de que se pode esperar por alguém. Prossegue Dias (2003): “O acúmulo destas experiências torna-se um padrão e forma a base para as expectativas do bebê e para a capacidade de ‘acreditar em...’ ”. (p.191). É assim que se pode entender que a confiança dá sustentação existencial para o bebê viver a dependência absoluta, pois sem esta confiança, ou existindo falhas na provisão, o bebê experimentaria “uma inacreditável ansiedade” geradora de conteúdo psíquico tais como: “ser feito em pedaços; cair para sempre; completo isolamento, disjunção entre psique e soma” (idem, p.88). Winnicott refere-se às “terríveis ansiedades” (1970a) experimentadas pelo bebê, mas que se convertem em sentimentos como segurança, confiança e esperança, se houver apoio e amparo para tal.

Um fato importante a se considerar é que, graças a uma assistência satisfatória, estes sentimentos terríveis se transformam em experiências positivas, vindo somar-se à confiança que o bebê adquire com relação ao mundo e às

pessoas. Ser feito aos pedaços, por exemplo, passará a ser uma sensação de relaxamento e repouso se o bebê estiver em boas mãos; cair para sempre se transforma na alegria de ser carregado, e no entusiasmo e prazer que decorrem do movimento; morrer e morrer e morrer passa a ser a consciência deliciosa de estar vivo, e, quando a constância vier em auxílio à dependência, a perda da esperança quanto aos relacionamentos se transformará numa sensação de segurança, de que, mesmo quando a sós, o bebê tem alguém que se preocupa com ele. (1970a, p.76)

Winnicott, referindo-se à confiança que se estabelece no estágio de dependência absoluta, fornece elementos para que se possa entender como esta confiança está na base daquilo que, no decorrer do amadurecimento, vem a se constituir como uma *crença na confiabilidade*. Entre outras passagens, referindo-se ao caráter silencioso e comunicativo desta confiança, afirma Winnicott (1968b):

Atos de confiabilidade humana estabelecem uma comunicação muito antes que o discurso signifique algo – o modo como a mãe olha quando se dirige à criança, o tom e o som de sua voz, tudo isso é comunicado, muito antes que se compreenda o discurso. (p.142)

A confiança é, portanto, algo comunicado no silêncio de gestos e atitudes que, uma vez assimilados pelo bebê, passam a fazer parte de certo repertório daquilo que se pode chamar fé no mundo que está nascendo sob as marcas da crença de que ele é confiável, pois

Somos pessoas que acreditam. Acreditamos porque alguém nos proporcionou um bom início. Recebemos uma comunicação silenciosa, por certo período de tempo, de que éramos os amados, no sentido de que podíamos confiar na provisão ambiental e portanto continuamos com nosso crescimento e desenvolvimento. (Winnicott, 1968b, p.143)

Em termos do que se está chamando de *capacidade de ter fé*, na consideração de seu surgimento e desenvolvimento, talvez se possa associá-la, pelo aqui exposto, aos aspectos do cuidado humano neste estágio da dependência absoluta, transvertidos em *segurança, confiança e esperança*.

3.3 O surgimento da capacidade de ter fé na fase da “dependência relativa”

A partir da noção de dependência exposta no início deste capítulo e anteriormente no capítulo I, item 2.3, considera-se agora o estágio da chamada *dependência relativa*, quando então se buscará conhecer aspectos correlacionados ao objetivo deste trabalho, qual seja, o desenvolvimento da capacidade de ter fé na obra e no pensamento de Winnicott.

Certamente há que se compreender que os estágios do amadurecimento humano, tal como elaborou Winnicott em sua vasta obra e posteriormente sistematizados ou mais bem explicitados por outros autores⁷⁹, não são conceitos estanques e sua categorização se presta, outrossim, como recurso didático para uma melhor compreensão deste processo complexo que é o amadurecimento humano. Desse modo, deve-se considerar o fenômeno da dependência como um traço constante em todo o desenrolar do amadurecimento, ora mais, ora menos, porém nunca totalmente ausente.

A passagem do estágio de dependência absoluta para relativa talvez concentre e afirme as grandes conquistas do processo de amadurecimento e, quiçá, as mais célebres elaborações teóricas de Winnicott para a vida humana deste período. Neste estágio⁸⁰, grosso modo, verificam-se a desilusão, o desmame, o início das funções mentais, a transicionalidade, o estágio do uso do objeto e o estágio do “eu sou”.

Deve-se considerar, nesta transição, que a mãe, gradualmente, vai-se desadaptando de sua quase total adaptação ao bebê em vista da necessidade extrema dele. Confirma Winnicott (1968f [1967]):

⁷⁹ Cf. os trabalhos de Elsa Dias e Zeljko Loparic que, durante muitos anos, vêm procurando, em suas pesquisas, subsidiar o acesso à obra de Winnicott, uma vez que, em alguns aspectos, a riqueza conceitual, o alcance e a profundidade de Winnicott encontra-se ainda por explorar.

⁸⁰ Optou-se pela sequência metodológica empregada por Dias (2003, p.227-254), na qual ela desenvolve e comenta este estágio da dependência relativa como uma segunda parte do estágio inicial, em que o bebê gradualmente atravessa da dependência absoluta para a dependência relativa em relação à mãe .

Naturalmente, à medida que o bebê fica um pouco mais velho, a vida vai se tornando cada vez mais complexa. As falhas de adaptação por parte da mãe são, elas próprias, uma adaptação à necessidade crescente da criança de reagir à frustração, de ficar zangada e lidar com a rejeição de tal forma que a aceitação se torne cada vez mais significativa e instigante. (p. 57)

Este é o quadro que se observa neste estágio em que a crescente maturidade do bebê e as falhas de adaptação da mãe completam-se numa ordem em que não se pode precisar quem influencia quem. Importa, outrossim, atentar para o fato de que este cenário se desenrola ainda sob a pauta da adaptação que passa de absoluta para decrescente e relativa e assim, portanto, deve-se considerar a relevância do apoio e provisão ambiental⁸¹.

Dias (2003) afirma que “a desadaptação da mãe dá início ao processo de desilusão do bebê” (p.228). Sobre esta desilusão, sabe-se que trará para o bebê e seu progresso maturacional, importante conquista, porquanto implicar a gradual tomada de consciência da existência de um mundo que necessariamente não é criação dele e existe independente dele⁸². Recorde-se que o que o bebê está perdendo é a *ilusão de onipotência*, não aquela capacidade salutar de poder criar e de viver subjetivamente num mundo que tem sua marca, seu tônus, seu brilho e que se reúne em torno do que Winnicott chamou de “ilusão básica”⁸³, que dota a pessoa da criatividade e do viver criativo como traços de um si-mesmo integrado, sinônimo de saúde.

Com a vivência do processo ilusão-desilusão, o que se opera, na verdade, é a significativa aquisição de uma forma de lidar com a realidade que passa de “subjetivamente concebida” para “objetivamente percebida” (1958a). Neste sentido, cabe observar o caráter de confiança já atuante na vida do bebê, que o dota da capacidade de suportar as frustrações advindas deste cenário de

⁸¹ Referindo-se à mãe suficientemente boa e sua capacidade de adaptação ao bebê e às suas necessidades, diz Winnicott: “A mãe suficientemente boa, como afirmei, começa com uma adaptação quase completa às necessidades de seu bebê, e, à medida que o tempo passa, adapta-se cada vez menos completamente, de modo gradativo, segundo a crescente capacidade do bebê em lidar com o fracasso dela. Cf. Winnicott (1958a, p. 25)

⁸² Cf. capítulo I, itens 2.3 e 2.4, nos quais se tratou de modo mais detido esta questão com suas devidas referências na obra winnicottiana.

⁸³ Cf. Winnicott (1958a, p.24-28).

relativa frustração e de uma percepção do mundo que parece se desfazer para dar lugar a uma outra que começa a nascer e que tem o signo da realidade. Dito em outros termos, trata-se de perceber que o bebê é confrontado com a realidade do mundo externo e precisa se haver, ao mesmo tempo, com o seu mundo interno, quando na saúde, e isto inclui relação de confiabilidade com o ambiente e confiança em si mesmo, já de certo modo adquiridas, mas agora submetidas ao teste da realidade, pois:

Todas essas coisas andam juntas e combinam-se, na sensação do se sentir real, de ser e de haver experiências realimentando a realidade psíquica interna, enriquecendo-a, dando-lhe direção. A consequência é que o mundo interno da pessoa saudável relaciona-se com o mundo real ou externo, e mesmo assim é pessoal e dotado de uma vivacidade própria. (Winnicott, 1971f [1967], p.14)

Em torno do processo de desilusão, Dias (2003) alude ao desmame como um aspecto importante desta etapa pela relação com as conquistas bastante significativas para o bebê neste estágio. Destaca-se o aspecto da agressividade, referida anteriormente no estágio da dependência absoluta, mas considerada, agora sob outro ângulo, isto é, não mais como “agressividade primária”⁸⁴; a agressividade insere-se agora em outro contexto: em vista da integração que deu outros passos, o bebê é desafiado a confrontar-se com o seu potencial de agressividade que o torna incompassivo (*ruthlessness*), com potência cada vez mais crescente e com a qual pode exercer sua impulsividade “sem preocupação e cada vez com mais força e ousadia” (Dias, 2003, p.186). Winnicott denomina este estágio de pré-concernimento, em que a criança

ainda não considera importante o fato de que o que ela destrói quando excitada é a mesma coisa que valoriza nos calmos intervalos entre as excitações. Seu amor excitado inclui um ataque imaginário ao corpo da mãe. Aqui vemos a agressividade como fazendo parte do amor. (1958b [1950], p.290)

⁸⁴ Cf. Abram (2000, p.7-8): o autor traça a definição winnicottiana para agressividade, ressaltando a evolução conceitual no decorrer da obra de Winnicott.

Importa ressaltar o papel que a mãe desempenha, oferecendo-se sem opor resistências drásticas aos impulsos agressivos do bebê, o que significa que ela funciona como uma espécie de contraste no qual ele pode testar a si mesmo e ao ambiente e ao mesmo tempo se afirmar por *oposição a*. Cf. (1958a). Se ao descarregar sua agressão contra a mãe, mordendo-a, arranhando-a, chutando-a, etc., e esta se mantém ali e não desiste dele não obstante sua agressão, certamente o bebê incorporou uma capacidade a mais no seu processo de amadurecimento, a capacidade de amar, pois, segundo Winnicott (1958b [1950]): “Se a agressividade é perdida nesse estágio do desenvolvimento emocional, ocorre também perda de uma parte da capacidade de amar, ou seja, de relacionar-se com objetos” (p.291).

Concomitantemente aos processos de desilusão-desmame, ocorrem importantes conquistas para o amadurecimento do bebê em vista das falhas adaptativas da mãe, que o impulsionam não apenas para o uso da mente, mas para todos os recursos que o ajudem a lidar com as demandas que se lhes apresentam neste estágio (Dias, 2003). O que ocorre, pois, é que o bebê está estabelecendo gradualmente uma separação entre ele e a mãe, entre o seu mundo interno e o externo. Desse modo, afirma Dias (2003):

Nesta fase da desadaptação, há um primeiro vislumbre da dependência; o lactente começa a saber, em sua mente, que a mãe é necessária. Isto o deixa muito exposto, naturalmente, e todo cuidado é pouco para não ferir a dignidade do bebê. (p.230)

Segundo Dias (2003), duas atitudes gerais do ambiente são particularmente importantes e facilitam o amadurecimento; elas estão presentes no estágio anterior, neste e no estágio subsequente. A primeira atitude diz respeito à “existência continuada das condições para a dependência em alto grau, que pode voltar, circunstancialmente, a ser necessária” (p.230-231). Isso implica reconhecer que, não obstante haja um avanço no amadurecimento, o fator dependência pode ser recorrente e a criança pode retornar, mesmo que momentaneamente, a depender mais ou menos de certa provisão. Certamente esta criança, ao deparar com as suas necessidades, e agora neste estágio, mais conscientes delas, poderá manter e ampliar sua esperança de que existe alguém

que está ali e disponível. Assim como já há neste estágio certa consciência da própria dependência e da necessidade da mãe, pode-se dizer que igualmente a confiança nesta situação caminha para se tornar algo que começa a fazer parte consciente da vida desta criança.

A segunda atitude a que se referiu Elsa Dias, fundamental nesta etapa do amadurecimento, diz respeito ao fato de que, ao mesmo tempo em que a mãe está ali presente e disponível nos momentos e situações de maior necessidade, ela cria e favorece “a provisão de oportunidades” para uma gradual separação do bebê, possibilitando que ele, aos poucos, vá ampliando os relacionamentos na família e no convívio social, nessa ordem (p.231). Não se trata de uma separação abrupta. A criança precisa de tempo, do seu tempo, mas precisa também suprir aquilo que perde com a separação, colocando algo no lugar, mesmo que simbolicamente. Esclarece Winnicott (1965p): “A criança precisa sair do colo da mãe, mas não daí para o espaço sideral; esse afastamento deve dar-se em direção a uma área maior, mas ainda sujeita a controle: algo que simbolize o colo que a criança abandonou” (p.132). Trata-se de considerar que nesta situação há, a um só tempo, necessidades ambíguas de separação e independência de um lado, e, do outro, certa dependência e apoio, o que implica uma volta ao estágio anterior. Pode-se dizer que a criança está experimentando sair e conhecer a liberdade. Ela ensaia passos na direção de olhar mais longe. É uma experiência excitante, geradora de muitos temores e de um sentimento que a criança passa a desfrutar nesta etapa: a segurança. Pondera Winnicott (1965vg [1960]):

Quando oferecemos segurança, fazemos simultaneamente duas coisas. Por um lado, nossa ajuda livra a criança do inesperado, de um sem-número de intrusões indesejáveis e de um mundo que ainda não é conhecido ou compreendido. E, pelo outro lado, protegemos a criança de seus próprios impulsos e dos efeitos que estes possam produzir. (p.45)

Não basta, todavia, que esta segurança esteja apenas na cabeça dos pais ou de quem cuida da criança: ela precisa se constituir e ser introjetada como parte do seu universo interior, como diz Winnicott (1965vg [1960]): “É necessário que se edifique, no interior de cada criança, a crença em algo que não seja apenas bom, mas seja também confiável e durável, ou capaz de recuperar-se depois de se ter machucado ou mesmo perecido” (p.44). Neste estágio do amadurecimento, há, por parte da criança, uma espécie de necessidade de “testar” a confiança em seus pais; a confiança que, de certo modo, era tida como incondicional, necessita de verificação (idem).

Ressalte-se, portanto, nesta etapa da dependência relativa, este aspecto da segurança que o ambiente provisiona em vista da necessidade crescente da criança em ampliar seus horizontes. Esta segurança só pode ser assimilada como tal dentro de uma ambiência de confiabilidade, pois “é o ambiente circundante que torna possível o crescimento de cada criança; sem uma confiabilidade ambiental mínima, o crescimento pessoal da criança não pode se desenrolar, ou desenrolar-se com distorções” (Winnicott, 1965vg [1960], p.45). Esta confiabilidade no ambiente é o que mantém, na criança, a crença de que é possível retornar, pois alguém a aguarda. Assim, numa linha de progressão contínua, a capacidade de ter fé, neste estágio, galga um importante degrau alicerçado sobre as bases da tomada de consciência da própria dependência, mas igualmente, da consciência que a criança adquire de que ela dispõe de alguém (a mãe) que estará ali quando ela precisar e que pode sair sabendo que no seu retorno será acolhida⁸⁵. Fé implica, pois segurança de poder sair, confiança de ser acolhida quando do retorno⁸⁶.

O movimento da criança em busca de sua liberdade de sair e retornar, numa espécie de teste das próprias potencialidades e das condições ambientais, efetiva-se, propriamente, no período da transicionalidade⁸⁷ (Dias,

⁸⁵ Este *eterno retorno* é algo que parece pertencer às experiências existenciais de todas as pessoas. Dias (2003) refere-se a esta questão ao dizer que “um aspecto central da confiabilidade do ambiente consiste em manter sempre aberta a possibilidade de retorno, necessidade que dura para sempre.” (p. 231)

⁸⁶ Dias (2003) ressalta o caráter positivo daquilo que pode ser atribuído a alguma imaturidade, mas que se revela como traço de saúde. Afirma: “Os indivíduos sadios estão de posse dessa capacidade porque a matriz lhes foi dada, nos estágios iniciais, pela experiência dos inúmeros retornos à não-integração e (...) pela capacidade de a mãe permitir ao bebê retornar à dependência e ao mundo subjetivo, sempre que isto se fizer necessário”. (p. 232)

⁸⁷ O leitor deve retomar a descrição um pouco mais pormenorizada deste fenômeno feita em outro ponto deste trabalho, a saber, capítulo I, item 2.4.

2003). Este fenômeno original e extremamente marcante na obra de Winnicott aponta para as possibilidades impressionantes de que a natureza humana dispõe para lidar com os desafios inerentes ao amadurecimento em vista da integração do *si-mesmo* e no viver autêntico, espontâneo e criativo. A transicionalidade está, assim, na linha do amadurecimento, porquanto os fenômenos que se verificam neste estágio “inauguram uma das etapas – e uma das conquistas – do amadurecimento, levando o indivíduo a um novo sentido de realidade, que, na saúde, irá instaurar uma área específica de experiência” (idem, p.232). Este novo *sentido de realidade* aponta para o reconhecimento de que o bebê, ao lidar com a realidade que lhe é apresentada (externa do ponto de vista do observador), começa a moldá-la com cores e tons de sua subjetividade, não se limitando simplesmente a introjetá-la e reproduzi-la tal qual uma cópia. Com este fenômeno, realidade passa a ter *significado pessoal*, o que conduz o adulto, futuramente, a relacionar-se com a realidade externa *sem perda do sentido pessoal da existência* (Dias, 2003, p.234).

É necessário, contudo, atentar para o dado de que os benefícios advindos deste fenômeno só se efetivam se, no estágio anterior, foram estabelecidas as condições para tal, isto é, “o sentido subjetivo do real” (idem, p.233), constituído sob a égide da *segurança*, da *confiança* e da *crença em...* “Um bebê a quem não foi fornecido um sentido de segurança, incorporado como uma crença, não pode ‘ausentar-se’, distraído com o objeto transicional; ao contrário, consegue apenas ficar alerta, prevenindo possíveis invasões” (idem, p.233). Ademais, recorde-se que a base sobre a qual desabrocha estes fenômenos é a *área da ilusão de onipotência*, aquisição de uma etapa mais remota na linha do amadurecimento, a partir da qual se assentaram as bases do mundo subjetivo do bebê, que implica o estabelecimento do início de sua capacidade para a simbolização. A partir desta aquisição, numa linha sequencial e de desenvolvimento, surge a capacidade de brincar, de modo que “os objetos transicionais, e depois o brincar, são os precursores da capacidade do adulto de usar o campo da cultura, da religião, da arte, para o necessário e salutar descanso da eterna tarefa de separar os fatos da fantasia” (Dias, 2003, p.234).

Pensando em termos do que se busca compreender neste trabalho, considere-se agora, neste estágio da transicionalidade, o aspecto da confiança que foi assimilada na etapa anterior, quando o bebê vivia a *ilusão de onipotência*

sendo, de certo modo, encorajado a acreditar naquilo que se lhe apresentava como obra de sua criação e que se manifesta atuante em relação aos fenômenos transicionais. A onipotência não se desfaz magicamente do dia para a noite. Ela se desfaz gradualmente, e o bebê necessita de apoio para fazer a transição. É neste sentido que os fenômenos transicionais se colocam entre duas áreas: a da ilusão de onipotência e a da realidade pura – ou, dito de outro modo – entre o totalmente interno e o estritamente externo. Portanto, a transicionalidade corresponde ao que Winnicott designou como *terceira área da experiência* ou *espaço potencial* (Cf. 1953c; 1971a). Nesta situação, a confiança cria as condições para que a criança possa “fruir de experiências baseadas num ‘casamento’ da onipotência dos processos intrapsíquicos com o controle que tem do real” (1968i [1967], p.71). Winnicott aprofunda este aspecto da confiança e a associa à brincadeira:

“A confiança na mãe cria aqui um *playground* intermediário, onde a idéia da magia se origina, visto que o bebê, até certo ponto, experimenta onipotência. (...) Chamo isso de *playground* porque a brincadeira começa aqui. O *playground* é um espaço potencial entre a mãe e o bebê, ou que une mãe e bebê.” (idem)

É com base na relação de confiabilidade estabelecida com a mãe que o bebê pode transportar-se para outro plano da realidade sem se sentir perdido e convicto de que não vive a loucura da alucinação, pois a figura da mãe lhe oferece uma espécie de lastro de realidade enquanto ele participa dos seus devaneios incorporados no brincar, na brincadeira e no brinquedo. Recorde-se que Winnicott atribui a importância do brincar à “precariedade do interjogo entre a realidade psíquica pessoal e a experiência de controle de objetos reais” (idem), o que reforça a idéia do brincar compartilhado (o que não implica necessariamente a presença física da mãe, mas na sua presença simbólica, como simbólico também é o próprio brincar). Ressalte-se que “o brincar implica confiança” (Winnicott, 1958g [1957], p.76), pois o bebê não se “ausentaria” na brincadeira se não se sentisse seguro, abandonado na dependência da mãe. Por isso, importa agora evidenciar aquilo que está sendo descortinado por ocasião destes fenômenos, ou seja, uma forma de contato com a realidade construída a partir da precariedade inerente à magia (enquanto encanto, fascinação). Precariedade porque

dependente da parceria lúdica da mãe, a quem cabe a confirmação daquilo que o bebê vive para que tenha, então, consistência e seja incorporado a partir de um ressignificado. A magia a que se refere Winnicott é vivida, segundo ele mesmo afirma, a partir de uma intimidade neste “relacionamento que está sendo descoberto como digno de confiança” (idem). Sem esta motivação advinda do amor da mãe, sentido como confiável pelo bebê, não se estabelecem vínculos de confiabilidade.

Estabelecida esta relação que se alicerça na confiança, a criança pode, paulatinamente, experimentar e suportar situações de momentânea ausência da mãe, ainda que ela apenas esteja fora do seu campo visual. Neste período dos fenômenos transicionais, ser capaz de suportar o fato de ficar só consiste em uma aquisição importante. Na verdade, a criança não está só, pois a imagem da mãe acompanhada das sensações de insegurança e confiança são sentimentos introjetados que lhe inspiram coragem para aguardar o retorno da progenitora. Enquanto esta não volta, faz-se presente na materialidade do símbolo da mãe e preenchedor de sua ausência, que é o objeto transicional. Winnicott refere-se a este estágio como “ficar só na presença de alguém⁸⁸” (1968i [1967], p.71) e explica:

A criança está brincando agora com base na suposição de que a pessoa a quem ama e que, portanto, é digna de confiança, e lhe dá segurança, está disponível e permanece disponível quando é lembrada, após ter sido esquecida. Essa pessoa é sentida como se refletisse de volta o que acontece no brincar. (idem, p.71)

E diretamente referindo-se ao paradoxo de ficar só quando mais alguém está presente, diz:

Aqui está implícito um tipo muito especial de relação, aquela entre o lactente ou a criança pequena que está só, e a mãe ou mãe substituta que está de fato *confiantemente* presente, ainda que representada por um momento por um berço ou um carrinho de

⁸⁸ Cf. 1958g [1957] “A capacidade para estar só”, em que Winnicott discorre em pormenores sobre este conceito ao qual atribui a relevância de “um dos sinais mais importantes do amadurecimento do desenvolvimento emocional” (p. 31). Trata-se para ele de algo paradoxal, pois implica ficar só na presença de alguém.

bebê, ou pela atmosfera geral do ambiente próximo. (1958g [1957], p. 33. Grifo nosso)

Outro aspecto importante a ressaltar diz respeito ao fato de que o *estar só* aponta para a constatação de que um *objeto interno bom*⁸⁹ foi introjetado na realidade psíquica da criança e está atuante. O objeto e a confiança são “defendidos pelo indivíduo (pelo menos na situação atual) para este se sentir confiante quanto ao presente e ao futuro” (1958g [1957], p.34). Atente-se para os aspectos de confiança e de crença que Winnicott conjuga com o objeto interno bom quando declara:

A relação do indivíduo com este objeto interno, junto com a *confiança* com relação às relações internas, lhe dá auto-suficiência para viver, de modo que ele ou ela fica temporariamente capaz de descansar contente mesmo na ausência de objetos ou estímulos externos. Maturidade e capacidade de ficar só significam que o indivíduo teve oportunidade através de maternidade suficientemente boa de construir uma *crença* num ambiente benigno. Essa crença se constrói através da repetição de gratificações instintivas satisfatórias. (Idem, grifos nossos)

Sobre o estágio do EU SOU, escreveu Dias (2003), associando-o à passagem para as etapas posteriores do amadurecimento e estabelecendo-o como condição sem a qual a própria vida não seria possível de ser vivenciada: “As tarefas do amadurecimento prosseguem. A conquista do estatuto do EU SOU ainda não fazem do bebê uma pessoa inteira (*whole person*). Ela é, contudo, a

⁸⁹ A título de esclarecimento, Dias (2003) explica o significado deste *objeto interno* para Winnicott, estabelecendo uma diferenciação do conceito de Klein. Ocorre que, quando Winnicott referiu-se a este termo, não havia ainda formulado o seu conceito de *objeto subjetivo*, que veio a ser elaborado posteriormente. “Entendo que ‘objeto interno’, neste caso, refere-se a ‘objeto subjetivo’. Os argumentos são os seguintes: primeiro, sob a perspectiva da teoria do amadurecimento, só se pode falar de objeto interno se estivermos nos referindo a um momento do amadurecimento em que haja um mundo ou realidade interna, e essa conquista só ocorre após o alcance da identidade unitária no estágio do EU SOU, sendo que a transicionalidade é anterior a este último”. O outro aspecto é que “Winnicott mantém a expressão ‘objeto interno’ para acentuar o ponto que verdadeiramente lhe interessa, a saber, que ‘o objeto transicional não é um objeto interno (que é um conceito mental)’; não tem, portanto, vida própria e depende, para a sua sobrevivência, da relação, da comunicação, enfim, da manutenção da continuidade dos cuidados ambientais” (p.240)

plataforma, a posição a partir da qual a vida pode ser vivida” (p.258).

3.4 O desenvolvimento da capacidade de ter fé no estágio “rumo à independência” e “independência relativa”

O estágio do concernimento anuncia que se operou no mundo interno da criança um considerável crescimento no que diz respeito à capacidade de se preocupar tanto com os efeitos de sua agressividade em relação à mãe, como com os resultados destas experiências em seu próprio eu (1958b [1950]). Esta conquista do amadurecimento aponta para algo que talvez seja significativo na compreensão do que se pretende esclarecer neste estudo que pergunta pelas raízes remotas da capacidade de ter fé. Isto implica considerar que a criança, sentindo-se satisfeita com seus impulsos (não obstante eles possam machucar o outro, possuindo assim uma conotação negativa), mas tendo uma base de apoio para vivenciá-los, fortalece a crença em si mesma e a confiança na própria vida. Diz Winnicott (1958b [1950]):

A satisfação do impulso faz com que ela (*a criança*) se sinta bem, e isto cria e sustenta a sua *confiança em si própria* e no que ela *poderá esperar da vida*. Ao mesmo tempo ela terá de reconhecer os seus ataques de cólera, ao fim dos quais ela se sente repleta de coisas ruins ou malignas ou persecutórias. Essas coisas ou forças más, encontrando-se dentro dela, criam uma ameaça a partir do interior à sua pessoa e também às coisas boas que formam a base de sua *confiança na vida*. (p.292; grifos nossos)

As experiências decorrentes da tomada de consciência do próprio potencial agressivo e a sua correspondente reparação são geradoras de profunda ansiedade e sentimentos ambivalentes na criança. Isto implica reconhecer, uma vez mais, o papel preponderante da mãe que, sobrevivendo a estes estados

alternados da criança, permite a ela atravessá-los, mantendo-se íntegra e adquirindo sempre mais a confiabilidade em si e no ambiente que lhe circunda. Assim expõe Winnicott (1963b [1962]):

Há uma *confiança* crescente de que haverá oportunidade para contribuir, para dar à mãe-ambiente uma confiança que torna o lactente capaz de tolerar a ansiedade. (...) A oportunidade para se doar e fazer reparação que a mãe-ambiental oferece por sua presença consistente capacitar o bebê a se tornar cada vez mais audaz ao experimentar seus impulsos instintivos. (p.73; grifo nosso)

Nesta mesma perspectiva, Dias (2003) comenta, reforçando a idéia de Winnicott sobre o papel desempenhado pela mãe e sua importância nesta etapa do amadurecimento:

O elemento essencial, aqui, é a presença contínua da mãe, a sua sobrevivência, durante todo o período em que o bebê ou a criança está integrando a agressividade que faz parte da sua natureza. Primeiro, por segurar a situação no tempo: a mãe permanece ali, viva e disponível, isto é, acessível, tanto fisicamente quanto no sentido de não estar preocupada com outra coisa durante o intervalo de tempo necessário entre o ataque agressivo do bebê, o advento da culpa e o gesto de reparação ou remendo. Segundo, pelo seu valor de sobrevivência, o que significa não retaliar, não mudar de atitude, não recuar sentindo-se pessoalmente ofendida pelo que seria um canibalismo do bebê, não adotar uma atitude moralista, visando educá-la ou treiná-la, logo cedo, para a civilidade. (...) Sobreviver significa, portanto, que a mãe não desiste de exercer o seu papel no processo de desilusão: ela suporta ser odiada. (p.262)

A não-desistência da mãe certamente é o elemento que permite à criança, além de lidar com os seus impulsos agressivos de modo a integrá-los posteriormente⁹⁰, uma certa confirmação daquilo que em etapas anteriores já se assimilara como confiança. Neste caso, a confiança é precisamente manifesta em vista do fato da não desistência da mãe e de sua sobrevivência à fúria instintiva da criança. Seria algo como se essa criança dissesse: “Esperou por mim, não desistiu. Posso contar com você, pois é confiável”. Winnicott, tratando sobre a comunicação entre o bebê e a mãe, finaliza sua exposição colocando na boca do bebê palavras que expressam uma gama de profundos e paradoxais sentimentos que exprimem com clareza os conflitos dessa fase, mostrando também, por outro lado, como a persistência amorosa da mãe favorece a descoberta de uma relação galgada na confiabilidade. Assim se refere Winnicott (1968d) à comunicação entre o bebê e a mãe:

Encontro você;
Você sobrevive ao que lhe faço à medida que
A reconheço como um não-eu;
Uso você;
Esqueço-me de você;
Você, no entanto, se lembra de mim;
Estou sempre me esquecendo de você;
Perco você;
Estou triste. (p.92)

Dias (2003) chama a atenção para outro aspecto importante nesta fase de concernimento: “a capacidade de reparação de um bebê é muito limitada e ele depende de que alguém reconheça a sua “dádiva simbólica”⁹¹ (p. 264). É possível, num exercício de imaginação, notar o quão desesperador deve ser tal estado para a criança nesta situação específica, mas pode-se também

⁹⁰ Deve-se recordar a passagem que ocorre nesta fase da “relação de objeto” para “uso do objeto”, o que representa um avanço no processo de amadurecimento, muito concorrendo para a maturidade emocional. Cf. Winnicott 1969i [1968]; 1989a (parte do cap.34)

⁹¹ Deve-se recordar, como exposto no cap. I, item 2.3, que o estágio do concernimento traz consigo a capacidade para sentir culpa em vista da tomada de consciência da própria capacidade da criança de ferir, machucar. Para aplacar esta culpa, a criança lança mão do que Winnicott chamou de “dádiva simbólica”, que vem a ser uma espécie de “presente” que visa reparar o dano que imagina haver causado. Cf. (1958b)

conjeturar com relação a toda pessoa humana este fato de não encontrar uma outra, aquela que desejaria encontrar para receber seu gesto restaurador e estar ali, naquele lugar, na hora em que houvesse a necessidade, sem se sentir no abandono, próprio de quem não dispôs de alguém que aceitasse uma oferenda ou reconhecesse uma tentativa de reparação (cf. 1958b). Winnicott chama de *abençoado*⁹² o bebê que pôde ter a presença de uma mãe disponível, pronta para receber o seu presente restaurador. Abençoado por ter experimentado a certeza confortadora de que não estava sozinho, pois alguém digno de confiança lhe acolheu, suportou sua agressividade, sobreviveu a ela e manteve seu vínculo de amor.

No estágio “rumo à independência”, no qual ocorre a chamada *cena primária* em que a criança se dá conta de ser a terceira pessoa num relacionamento triangular (ela e seus pais), há que se observar a presença do pai que, segundo Dias (2003), “no início do amadurecimento existia apenas como uma duplicação do papel materno” (p.266). Esta presença, agora mais evidente e mais notada pela criança, precipita experiências importantes em torno do que foi chamado de *capacidade de ficar só*, e se reveste de maior independência neste estágio, por não carecer tanto da contínua presença materna quanto o foi na dependência do início (idem, p.267). Isso implica no reconhecimento de uma confiança introjetada, agora posta à prova. A criança fica só⁹³ porque tem em si as condições de suportar o aparente distanciamento dos pais, visto ser ela a terceira dentro da relação. Isso não significa que ela adquiriu total independência e não mais precisará do apoio e do amparo deles. Os conflitos edípicos e os sobressaltos da adolescência exigirão, além desta base já de certo modo pavimentada, o constante apoio do ambiente. Dias (2003), perguntando-se pelo papel do ambiente neste estágio, conclui:

Quando mais se avança no amadurecimento, menor é a importância do ambiente em termos da estruturação da personalidade. Mas ele continua a ser importante de outra maneira: a criança necessita de um ambiente doméstico estável,

⁹² Winnicott observa: “O bebê abençoado com uma mãe que sobrevive, que reconhece um gesto de doação quando este ocorre, está agora em condições de fazer algo a respeito daquele buraco, o buraco no seio ou no corpo, criado imaginariamente no momento instintivo original.” (Cf. 1955c [1954], p. 365)

⁹³ Cf. Winnicott (1957g [1957]).

no qual se sinta segura, para poder brincar e sonhar, para elaborar sua vida interna convulsionada pela coexistência do amor e do ódio, sem ter de se preocupar com a estabilidade do lar. Para tanto, é preciso uma estrutura familiar que se mantenha sólida e sobreviva aos permanentes testes que a turbulência interna acarreta. É no interior da família que a criança pode avançar, passo a passo, do relacionamento entre três pessoas para outros círculos mais e mais complexos. (p. 276)

Winnicott concebe família como o lugar para onde se pode sempre voltar após as “viagens” próprias do espírito humano que anseia em sair para aventuras de cunho existencial, mas que precisa ter sempre a esperança de acolhida ao retornar. Aliás, pode-se perguntar: será que alguém sairia para esta viagem se não houvesse certa crença de que dispõe da liberdade para ir e conta certo com o amparo quando da volta? Winnicott (1961b [1957]) constata:

Nós escapamos, emigramos, trocamos o sul pelo norte e o leste pelo oeste devido às necessidades de nos libertarmos; e depois viajamos periodicamente de volta para casa para renovar o contato com a família. (...) A família protege a criança do mundo. (p.59-60)

Crescendo e desenvolvendo-se física e emocionalmente, tendo esta estabilidade afetiva e maturacional proporcionada pela família que significa, precisamente, relação de confiança com seus pais e consigo mesma, a criança pode atingir e atravessar o estágio de *identidade unitária*, tendo atingido o período da adolescência⁹⁴. Este período trará muitas exigências, mesmo da criança que chega “inteira”, isto é, saudável a esta etapa. São muitas as transformações físicas e psíquicas pelas quais o adolescente vai passar. No entanto, é razoável pensar que, se chegar a este estágio com uma estrutura de personalidade desenvolvida na base do que se está refletindo neste trabalho, terá, provavelmente maiores chances de prosseguir sua jornada com maior capacidade para lidar com ansiedades e demandas afetivas sem maiores danos e, assim, prosseguir íntegra

⁹⁴ Para maior aprofundamento: Winnicott (1971f [1967]); Dias (2003, p.292-294).

sua jornada maturacional. Considere-se aqui, como estrutura de personalidade, a capacidade de ter fé no entendimento winnicottiano de *fé em...*, ou seja, a capacidade para acreditar, a crença vista em si mesma e, por isso, a aptidão para ter fé nas pessoas, em si mesma e na própria vida enquanto valendo a pena de ser vivida. A passagem saudável por esta etapa da adolescência permite à pessoa a aquisição de um senso de *si-mesmo* e de *ser*, que estão associados à saúde, como afirma Winnicott (1971f [1967]):

À medida que rapazes e moças adolescentes deixam esse estágio, começam a se sentir reais, e adquirem um senso de *self* e um senso de *ser*. Isso é saúde. A partir do *ser*, vem o *fazer*, mas não pode haver o *fazer* antes do *ser* – eis a mensagem que os adolescentes nos enviam. (p. 7)

Num exercício de ampliação do tema deste trabalho, evidentemente incluindo-o na consideração geral da teoria do amadurecimento humano de D. W. Winnicott, pode-se conceber a capacidade para ter fé e o que essa capacidade encerra como importante chave de leitura que permite acessar certos aspectos da vida humana, quer seja vista na sua individualidade, quer seja vivida em sociedade, a exemplo da vida cultural, da religião e no âmbito específico da Psicanálise. Sobre esta última, Winnicott faz uma associação direta da questão da confiança ou crença relacionando-a, na prática clínica, à relação paciente-terapeuta. Analisando aspectos da psicoterapia, sobretudo no que diz respeito ao retraimento e à regressão, ele considera essencial que se estabeleça como condicional a dimensão da confiança. Declara:

O retorno da regressão depende da reconquista da independência, e se isto é bem trabalhado pelo terapeuta, a consequência é que a pessoa se encontrará numa situação melhor do que antes do episódio. Tudo isso depende obviamente da existência da *capacidade de confiar*, tanto quanto da capacidade do terapeuta de fazer jus à confiança. E é possível que ocorra uma longa fase preliminar do tratamento consistindo

exatamente na construção dessa *confiança*. (1988, p.163; grifos nossos)

Em outro momento, Winnicott, analisando um desenho feito por uma criança em acompanhamento analítico, assim conclui sua observação: “Este detalhe marcava uma fase intermediária, que indica o estabelecimento da *confiança*, e isto pode ser acompanhado por uma disposição de ir mais fundo” (1971b, p. 340; grifo nosso). Leve-se em consideração também toda a argumentação de Winnicott sobre o brincar e sua correlação com a psicoterapia, que é para ele uma forma sofisticada de brincar. Assim afirma ele: “A psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas” (1968i, p.59). Levando-se em consideração que, para Winnicott, o brincar⁹⁵ só acontece onde há *confiança*, pode-se deduzir que a relação que se verifica no *setting* analítico está configurada à *confiança*, como se pode confirmar neste trecho de um relato de caso no qual Winnicott refere-se aos termos *fé*, *crença* e *confiança*, dando-lhes o lugar de verdadeiro *holding*⁹⁶ para que o processo analítico se desenvolva nesta base de sustentação e amparo, tal qual a pessoa já vivenciou em período mais remoto. Ele narra:

Havia indicação forte que Patrick tinha *crença* na existência de pessoas confiáveis e observei que esta sua *fé* podia ser usada, se necessário, para fins terapêuticos: na derrubada de suas defesas e no reviver regressivo de suas experiências. Em tal caso, ele precisaria de um alto grau de dependência de alguém. (1965f, p.272; grifos nossos)

Além desta associação em que Winnicott coloca a *fé* ou a *confiança* na base da relação paciente-terapeuta permitindo a quebra de defesas e uma regressão aos níveis de dependência (que só ocorre mediante a *confiança*), pode-

⁹⁵ Cf. Winnicott (1989u).

⁹⁶ Diz Winnicott: “Sempre que compreendemos profundamente um paciente e mostramos isso através de uma interpretação correta e oportuna, estamos, de fato, oferecendo um *holding* ao paciente e tomando parte de um relacionamento no qual o paciente está, em algum grau, regredindo e dependente”. (1955 [1954], p 261)

se vislumbrar uma outra importante associação que ele aponta em relação a um dado da vida social. Trata-se da interpretação do fenômeno do comportamento designado por ele como *tendência antissocial*⁹⁷. Assim ele explica sua origem:

Uma criança sofre privação quando passam a lhe faltar certas características essenciais da vida familiar. Torna-se manifesto um certo grau do que poderia ser chamado de 'complexo de privação'. O comportamento antissocial será manifesto no lar ou numa esfera mais ampla. Em virtude da tendência antissocial, a criança poderá finalmente ter que ser considerada desajustada e receber tratamento num alojamento para crianças desajustadas, ou pode ser levada aos tribunais como criança incontrolável. (Winnicott, 1958c [1956], p.138)

Winnicott (1965ve [1963]) também ressalta o aspecto implícito na tendência antissocial que consiste na esperança de voltar ao tempo em que existia um arranjo melhor da vida:

A tendência antissocial se origina de uma privação e representa o pedido da criança para voltar à época anterior à privação, ao estado de coisas que conseguia quando tudo ia bem. (...) pode periodicamente manifestar a tendência antissocial (que é sua) como distúrbio de conduta. Este último está associado à esperança, e é ou da natureza do roubo, ou atividade agressiva ou destruição. É compulsivo. (p.185)

O mais significativo na consideração que Winnicott faz sobre este fenômeno da tendência antissocial diz respeito à originalidade com a qual ele a retrata, associando-a a uma história de vida que sofreu *deprivação*⁹⁸ e, por isso, procurará recuperar aquilo que perdeu ou nunca teve. É nesse sentido que Winnicott conjuga tendência antissocial e esperança (Winnicott, (1958c [1956]):

⁹⁷ Para uma maior explicitação, consultar Dias (2003, p.58), que contextualiza as circunstâncias que levaram Winnicott a formular este princípio.

⁹⁸ Esta palavra indica a situação da criança que sofreu uma privação de algo que ela já havia experimentado anteriormente. É neste sentido que ela procurará por algo que já foi vivenciado e em seguida, perdido.

A tendência antissocial implica esperança. A ausência de esperança é característica básica da criança que sofreu privação que, é claro, não está sendo antissocial o tempo todo. No período de esperança a criança manifesta uma tendência antissocial. Isso pode ser constrangedor para a sociedade em geral e para você, se a sua bicicleta é que foi roubada, mas aqueles que não estão pessoalmente envolvidos podem discernir a esperança subjacente na compulsão para roubar. (p.139)

A partir dos termos considerados neste estudo, pode-se atribuir a esta esperança um significado correlato à capacidade de acreditar, ter fé. Dessa forma, a esperança implica um pedido de ajuda para retornar a uma situação que já foi, de certo modo, vivida e, em seguida, perdida. “Na base da tendência antissocial está uma boa experiência inicial que se perdeu”, afirma Winnicott (1958c [1956], p.145). Entende-se que a pessoa ficou privada daquele amparo sustentador do começo e, mediante atitudes próprias da tendência antissocial, quer se fazer notada e reencontrar um ambiente que lhe devolva a sensação de segurança, confiança e amparo. A criança ou adolescente buscará este apoio porque ainda tem a esperança de encontrá-lo, ou melhor, reencontrá-lo. “No momento de esperança, a criança percebe um novo ambiente que possui alguns elementos de confiabilidade” (Winnicott, idem, p.146).

Winnicott faz uma importante observação quanto ao procedimento para se lidar com a tendência antissocial, oferecendo uma perspectiva nova na consideração de certos fenômenos sociais relevantes. Aponta mais no sentido da sua profilaxia do que propriamente do seu tratamento⁹⁹. Alerta, com isso, para a necessidade de se prover e manter um ambiente facilitador de um amadurecimento saudável, que possibilite à pessoa a integração de sua personalidade e lhe dê as bases para crescer e amadurecer, adquirindo a *fé em...* e, ao mesmo tempo, encontrando aquilo que preencha estas reticências, passando a indicar apenas a ‘capacidade para’. Dito de outro modo: ter fé em

⁹⁹ Winnicott (1958c [1956]) afirma que “o tratamento da tendência antissocial não é a psicanálise. É o provimento de cuidados à criança, que podem ser redescobertos pela própria criança e nos quais ela pode experimentar de novo os impulsos do id, com possibilidades de testá-los. É a estabilidade do novo suprimento ambiental que dá a terapêutica. (...) Se a criança está em análise, o analista deve permitir que o peso da transferência se desenvolva fora da análise ou então deve esperar que a tendência antissocial se desenvolva com total vigor na situação analítica, e deve estar preparado para suportar seu impacto”. (p.147)

alguém concreto e na própria vida como algo pessoal para o qual vale o esforço de vivenciar.

Não obstante a complexidade do tema e suas múltiplas formas de abordagem, talvez no campo da *fé religiosa*¹⁰⁰ se possa também lançar um pouco dessa compreensão desenvolvida neste estudo sobre a capacidade de ter fé, no sentido de indagar pelas motivações humanas que subjazem à experiência religiosa. Amatuzzi (2001), referindo-se às suas pesquisas nesta área, remonta à descrição fenomenológica de experiências religiosas colhidas no depoimento de várias pessoas. Diz este autor:

Pude constatar que esses depoimentos, embora manifestassem uma estrutura comum de experiência, por outro lado eram também bastante diferentes. Mostravam níveis diferentes de maturidade religiosa. E mais. Esses níveis tinham uma íntima relação com o nível de maturidade humana em geral. (p.25)

A correlação do nível de maturidade religiosa com o nível de maturidade humana em geral, assinalada por Amatuzzi, aponta para um vasto horizonte de pesquisa nesta área onde, decerto, há um lugar para o pensamento winnicottiano, que pode oferecer importante contributo na compreensão também deste campo do viver humano, pois Winnicott vislumbra essa possibilidade quando diz:

É preciso que possamos examinar as crenças religiosas e seu lugar na psicologia sem sermos considerados antagônicos à religião pessoal de ninguém. Encontrei outros que achavam que eu era antirreligioso em alguns de meus textos, e o que sempre ocorria era que eles se irritavam porque eu não era religioso à maneira deles. (1987b, p. 91)

¹⁰⁰ A fé, segundo, Amatuzzi (2001), “se torna religiosa quando ela se realiza como confiança básica (portanto, como um dos polos da fé enquanto tomada de posição básica diante da vida), implicando a afirmação ao menos implícita de um absoluto, incondicionado, transcendente, fonte última do sentido, em quem se deposita a confiança”. (p.31)

Desse modo, nas experiências de cunho religioso certamente se poderá ver, com os olhos de Winnicott, o mesmo homem e a mesma mulher que buscam por sentido de vida na realização do si-mesmo, num viver integrado, espontâneo e criativo. Winnicott tem uma visão positiva da religião, não obstante tenha questões importantes a lhe fazer¹⁰¹, como se verifica neste comentário da introdução de *Gesto espontâneo*: “Não era à religião que ele (Winnicott) se opunha, mas à religião que exigia crentes obedientes... A religião que esmagava a criatividade, sistemas fechados que não levavam em consideração a descoberta pessoal e a revisão atraíam sua ira” (1987b, p.XXX). Note-se, além dessa observação, o fato de que a religião pode comportar na linha deste estudo, um sustentáculo que ofereça *holding*, isto é, apoio e proteção a quem, em muitas situações, sobretudo naquelas de ordem existencial, se vê caindo e sem amparo, entendendo-se que, na queda ou para impedi-la, qualquer coisa é melhor que nada.

Considera-se, por fim, que o viver humano comporta o desafio de dar sentido para a vida a cada instante e ressignificar este sentido diante das vicissitudes implicadas no ato mesmo de viver. Neste sentido conta muito ter chegado à capacidade de acreditar, pois esta capacidade conduz à esperança de que a vida vale a pena de ser vivida, não obstante este viver também seja feito de dor e sofrimento, alegrias e tristezas. Maturidade não subentende ausência de dificuldades. Indivíduo saudável não é o que não tem problemas, mas aquele que os atravessa e mantém-se ainda em pé, mantendo sua integralidade. Como diz Winnicott:

A vida de um indivíduo saudável é caracterizada por medos, sentimentos conflitivos, dúvidas, frustrações, tanto quanto por características positivas. O principal é que o homem ou a mulher sintam que *estão vivendo sua própria vida*, assumindo

¹⁰¹Winnicott (1987b) associa a prática religiosa a certos distúrbios. Declara: “Provavelmente serei acusado de blasfêmia se disser que Cristo foi um eminente psicoterapeuta... Não é menos verdadeiro que os atos extremos e rituais e obsessões religiosas são a contrapartida exata desses distúrbios mentais, e, por meio da psicoterapia, muitos fanáticos ou extremistas religiosos podem (se tratados cedo) ser levados a uma compreensão real da religião, sendo ela usada no estabelecimento de um padrão ético elevado. Desse modo, faz-se com que deixem de ser um aborrecimento para a comunidade e um centro de proselitismo religioso e passem a ser membros normais e úteis da sociedade, numa posição a partir da qual podem se desenvolver de modo individual”. (p.6)

responsabilidade pela ação ou pela inatividade, e sejam capazes de assumir os aplausos pelo sucesso ou as censuras pelas falhas. (1971i [1967], p.10)

Conclusão

Procurei explicitar neste trabalho o conceito winnicottiano relacionado à capacidade de ter fé, vista em termos do seu desenvolvimento e em consonância com a teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott. Esta teoria, por si só, demandaria certamente, uma maior extensão e aprofundamento em vista de sua complexidade e exuberância conceitual. Por isso, busquei ater-me àqueles tópicos do pensamento mais de acordo com o objetivo específico desta dissertação – o desenvolvimento da capacidade de ter fé – não obstante tenha a sensação de que o pensamento de Winnicott, exposto em sua obra, investe-se de uma organicidade tal que um conceito liga-se a outro e uma idéia implica conhecer outra, de sorte que não se constitui tarefa fácil abordar um tema sem adentrar outro ou a ele referir-se.

Assim posto, considero ter, este tema da capacidade de ter fé, estreitas conexões com uma parte considerável da teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott, situando-se na mesma linha dos conceitos de que ele trata na perspectiva de seu amadurecimento ou desenvolvimento. Isso implica dizer que a capacidade para ter fé constitui uma conquista do processo de amadurecimento e, enquanto *capacidade*, parte de um polo que podemos considerar negativo (ausência ou não-capacidade) para um polo positivo, que seria a realização ou o acontecer daquilo que ela encerra. Desse modo, a capacidade para ter fé não é dada como algo que pertence à constituição genética, que se desenvolve apenas por força e obra da própria natureza biológica da pessoa. Ela é fruto de um arranjo que inclui aspectos inatos presentes naquilo que Winnicott chamou de *natureza humana*, que, conjugados com todas as interações humanas, o ambiente, concorrem decisivamente para que esta e todas as capacidades humanas se manifestem em termos de vida afetiva, emocional e existencial.

Tomei como parâmetro para explicitar o conceito de capacidade de ter fé, vista na ótica do seu desenvolvimento, a noção de *dependência* como um dado da teoria do amadurecimento de Winnicott, que perpassa todo o itinerário descrito por este autor e é fundamental para a compreensão das tarefas e conquistas próprias de cada estágio do amadurecimento humano. Margeando a dependência desde o seu início quando, segundo Winnicott, ela é absoluta, em

seguida, num segundo momento, passando a ser relativa e encaminhando-se para o estágio “rumo à independência” e independência relativa na maturidade, descrevi aquilo que Winnicott associou diretamente ao que convencionalmente chamei, ao longo deste trabalho, de capacidade de ter fé e à qual ele referiu-se diretamente em termos de *fé em...*, aludindo-se ao aspecto da sua transitividade, por não se tratar de fé nisso ou naquilo, mas a capacidade mesma, vista em si, para esta fé. Não obstante haja essa referência direta ao tema da capacidade para ter fé, percebi que outros termos correlatos podem-se associar à compreensão deste tema numa relação que eu diria sinônímica. Assim, palavras e expressões como confiança, relação de confiabilidade, crença, segurança, esperança e espontaneidade estão na obra de Winnicott implicados entre si e, quando conjugados, apontam para uma mesma direção.

Constato que a capacidade de ter fé pode ser descrita em vista de seu *surgimento* na fase de dependência absoluta e dependência relativa; do seu *desenvolvimento* no estágio “rumo à independência” e o *amadurecimento* ou estabelecimento desta capacidade no estágio de independência relativa. Evidentemente trata-se de uma referência descritiva destes processos. Eles não são estanques nem se encerram naquele determinado estágio, mas dinâmicos de modo que sua incidência pode-se fazer notar em quaisquer outros estágios e circunstâncias da vida.

Recordo que para Winnicott a dependência é um *fato* que se verifica em todo o percurso do amadurecimento humano e é tornado possível por uma interação da criança com o ambiente, cujo protótipo é a mãe. Esta interação, que será sempre crescente, funda-se na base da confiabilidade, sendo esta relação de confiança o que dá conta de resolver os desafios inerentes à dependência.

Na fase de dependência absoluta, Winnicott trata de algo que entendo consistir nos primórdios desta relação de confiança. Trata-se daquilo que ele chamou de *espontaneidade* e *reatividade*, que são modos de o bebê agir ou reagir ao meio a partir de certa interioridade e que marcam, de certo modo, o início de um padrão de seu relacionamento com o ambiente. Quando age espontaneamente, o bebê expressa algo que em certo sentido é seu, por isso pode-se afirmar que ele expressa seu *ser*. Do contrário, quando precisa agir reativamente, sinaliza que perdeu a espontaneidade e, desse modo, a ação defensiva, motivada pela intrusão, tolhe a expressão do seu *ser*. A rigor, nos termos deste trabalho, não se pode falar aqui de capacidade para a fé, mas algo

importante principia com este movimento espontâneo ou reativo do bebê, que talvez tenha incidência sobre esta capacidade.

No estágio de dependência absoluta, é necessário retomar o que Winnicott descreveu sobre o ato de *segurar* o bebê, o *holding*. Como visto no capítulo 2, *holding* tem a ver com sustentação, manejo e com o ato de segurar o bebê, o que implica, para Winnicott, uma comunicação entre o bebê e sua mãe, na qual aquele se sente confiante, porque segurado, sustentado no espaço e protegido para que não venha a cair. Winnicott refere-se a este contato silencioso como uma *comunicação silente*, na qual a confiabilidade é dada como certa. Nesta etapa, Winnicott fala em *crença na confiabilidade*.

O mais significativo e, talvez, o cerne da capacidade de ter fé, está posto nas considerações que Winnicott faz sobre a relação mãe-bebê, vivenciada em torno dos eventos da amamentação. A “descoberta” do seio pelo bebê, que experimenta ser um *criador de mundos*, dá-lhe a sensação de que as coisas que existem são obra de sua criação: ele vive o que Winnicott chamou de *ilusão de onipotência*. A mãe que ali está e coloca o seio para que o bebê o encontre na ilusão de que foi ele que o criou, é a mesma que permite e ampara sua ilusão de onipotência, embora possa, depois, na fase do desmame, concorrer para a perda desta mesma ilusão. Restará a *ilusão básica*, isto é, aquela sensação de que as coisas externas existem independentes de ele tê-las criadas, mas possuem uma coloração pessoal e a marca subjetiva própria de algo que vindo de fora, começa a fazer parte da vida interior agora com um ressignificado. Estabeleceu-se com isso uma mudança significativa no modo de perceber a realidade. Retomo, no entanto, a importância destas ocorrências para ressaltar aquilo que Winnicott chamou de *crença em*, uma vez que a *ilusão compartilhada* deu ao bebê o suporte para acreditar em algo exatamente porque houve essa primeira vez em que alguém confirmou seu achado, amparou-lhe positivamente quando de sua ilusão e fez surgir nele a capacidade de acreditar.

Tomo como relevantes os cuidados e as atitudes destes primeiros meses de vida de uma criança, pois é em torno destas primeiras experiências que se fundamenta a *fé em...*, de modo que a quem faltou esta forma de contato com a realidade, certamente faltará a capacidade para a *crença em...* A quem foi possibilitado a *crença em...* poderá seguir na vida com a possibilidade de completar as reticências, isto é, nos relacionamentos e contatos humanos pode

viver a experiência de acreditar, ter fé e confiar, uma vez que a capacidade para isso pré-existe.

Em suma, nesta fase de dependência absoluta, a confiabilidade passa a se constituir como uma crença em função do padrão regular de cuidado e amparo que foi se formando na mente do bebê, de tal sorte que ele dispõe desta crença na confiabilidade e assim desvincula-se da mãe, a quem reconhece como uma imagem ou uma lembrança que o ajuda a esperar o seu retorno, vivendo aquilo que se chamou *ficar só na presença de alguém*. Com isso prenuncia-se a chegada ao estágio de dependência relativa.

O desmame, e com ele a fase de desilusão, precipitam alterações consideráveis no amadurecimento e marcam uma nova etapa no que chamamos de capacidade de ter. Por força destas circunstâncias, a criança passa a lidar de maneira mais objetiva com a realidade e se vê desafiada por esta. Nesta etapa, a confiança, uma vez presente e instalada, dará conta de fazer frente às frustrações de um mundo e de uma realidade que parecem se desfazer. Caberá à mãe-ambiente manter este mundo minimamente inteiro e reforçar, pelo vínculo afetivo, a confiança de que, mesmo que o mundo se desfaça, é possível ter um lugar em si onde há algo inteiro em que ele pode habitar em segurança – um mundo subjetivo –, afastando-se temporariamente da árdua tarefa de dar conta da realidade nua e crua. A transitividade (o fenômeno transicional, o objeto transicional e o brincar) é o fenômeno que possibilita habitar neste “lugar” que nem é fora nem é dentro, estando assim numa linha fronteira onde há elementos da realidade e, ao mesmo tempo, conteúdos da vida interior da criança.

Destaco o aspecto da *confiança* presente na consideração winnicottiana do brincar, enquanto gesto espontâneo e criativo, no qual a criança, em certo sentido, pode ausentar-se e flutuar num mundo que é, a um só tempo, real e imaginário, mediante a simbolização implícita no ato de brincar. Não havendo segurança da presença-ausência da mãe, confiança em seu amparo e esperança do seu retorno, a criança não se entregaria a este mundo ilusório da brincadeira e não habitaria neste *espaço potencial*. Portanto é a capacidade de acreditar em... que favorece o brincar.

Verifiquei que os estágios “rumo à independência” e “independência relativa” se caracterizam, grosso modo, por uma maior autonomia da criança em relação à mãe, em consequência do estabelecimento e integração da vida instintual e do *status* unitário. A criança chegou à distinção do eu/não-eu, marco

importante do amadurecimento humano que lhe capacita preocupar-se com sua agressividade em relação aos seus efeitos sobre a mãe e sobre seu próprio eu. As experiências que decorrem da tomada de consciência do próprio potencial agressivo e a possibilidade de reparação dos danos que eles possam causar são geradoras de profunda ansiedade para a criança. A presença contínua da mãe desempenha papel fundamental nessa fase do *concernimento*, pois, sobrevivendo à instabilidade da criança e mantendo-se inteira, a mãe possibilita a ela a confirmação de que dispõe de um ambiente confiável e disponível mesmo diante de suas investidas agressivas. Dispõe-se também a aceitar o seu gesto reparador, o que implica a manutenção da relação de confiabilidade, com a criança reafirmando sua crença em um mundo que, não obstante seus impulsos instintivos, se mantém, não desistindo dela.

Refletindo sobre o ambiente familiar onde a criança ou o adolescente vivem uma experiência ampliada de suas relações, verifiquei que, para Winnicott, a importância do ambiente, nesta etapa, diminui em relação ao seu peso na estruturação da personalidade. A dependência, no entanto, continua, embora com menor incidência. Em termos do nosso objetivo neste trabalho, verifiquei que, nesta etapa do amadurecimento e pensando a partir da capacidade de ter fé, a família ocupa a função de ser o lugar para onde o adolescente poderá sempre retornar e dele dispor quando da volta de suas “andanças” à procura de novos horizontes, aventurando-se na busca de maior liberdade e independência. A certeza de que alguém o espera e de que existe esse lugar que é seu, dá ao adolescente a segurança de poder sair e a esperança de sempre retornar e ser acolhido. Isso implica a confirmação de um ambiente digno de confiança e de uma fé que existe e é confirmada pelo amparo familiar.

A título de extensão do conceito winnicottiano de capacidade de ter fé, procurei relacioná-lo a certos aspectos profiláticos na educação e cuidados de crianças e adolescentes. Considerei aquilo que Winnicott tratou em termos de *tendência antissocial* que, como vimos, carrega as marcas da *esperança* e da crença em ser de novo encontrado... Esperança de ter de novo algo que foi, em certo momento, perdido e que agora é buscado na forma de comportamentos que causam sofrimentos à pessoa e a toda uma coletividade, soando como um pedido de ajuda.

Penso que este conceito aqui explicitado oferece uma importante contribuição enquanto chave de leitura para a compreensão de fenômenos

relacionados à experiência religiosa, especificamente de cunho pentecostal. Esta expressão religiosa possui características peculiares que a tornam interessante para um estudo porquanto suscita questionamentos em vista de sua complexidade e incidência considerável na vida das pessoas e da sociedade de modo geral. O conceito de desenvolvimento da capacidade para ter fé tocou em temas que guardam determinada proximidade com aqueles verificados no ambiente pentecostal, a saber, a esperança, a confiança, a segurança e o estreito vínculo entre seus membros que fornecem amparo e um tipo de sustentação confortadora. Consideremos, além destes dados, aquilo que já é, de modo geral, próprio das experiências religiosas, ou seja, que elas suscitam e provocam um contato com dimensões profundas e importantes da vida das pessoas, na medida em que se ligam a valores, sentimentos e emoções por elas considerados importantes. Amatuzzi (2001), no seu estudo do desenvolvimento religioso, constatou haver correlação entre o amadurecimento religioso e o amadurecimento humano em geral; relacionando essa sua idéia com alguns dados empíricos de minha experiência pessoal no contato diário com toda sorte de demanda de ordem religiosa, concluo que um aprofundamento neste sentido pode trazer algum benefício teórico e prático. Manifesto minha crença de que a ciência não pode tudo e não tem todos os saberes, mas acredito que, naquilo que lhe é próprio e a partir de seu método específico de buscar clarificar a experiência, ela pode nos dizer algo a respeito deste vasto e complexo campo da experiência humana, que possui desdobramentos de ordem psíquica, sociológica, política, etc.

O conceito winnicottiano de capacidade de ter fé, o qual explicitarei em termos do seu desenvolvimento, exemplifica como a psicanálise deste autor oferece novos parâmetros de consideração para esta ciência que tem em Sigmund Freud seu impulsor inicial, mas que, ao longo do tempo e da história, tem assumido contornos variados. Ao lado de grandes expoentes da psicanálise, como, por exemplo, Melanie Klein, Bion, Ferenczi, Dolto e Lacan, Winnicott acena com a possibilidade de uma psicanálise isenta dos conceitos metapsicológicos de Freud e de uma certa tradição psicanalítica que, variando apenas em grau mantém viva a mesma intuição deste autor, não obstante conserve seu marco peculiar, a noção de inconsciente e a sua importância na constituição e determinação de aspectos consideráveis da personalidade. Em Winnicott tem-se uma Psicanálise que se constitui a partir daquilo que da vida humana é factível e

não especulativo como os conceitos metapsicológicos de Freud¹⁰². Evidente que é outro o lugar para esta discussão, mas quis tão-somente pontuar que em Winnicott se vislumbra a possibilidade de uma psicanálise atenta à realidade humana nos pormenores do contato humano, nas sutilezas da convivência e dos relacionamentos e que ofereça, no *setting analítico*, aquelas condições ambientais que possibilitem à pessoa um universo de confiança tal que a faça reaver as situações afetivas e existenciais que se constituíram como entraves à felicidade e à espontaneidade de um viver fundado na integração de um *si-mesmo* autêntico, fruto de um contínuo processo de amadurecimento.

¹⁰² Acosto-me ao trabalho de Fulgencio (2008), *O método especulativo em Freud*, que, em profundidade de análise, sustenta como a doutrina freudiana constitui-se nas bases empíricas de moldes kantianos. Diz Fulgencio ao final do seu livro: “O longo caminho percorrido até aqui, para caracterizar o lugar e a função da teoria metapsicológica de Freud, fornece, a meu ver, um ponto de partida firme e claro para avaliarmos as diversas propostas metapsicológicas pós-Freud, bem como, e sobre esse ponto certamente haverá grandes discordâncias, a hipótese de que é possível uma psicanálise sem uma superestrutura especulativa, ou seja, sem metapsicologia”. (p. 441)

Referências bibliográficas

Abram, J. (2000). A linguagem de Winnicott. Dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott. Rio de Janeiro: Revinter.

Aguayo, J. (2002). Reassessing the clinical affinity between Melanie Klein and D. W. Winnicott (1935-51). Klein's unpublished 'Notes on Baby'. Em: "Historical context", *International Journal of Psychoanalysis*, n. 5, v. 83 (p.1133-1152).

Aguiar, M. A. F. (1992). *Psicologia aplicada à administração: Teoria crítica e a questão ética nas organizações*. São Paulo: Excellus.

Almeida, F. A. (2003). *Em busca da confiança necessária para viver criativamente pelo brincar: a criança diante da cirurgia cardíaca*. Tese de Doutorado em Psicologia, Universidade de São Paulo (USP) São Paulo.

Amatuzzi, M. M. (2001). Esboço da teoria do desenvolvimento religioso. Em: *Entre necessidade e desejo*. São Paulo: Loyola.

Aranha, M. L. A. e Pires Martins, M. H. (2004). *Filosofando: Introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna.

Arcangioli, A. M. (1995). Introdução à obra de Winnicott, In Nasio, J. D. *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Dias, E. O. (2003). *A Teoria do Amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.

Figueiredo, L. C. (2007). *Confiança: a experiência de confiar na clínica psicanalítica e no plano da cultura*. Revista brasileira de psicanálise [online]. set. 2007, vol.41, n. 3 [citado 30 Abril 2008], p.69-87. Disponível em: http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000300008&lng=pt&nrm=iso. ISSN 0486-641X.

Fulgencio, L. (2008 [2001]). *O método especulativo em Freud*. São Paulo: Educ-FAPESP.

_____ (2006). Fulgencio, L. *O uso da noção de paradigma para estudo e pesquisa da Psicanálise*. Conferência dada no I Encontro Científico do Grupo de Pesquisa e Práticas Psicoterápicas (GFPP) do Programa de Estudos Pós-Graduados em psicologia Clínica da PUCSP, dezembro de 2006.

_____ (2006): *Esboço para uma descrição do processo de amadurecimento a partir de D. W. Winnicott*. Conferência apresentada na I Jornada D. W. Winnicott em Campinas, setembro de 2006.

_____ (2007). O brincar como modelo do método de tratamento psicanalítico. Artigo não publicado.com citação autorizada pelo autor.

_____ (2007). *Esboço para uma descrição do processo de amadurecimento a partir de D. W. Winnicott*. Trabalho apresentado no II Colóquio Winnicott do triângulo mineiro. 2007.

Khun, T. S. (2000). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva.

Mello Filho, J. (1989). *O ser e o viver*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Natureza Humana (2007). *Bibliografia Winnicottiana*. Revista. Volume 9 (especial I) São Paulo: Editora PUC–SP Educ.

Newman, A. (2003). *As idéias de D. W. Winnicott – Um guia*. Rio de Janeiro: Imago.

Phillips, A. (2006). *Winnicott*. Aparecida, SP: Idéias e Letras.

Queralt, A. (1993) Crente. Em: *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulus.

* Winnicott, D. W. (1945d). Desenvolvimento emocional primitivo. Em: *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, W16.

_____ (1948b). Pediatria e psiquiatria. Em: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, W6.

_____ (1953a [1952]). Psicoses e cuidados maternos. Em: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, W6.

_____ (1953c). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. (2ª versão). Em: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, W10.

_____ (1954a [1949]). A mente e sua relação com o psicossoma. Em: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, W6.

_____ (1955c [1954]). A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. Em: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, W6.

_____ (1955d [1954]). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto psicanalítico. Em: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, W6.

_____ (1955e [1954]). Retraimento e regressão. Em: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, W6.

_____ (1957n [1949]). Um homem encara a maternidade. Em: *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: LTC editora, W7.

_____ (1958a). Textos selecionados da pediatria à psicanálise. Em: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, W6.

_____ (1958b [1950]). A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. Em: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, W6.

_____ (1958c [1956]). A tendência antissocial. Em: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, W6.

_____ (1958d [1952]) Ansiedade associada à insegurança. Em: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, W6.

_____ (1958f). Memórias do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade. Em: *O Ambiente e os processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, W9.

_____ (1958g [1957]). A capacidade para estar só. Em: *O Ambiente e os processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, W9.

_____ (1958n [1956]). Preocupação materna primária. Em: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, W6.

_____ (1960c). Teoria do relacionamento paterno-infantil. Em: *O Ambiente e os processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, W9.

_____ (1961b [1957]). Fatores de integração e desintegração da vida familiar. Em: *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, W8.

_____ (1963c). Os doentes mentais na prática clínica. Em: *O Ambiente e os processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, W9.

_____ (1963d). Moral e educação. Em: *O ambiente e os processos de maturação*. São Paulo: Artmed, W9.

_____ (1964a). *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: LTC editora, W7.

_____ (1964e [1963]). O valor da depressão. Em: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, W14.

_____ (1965d [1962]). Os objetivos do tratamento psicanalítico. Em: *O Ambiente e os processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, W9.

_____ 1965f. Um caso de psiquiatria infantil que ilustra a reação retardada à perda. Em: *Explorações psicanalíticas*. São Paulo: Artmed, W19.

_____ (1965j [1963]). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. Em: *O Ambiente e os processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, W9.

_____ (1965m [1960]). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self. Em: *O Ambiente e os processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, W9.

_____ (1965n [1962]). A integração do ego no desenvolvimento da criança. Em: *O Ambiente e os processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, W9.

_____ (1965p [1960]). Família e maturidade emocional. Em: *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, W8.

_____ (1965r [1963]). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. Em: *O Ambiente e os processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, W9.

_____ (1965s [1955]). Influência de grupo e criança desajustada. Em: *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, W8.

_____ (1965t [1950]). Crescimento e desenvolvimento na fase imatura. Em: *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, W8.

_____ (1965vc [1962]). Provisão para a criança na saúde e na crise. Em: *O Ambiente e os processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, W9.

_____ (1965vd [1963]). Distúrbios psiquiátricos e processos de maturação infantil. Em: *O Ambiente e os processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, W9.

_____ (1965ve [1963]). Psicoterapia dos distúrbios de caráter. Em: *O Ambiente e os processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, W9.

_____ (1965vf [1960]). O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. Em: *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, W8.

_____ (1965vf [1960]). O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. Em: *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, W8.

_____ (1965vg [1960]). A respeito de segurança. In *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, W8.

_____ (1967b). A localização da experiência cultural. Em: *O brincar e a realidade* (1971a). Rio de Janeiro: Imago, W10.

_____ (1968b). O aprendizado infantil. Em: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, W14.

_____ (1968d). A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. Em: *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, W16.

_____ (1968f [1967]). O ambiente saudável na infância. Em: *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, W16.

_____ (1986h). Vivendo de modo criativo. Em: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, W14.

_____ (1968i [1967]). O brincar – uma exposição teórica. Em: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, W10.

_____ (1969b [1968]). A amamentação como forma de comunicação. Em: *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, W16.

_____ 1969i [1968]. O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações. Em: *O brincar e a realidade* (1971a). Rio de Janeiro: Imago, W10.

_____ (1970a). A dependência nos cuidados infantis. Em: *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, W16.

_____ (1970b [1969]). A experiência mãe-bebê de mutualidade. Em: *Explorações psicanalíticas*. São Paulo: Artmed, W19.

_____ (1971a). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, W10.

_____ (1971b). *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Imago, W11.

_____ (1971d [1970]). As bases para o *self* no corpo (parte do capítulo 34, Winnicott 1989a). Em: *Explorações psicanalíticas*. São Paulo: Artmed, W19.

_____ (1971f [1967]). O conceito de indivíduo saudável. Em: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, W14.

_____ (1971g). A criatividade e suas origens. Em: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, W10.

_____ (1971q). O lugar em que vivemos. Em: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, W10.

_____ (1971vb). "Introdução" (O brincar e a realidade). Em: *O brincar e a realidade* (1971a). Rio de Janeiro: Imago, W10.

_____ (1974). O medo do colapso (*breakdown*). Em: *Explorações psicanalíticas*. São Paulo: Artmed, W19.

_____ (1984h [1968]). Sum, eu sou. Em: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, W14.

_____ (1986h). Vivendo de modo criativo. Em: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, W14.

_____ (1986k [1961]). Psicanálise e ciência: amigas ou parentes? Em: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, W14.

_____ (1987a). Os bebês e suas mães. São Paulo: Martins Fontes, W16.

_____ (1987b). O gesto espontâneo, cartas selecionadas. Em: *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes, W17.

_____ (1987c [1966]). As origens do indivíduo. Em: *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, W16.

_____ (1987e [1966]). A mãe dedicada comum. Em: *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, W16.

_____ (1988). *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, W18.

_____ (1989a). *Explorações psicanalíticas*. São Paulo: Artmed, W19.

_____ (1989m [1964]). A importância do *setting* no encontro com a regressão na psicanálise. Em: *Explorações psicanalíticas*. São Paulo: Artmed, W19.

_____ (1989n [1970]). Individualização. Em: *Explorações psicanalíticas*. São Paulo: Artmed, W19.

_____ (1989u). Notas sobre o brinquedo. Em: *Explorações psicanalíticas*. São Paulo: Artmed, W19.

_____ (1989xa [1969]). O uso do objeto no contexto de Moisés e o monoteísmo. Em: *Explorações psicanalíticas*. São Paulo: Artmed, W19.

_____ (1989xf [1962]). Primórdios de uma formulação de uma apreciação e crítica do enunciado kleiniano da inveja. Em: *Explorações psicanalíticas*. São Paulo: Artmed, W19.

_____ (1993h [1956]). O que sabemos a respeito de bebês que chupam pano? Em: *Conversando com os pais*. São Paulo: Martins Fontes, W20.

*As referências à obra de Winnicott foram feitas segundo a classificação estabelecida por Knud Hjulmand (1999), professor do Departamento de Psicologia da Universidade de Copenhagen. As letras minúsculas (1965**b**, por exemplo) referem-se a livros publicados no mesmo ano, de acordo com a ordem cronológica. Esta bibliografia está presente na Revista Natureza Humana, volume 9, número especial 1, maio de 2007, revista esta publicada pelo Grupo de Pesquisa em Filosofia e Práticas Psicoterápicas da PUC-SP. Também estou incluindo os dados da classificação, feita por Harry Karnac (1996). Nesta classificação, os livros de Winnicott estão numerados de 1 a 21 (W1, W2, W3, etc), também publicada em natureza Humana.